Maria José Pereira Rocha

TRÊS LENTES PARA O FEMINISMO

Marília
2002

MARIA JOSÉ PEREIRA ROCHA

TRÊS LENTES PARA O FEMINISMO

Marília

2002

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17

MARIA JOSÉ PEREIRA ROCHA

T 1402

TRÊS LENTES PARA O FEMINISMO

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, *campus* Marília, sob a orientação do Professor Dr. Paulo Ghiraldelli Júnior, como requisito para obtenção do Título de Doutora.

1410001402



Marília, 2002





MARIA JOSÉ PEREIRA ROCHA

TRÊS LENTES PARA O FEMINISMO

COMISSÃO JULGADORA

TESE PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE DOUTOR

Presidente e Orientador **Prof. Dr. Paulo Ghiraldelli Júnior.**

2° Examinadora **Profa. Dra. Clélia Aparecida Martins.**

3° Examinadora **Prof. Dr. Marcus Vinícius Cunha.**

4° Examinador **Profa. Dra. Maurides Batista de Macêdo F. Oliveira.**

5° Examinador **Prof. Dr. Robinson Janes.**

Marília, 15 de agosto de 2002.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

DADOS CURRICULARES

MARIA JOSÉ PEREIRA ROCHA

NASCIMENTO 10/04/1955 – Goiânia, GO.

FILIAÇÃO: Henrique Pereira da Rocha
Geralda Divina Lemos Rocha

1977-1980 Curso de Graduação em Pedagogia, com Habilitação em Orientação Educacional na Universidade Federal de Goiás – UFG.

1986-1990 Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social, nível de Mestrado, na Escuela Nacional de Antropologia e História na Cidade do México, D.F., México.

1991 Concurso para Professor no Departamento de Filosofia e Teologia, na Universidade Católica de Goiás – UCG.

1998-2002 Curso de Pós-Graduação em Educação, nível de doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Convênio Inter-institucional UCG/UNESP-Marília.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

À minha filha Moara

Aos meus pais

A todas as mulheres que lutam.

AGRADECIMENTOS

O desejo, nesse momento, é simplesmente reconhecer e celebrar mais uma conquista, uma vitória:

Sou feliz e dou graças à vida por ela ter me dado tanto.

Eu me rendo à evidência da competente orientação dizendo: obrigada, Paulo, pela possibilidade de exercer a relação ensino-aprendizagem de forma tão amorosa.

Dou graças aos professores e aos colegas de curso que contribuíram para ampliar o meu processo de crescimento; à família a qual pertenço e que proporcionou as condições materiais e afetivas da minha existência.

Dou graças à Moara, pela compreensão e tolerância na convivência diária da construção deste trabalho.

Dou graças a todos os amigos que contribuíram de alguma maneira para a realização dessa jornada e por fazerem parte dessa construção coletiva.

E de modo muito particular, quero agradecer as pessoas que testemunharam essa minha experiência de transgressão, amor e de aprendizagem: Angelita, Regina Sueli, Horácio, Aldevina, Raquel, e Albineiar.

Por fim meu agradecimento:

Ao Departamento de Filosofia e Teologia pela liberação de carga horária e incentivo na realização desse doutoramento.

À Universidade Católica de Goiás por proporciar a qualificação de seus professores em convênio interinstitucional com a Universidade Estadual Paulista, campus de Marília.

À Vice-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa por viabilizar o convênio garantindo as condições necessária à conclusão deste estudo.

À professora Iria Brzezinski, por coordenar e acompanhar o curso com firmeza, garantindo a excecusão e conclusão do mesmo.

Ao Programa Interdisciplinar da Mulher-Estudos e Pesquisas que por dez anos lutou, resistiu, fomentou e contribuiu com a reflexão de gênero no Centro-Oeste. Meu obrigada às bravas guerreiras: Terezinha, Zilda, Bete, Eline e Zeneide.

À Oficina Mulher onde tudo começou, fazendo jus ao significado da sua origem e por ter ousado sonhar com uma utopia feminista.

Finalmente, quero agradecer a Maria Freire pelo carinho e disponibilidade com que acolheu e revisou meu texto.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

REFLEXOS

Olho ao redor
e não vejo luz.
Tudo é tão opaco
e faz mal.
Procuro o brilho
que aquece
e projeta uma saída.
Zezé P. Rocha

ANTÍGONA

Antígona *(G. Antigone). (1) Filha de Édipo e de Jocasta (ou Epicasta), e irmã de Ismene, de Eteoclés e de Polinices (vv.). Desfeitas pelo adivinho Tirésias as dúvidas a propósito de suas terríveis desventuras, Édipo cegou-se e partiu de Tebas para levar uma vida errante, tendo como guia Antígona; essas viagens sem destino levaram pai e filha até Colono, na Ática, onde Édipo morreu. Antígona regressou então a Tebas, onde juntou-se à sua irmã Ismene, mas lá esperava-a nova desgraça. Seus dois irmãos, Eteoclés e Polinices, que se achavam em campos opostos na guerra dos Sete Chefes (v.) contra Tebas, mataram-se em combate diante de uma das portas da cidade. O rei Creonte (v.), tio dos dois irmãos mortos e de Antígona e de Ismene, proporcionou funerais solenes a Eteoclés, que morrera pelejando pela pátria, mas decretou que Polinices não poderia ser sepultado, pois lutara contra a sua cidade em companhia de estrangeiros. Antígona, entretanto, rebelou-se contra o edito de Creonte, considerando o sepultamento um dever mais forte que as leis dos homens, principalmente em se tratando de parentes, e cumpriu, embora sumariamente, os ritos fúnebres de Polinices. Creonte, encolerizado com a desobediência, condenou a sobrinha a ser encerrada viva nas catacumbas de seus antepassados, onde ela se enforcou. Hêmon, noivo de Antígona e filho de Creonte, encontrando-a sem vida, matou-se junto ao cadáver, levando com seu gesto Eurídice, mulher de Creonte e sua mãe, ao desespero e ao suicídio.*

Sófocles inspirou-se nesta heroína para escrever uma das tragédias mais belas de todos os tempos-a Antígona (Kury, 2001, p.35).



SUMÁRIO

RESUMO 9

ABSTRACT 10

RESUME 11

INTRODUÇÃO 12

1. DESCRIÇÃO DO FILME "IF THESE WALLS COULD TALK" 15

2. FEMINISMO E PRAGMATISMO 22
   2.1. O Feminismo como Esperança 22
      2.1.1. Segunda onda do feminismo 33
      2.1.2. Possibilidades para uma epistemologia feminista 47
   2.2. Feminismo e pragmatismo e educação-amor 58
      2.2.1. Sob a inspiração do pensamento de Rorty 58
      2.2.2. Discussões acerca do feminismo e do pragmatismo 66
      2.2.3. Nas teias do feminismo e educação 78

3. DESCRIÇÃO PARCIAL DO FILME "IF THESE WALLS COULD TALK" E ANÁLISE DOS EPISÓDIOS 87
   3.1. Primeiro episódio 87
      3.1.1. Os nós da autonomia e da transgressão 104
   3.2. Segundo episódio 113
      3.2.1. Mulheres presas no dilema da maternidade e da autonomia 127
   3.3. Terceiro episódio 141
      3.3.1. O aborto legal como conquista e como transgressão 160

CONSIDERAÇÕES FINAIS 173

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 179

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

RESUMO

Três lentes para o feminismo é a aposta em uma nova modalidade de reflexão e análise com o objetivo de contribuir com a produção do conhecimento. É dessa perspectiva que oferece-se a possibilidade concreta de uma nova visão para o feminismo nos moldes sugeridos por Rorty (1991) que propõe um pragmatismo feminista capaz de buscar, criar novas abordagens, novos vocabulários e nesse sentido que seja capaz de criar uma nova versão de nós mesmos. A opção pelo filme *If These Walls Could Talk* como instrumento de redescrição e análise tem especial relevância na medida em que forja, e renova as elaborações teóricas construídas sobre essa temática. Esta tese apresenta três capítulos que foram desenvolvidos da seguinte maneira: O primeiro capítulo é uma sinópse do filme que oferece uma visão global dos três episódios que o compõem. No segundo capítulo privilegia-se a reflexão do feminismo fazendo uma conexão com o pragmatismo que fornece as bases para se tecer os argumentos dirigidos a cada lente no que se refere as situações em que o ato de amor aparece nas relações de vida e nas relações pedagógicas. No capítulo seguinte, a cada episódio realizam-se sua redescrição e análise no recorte proposto por esta investigação. *Três lentes para o feminismo* permitem avaliar não só o conteúdo do filme e o quadro teórico. Elas proporcionam a avaliação de vida, das relações mãe e filha, das relações pedagógicas que envolvam qualquer assunto, amigos, alunos e a relação com a militância feminista. É na esteira destas constatações que acredita-se que esta investigação cumpre um papel importantíssimo no campo da reflexão na medida em que suscitará outras perguntas, outras problematizações sobre temas ainda não abordados: violência, medo, campo simbólico, preconceito, maternidade, interferência da igreja na autonomia do corpo da mulher, campanhas de legalização do aborto, influência do cinema na denúncia de questões complexas como as discutidas aqui. Todos esses temas representam instigantes possibilidades de estudo e pesquisa.

Palavras-chave: Feminismo, aborto, pragmatismo, educação.

unesp

ABSTRACT

Three lenses to the feminism is a belief in a new modality of reflection and analysis aiming to contribute with the production of knowledge. From this perspective one can offer a concrete possibility of a new view to the feminism in the form suggested by Rorty (1991) that proposes a feminist pragmatism able to search and create new approaches, new vocabularies, and in this direction, able to create a new version of ourselves. The choice for the film If These Walls Could Talk, as a tool for re-description and analysis has a special relevance as it forges and renews the theoretical elaborations on the theme. This thesis comprises three chapters developed in the following way: the first chapter is a synopsis of the film offering a global view on the three episodes contained in it. In the second chapter a reflection on feminism is privileged. A connection with the pragmatism is made offering the basis to weave the arguments addressed to each lens on regard to the situations in which the act of love appears in life relations and in pedagogical relations. In the next chapter, at each episode a re-description and analysis are made in the sample selected by this investigation. Three lenses to the feminism allows to assess not only the content of the film and the theoretical picture, as well as assessing life, the relationship between mother and daughter, pedagogical relations which involves any issue, friends, pupils and the feminist struggle. Based on these facts it is believed that this investigation accomplishes a very important role in the field of reflection for it elicits other questions, other themes not yet dealt with: violence, fear, symbolic field, prejudice, motherhood, church interference on the woman body autonomy, abortion legalization campaigns, movie influence to denounce complex issues as those discussed here. All those themes represent instigating possibilities of studies and researches.

Key words: Feminism, abortion, pragmatism, education.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

RESUMÉ

Trois verres pour le féminisme constitue le pari fait sur une nouvelle modalité de réflexion et d'analyse, dans le but de contribuer à la production de la connaissance. C'est à partir de cette perspective que se présente la possibilité concrète d'une nouvelle vision pour le féminisme selon les modèles suggérés par Rorty (1991), lequel propose un pragmatisme féministe capable de rechercher, de créer de nouvelles approches, de nouveaux vocabulaires et par conséquent, qui soit capable de créer une nouvelle version de nous-mêmes. L'option faite pour le film *If These Walls Could Talk*, comme instrument de redescription et d'analyse, possède une importance toute spéciale dans la mesure où cette redescription forge et rénove les élaborations théoriques construites sur cette thématique. Cette thèse présente trois chapitres développés de la manière suivante: le premier chapitre est une synopsis du film qui offre une vision globale des trois épisodes qui le composent. Dans le deuxième chapitre, il a été privilégié une réflexion sur le féminisme, laquelle effectue une connexion avec le pragmatisme qui fournit les bases pour élaborer les arguments dirigés à chaque verre en ce qui concerne les situations où l'acte d'amour apparaît dans les relations de la vie et dans les relations pédagogiques. Dans le chapitre suivant, il est effectué, pour chaque épisode, la redescription et l'analyse selon le découpage proposé par cette recherche. *Trois verres pour le féminisme* permet d'évaluer non seulement le contenu du film et le cadre théorique, mais il permet également de réaliser l'évaluation de la vie, des relations entre mère et fille, des relations pédagogiques qui touchent à autant de sujets tels les amis, les étudiants ou la relation avec le militantisme féministe. C'est sur la base de ces constatations que nous croyons que cette recherche remplit un rôle très important dans le domaine de la réflexion, dans la mesure où elle suscite d'autres questions, d'autres problématiques sur des thèmes encore non abordés: violence, peur, domaine symbolique, préjugé, maternité, interférence de l'église en ce qui concerne l'autonomie du corps de la femme, campagnes de légalisation de l'avortement, influence du cinéma dans la dénonciation de questions complexes comme celles discutées ici. Tous ces thèmes représentent d'intéressantes possibilités d'étude et de recherche.

Mots clés: Féminisme, avortement, pragmatisme, éducation.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

INTRODUÇÃO

Haveria mil maneiras para iniciar este trabalho. Porém, pensando nele como um todo, iniciá-lo-ei com uma frase que tem estado presente e desafia o percurso realizado na elaboração desta tese – *Insistir na transgressão é deixar-se seduzir pelo impossível* (Oliveira, 1992, p.22).

Esse insistir na transgressão tornou-se visível na escolha do filme *If These Walls Could Talk*[1] que apresenta um tema polêmico como o aborto dentro da estrutura familiar. Insistir na transgressão toma forma na opção feita para elaborar e analisar os episódios. Essa tarefa é muito similar a de quem faz um trabalho artesão, de quem pinta uma tela, esculpe uma rocha ou a palavra. É similar ao trabalho de uma poeta que faz e refaz, rascunha e volta a rascunhar até chegar à forma desejada.

O deixar-se seduzir pelo impossível cresce à medida que se confronta o seu significado com o desejo de redescrever e recontar o filme. A possibilidade de construir, reconstruir esse impossível aconteceu a partir de dois momentos especialíssimos: o contato com a crítica à existência de uma epistemologia feminista, feita por Susan Haack (1998), em que ela fornece elementos para dialogar e ampliar a discussão de tudo que se encontra sob essa rubrica, e o contato com a noção de Redescrição que, segundo Ghiraldelli:

---

[1] Esse filme foi traduzido no Brasil em 1998, com o seguinte título: "O preço de uma escolha".

unesp

> é uma tarefa da imaginação. É com imaginação que redescrevemos a nós, aos outros e ao mundo de modo a podermos nos ver incluídos, junto com indivíduos com quem até então pensávamos não ter qualquer coisa em comum, em um número crescente de grupos significativos para nós podendo então, exatamente por esta razão, estender a tais indivíduos sentimentos reservados para aqueles que consideramos 'um de nós' (1999, p.62).

Valendo-se dessa noção de redescrição como tarefa da imaginação, encontra-se a elaboração de *Três lentes para o feminismo* que constitui, em primeiro lugar, a possibilidade concreta de uma nova visão para o feminismo nos moldes propostos por Rorty (1991), o qual sugere um investimento em um pragmatismo feminista capaz de buscar, criar novas abordagens, novos vocabulários e, nesse sentido, que seja capaz de criar uma nova versão de nós mesmos. Em segundo, as três diferentes histórias, as três diferentes famílias e a forma como o aborto é visto nos três momentos históricos do feminismo nos EUA. Terceiro, essas lentes também propiciam a ampliação e o enfoque sobre os três eixos desenvolvidos neste trabalho, tais como: a transgressão, o ato do amor na relação de vida e na relação pedagógica e a identidade de grupo. Merece destaque também o fio simbólico que tece a rede que compõe os laços de familia dos três episódios.

A escolha do filme como instrumento, como ferramenta de redescrição e análise, tem especial relevância no sentido de forjar, de renovar as elaborações teóricas erigidas sobre essa temática. E de forma peculiar proporcionar mais e variadas perguntas e assim continuar fomentando a discussão sobre esse tema.

Com base nesses parâmetros e lançando mão do mito de Antígona, das noções de autonomia/heteronomia mediadas pela categoria transgressão, vai-se rebordando a narrativa do filme, alinhavando o significado do aborto e do não-aborto no coração da epistemologia feminista. Não se pode deixar de dizer que

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Antígona é o mito que permeia este trabalho porque, sendo filha da transgressão (Édipo e Jocasta), ela nasceu para transgredir.

Esta costura exigiu mais do que categorias, demandou a ousadia e a coragem de imaginar o impensado. Nesse sentido, a estrutura desta tese é semelhante à estrutura narrativa do filme. O primeiro capítulo é uma sinópse de *If These Walls Could Talk* que oferece uma visão global dos três episódios que o compõem. No segundo capítulo privilegia-se a reflexão do feminismo fazendo uma conexão com o pragmatismo que fornece as bases para se tecerem os argumentos dirigidos a cada lente, no que se refere às situações em que o ato de amor aparece nas relações de vida e nas relações pedagógicas. No capítulo seguinte, a cada episódio realizam-se sua redescrição e análise no recorte proposto por esta investigação. Talhar dessa forma as reflexões, permitiu apresentar uma nova abordagem teórica do aborto dentro da evolução da família americana, a partir do pragmatismo rortiano.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

1. DESCRIÇÃO DO FILME "*IF THESE WALLS COULD TALK*".

Quando alguém está perdido ou pressionado, a tendência é procurar uma saída, uma trilha, uma chave, uma direção que o oriente. Seja ela qual for. Num processo de elaboração teórica, quase sempre aparece uma luz. No caso específico, o que surge nesse momento é um brilho que vem de uma estrofe de Carlos Drummond de Andrade (1988) que sugere: "Chega mais perto e contempla as palavras. Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta, sem interesse pela resposta pobre ou terrível, que lhe deres: Trouxeste a chave?" (p.187)

O enigma parece insolúvel. Quem tem a chave? Com ou sem chaves é preciso fazer tentativas no sentido de usar as palavras, talhá-las, esculpi-las, burilá-las e explicar o que pode ser lido e olhado por múltiplos olhares.

Com base nessa compreensão, buscou-se a utilização do filme *If These Walls Could Talk* como um instrumento, uma chave da qual a autora se apropria para entender e elaborar um enfoque que dê conta de articular o feminismo, o pragmatismo e a educação-amor[2] contribuindo, assim, para ampliar o horizonte sobre as questões tão caras a mulheres e homens. Essa é a escolha!

---

[2] Essa noção é pensada a partir da reflexão de Rorty (2000) sobre as ocasiões de relacionamento erótico entre o professor e o estudante.

unesp

Nessa perspectiva, o referido filme abre uma cortina e escancara as possibilidades de imagens das relações nas quais acontece o aborto. O filme mostra o espaço ambíguo onde se travam as experiências de aborto ilegal, não-aborto e aborto legal, no âmbito do doméstico, do público, nas relações do casal, mãe e filha, irmão e irmã, na maternidade e as dificuldades para se tomar qualquer decisão.

Consciente de que quase nenhuma teoria é capaz de esgotar uma explicação, ou uma noção, enfatiza-se que a abordagem priorizada nesta tese é a análise do aborto dentro das relações familiares, considerando aspectos das relações pedagógicas na sua vinculação com o feminismo e o pragmatismo. Essa opção permite afirmar que esses são os argumentos que tecerão as pegadas de desconstrução e reconstrução da relação feminismo, pragmatismo e educação. Por isso aqui se faz uma advertência no sentido de explicitar que os argumentos centrais desta elaboração teórica não são sobre violência, cinema feminista, crítica de cinema feminista, representação feminina, campo simbólico, mídia, religião e semiótica. Ela está atravessada por esses vários temas sugestivos, mas seu foco principal não são eles.

Antes da descrição total do filme são necessários alguns esclarecimentos:

- Não se trata de uma tese pró-aborto, mas de uma reflexão que envolve a legalização do aborto.
- O objetivo da descrição total do filme *If These Walls Could Talk* pressupõe um leitor que vá ver ou que já assistiu ao filme. Este capítulo é uma opção a mais para a compreensão do mesmo.
- Esta tarefa cumpre o papel de mostrar alguns aspectos sucintos da história em questão.



Nesse primeiro momento, far-se-á um breve relato, à semelhança de sinópse, de cada um dos episódios ocorridos no filme, objeto desta análise. A história retratada revela três situações, quais sejam: um aborto mal-sucedido; a opção por um não-aborto e a realização de um aborto legal seguido de morte. Esses momentos situam-se dentro de três histórias familiares nos EUA.

> *O filme If These Walls Could Talk, 1996, EUA direção: Nancy Savoca e Cher. Com: Demi Moore, Sissy Spacek, Cher, Catherine Keener, Joson London, Shirley Knight, CCH Pounder, Xander Berkeley, Anne Heche, Jada PinKett, Rita Wilson, Lindsay Crouse conta a história de três mulheres que, em épocas diferentes, famílias diferentes, em momentos angustiantes de suas vidas, tiveram de enfrentar um dilema: o aborto.*

Como introdução das três histórias, a primeira cena do filme sucede em uma cozinha, equipada com vários apetrechos e uma sala em tons pastéis. O foco da câmara vai deslizando em outro espaço: aparecem luzes de velas, rostos de mulheres e mãos entrelaçadas. O que vem a seguir são cenas de uma manifestação; do lado esquerdo da tela surge a imagem do capitólio e na parte central superior o rosto de uma mulher que grita palavras de ordem para outras que estão de costas para a câmara.

Depois tem-se o enquadramento do Presidente Clinton que sorri e acena para o público, justapondo-se fotografias da manifestação de mulheres. Ouve-se uma voz que diz: "Nós temos poder, temos presença e conhecimento". Mais algumas imagens e vozes anunciando: "Nem igreja, nem Estado. As mulheres devem decidir."

Logo sobressai a voz de um homem em meio a uma sucessão de fotos: "O pró-vida está crescendo, isto é uma guerra". Outras representações da manifestação surgem e também a frase: "Não vamos recuar". Simultaneamente a câmara enfoca um homem que diz: "São doentes, tarados".

Na seqüência, uma tempestade de fotografias de mulheres, crianças, policiais, homens e um padre, além de muitos cartazes e faixas sobre o aborto. Uma senhora idosa vocifera: "Vocês têm que se arrepender". Ao que um grupo de mulheres retruca: "Nem igreja, nem Estado! As mulheres devem decidir!"

Em rápidos *flashes* aparecem soldados com armas em punho, o ex-presidente Nixon, Jane Joplin, Angela Davis, imagens de uma jovem e roupas que estavam na moda, à época, ou seja, em 1952. Aparece também a foto de uma *miss* vestida com sua faixa e *maiô*. Depois, uma mulher e um homem numa queda de braço, ilustrando a cena e a frase: "Queremos igualdade agora". Ouve-se uma repórter: "Ontem, a controvérsia sobre o aborto começou".

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

A tela se enche de imagens de mulheres. Ouve-se uma voz feminina: "Não vou negociar com assassinos de bebês" (provavelmente essa pessoa era alguma parlamentar no exercício do poder). Outra voz se ouve: "Façam bebês, não corpos. Não toleramos mais leis... que degradem, mutilem e assassinem mulheres". Surgem representações de mulheres vestidas de branco com luvas também brancas; cartazes com a figura de um cabide ensangüentado são o destaque. Fazendo coro a essas imagens, a voz de um homem pergunta: "E os direitos da criança? Quando se fala em direitos da mulher..." Surge o rosto de um homem de meia idade, grisalho que continua falando: "Fala-se em 1/3 dos direitos envolvidos". Em seguida aparece Gloria Steim: "Ouça, querida, se os homens ficassem grávidos..." Fotos dos manifestantes com cartazes se interpõem ao discurso e Gloria continua afirmando: "Minha vida, minha escolha. O aborto seria um sacramento". A câmara focaliza a frente de um prédio e a frase: "O tribunal decidiu que..." O foco agora mostra um homem que narra: "Nos três primeiros meses de gravidez, se a mulher e seu médico..." Essa fala vem acompanhada de cenas de mulheres ativistas, com cartazes sobre o aborto, movimentando-se no local. Um cartaz escrito com letras vermelhas surge no meio da grande manifestação. Sobre essa representação, o escrito: "Obrigada, tribunal, podem decidir pelo aborto".

Na seqüência, mulheres aplaudem. Depois uma música, imagens de Marilyn Monroe, um soldado. Mais cenas de mulheres, uma fazendo *bambolê*, outra entregando um sanduíche, outra de véu e grinalda entra, com o noivo, em um carro que está cheio de mensagens e desejos de felicidades para os noivos. A cena que se sucede é a de um carro de polícia e a sentença: "Sete presos em manifestação pelo aborto". Aparece uma mulher com um longo vestido vermelho, em frente a um carro novo. As imagens continuam se sucedendo, uma após a outra. O ângulo da câmara dirige-se para a notícia de um jornal. "Médico preso por homicídio". Contrapondo a essa situação, vê-se uma jovem sorridente, em uma cozinha, depois mulheres trabalhando em uma fábrica.

A mensagem do jornal anuncia: "Vítima no Bronx, suspeita – se de aborto". Em contraste, aparece uma jovem sorrindo. A câmara gira e imagens se descortinam. Médicos em uma sala de cirurgia: "Juri investiga abortos do Brooklyn". Ao mesmo tempo, mulheres costuram algo no chão e uma jovem mulher em branco e preto joga um beijo para a câmara. Essa imagem se dilui e aparece a casa onde se desenrolará o primeiro episódio.

O primeiro episódio acontece em 1952. O marido da enfermeira Claire Donnelly morre na guerra da Coréia. Viúva há seis meses, tem o apoio dos sogros mas, solitária e triste, envolve-se com o cunhado. Mesmo sendo uma única relação sexual, engravida. Dadas as circunstâncias, não pode revelar o seu segredo. Sem muita escolha, procura a ajuda de um médico no hospital em que trabalha. Este se recusa a ajudá-la. Claire faz outra tentativa procurando a ajuda da enfermeira-chefe que lhe diz que já foram despedidas duas enfermeiras na semana anterior. Recomenda que ela busque ajuda em outro lugar. Desesperada, Claire fala com uma vizinha que vende produtos Avon e pergunta-lhe se ela não conhece um lugar que faz aborto. A senhora diz que não mas que procurará saber.

No hospital, a enfermeira-chefe lhe dá um número de telefone às escondidas. Ela liga para o número e uma senhora atende dizendo que pode ajuda-lá só que custa muito caro. É mencionada uma cifra e Claire responde que não tem tanto dinheiro assim. A pessoa promete ajudá-la e diz que alguém entrará em contato com ela. Um indivíduo de nome Tom liga para ela



no hospital e lhe informa que o serviço custará quatrocentos doláres e que será à vista. Ela aceitou e combinam a realização do aborto para aquele dia às 20h. O homem chega na hora combinada carregando uma maleta. Ele recebe o dinheiro antecipadamente, ordena que Claire deite-se sobre a mesa da cozinha e realiza a operação com instrumentos não esterilizados e sem anestesia. Quando termina diz-lhe que se tiver hemorragia deve chamar o hospital. A moça ficou sobre a mesa esvaindo-se em sangue.

Quando a cena muda, Claire está de pé falando ao telefone, pedindo ajuda; a câmara passeia pela cozinha e mostra as roupas e o chão cobertos de sangue. Ela desmaia antes de conseguir dar seu endereço.

O segundo episódio acontece em 1974, na residência da dona de casa Barbara Barrows, que tem uma família feliz, um bom marido e quatro filhos saudáveis.

Enquanto sua filha mais velha prepara-se para entrar na universidade, Barbara volta a estudar. Em uma conversa com seu orientador ela propõe estudar sobre a possibilidade de pesquisar a vida pessoal de uma poeta. Ela quer saber como a poeta concilia trabalho, família e filhos. Mas uma gravidez inesperada coloca em risco seus planos. Procura ajuda, conversa com uma amiga que sugere o aborto. Barbara lê e pesquisa muito sobre o assunto e não chega a nenhuma conclusão. Conversa com seu marido que aceita a gravidez. Já a filha mais velha lhe diz que ela cometeu um erro e que não vai pagar pelos erros cometidos por seus pais, porque quer ir para a universidade. Esta insiste que a mãe deve abortar. Diante desse conflito, Barbara desiste do estudo; conversa com a filha assumindo que terá o bebê e que a filha irá para a universidade.

O terceiro episódio ocorre em 1996, quando a jovem estudante Christine Cullen tem um relacionamento com seu professor e fica grávida. Ele é casado e, ao ficar a par da situação, dispensa-a dando-lhe dinheiro. Para piorar ainda mais as coisas, sua melhor amiga não lhe dá apoio e se afasta. Sem ajuda e sozinha, Christine resolve procurar uma clínica; do lado de fora encontra grupos de mulheres religiosas fazendo plantão para impedir a realização de abortos. Dentro da clínica, várias pessoas capacitadas para lidar com o problema se enfrentam com as manifestantes que estão do lado de fora.

Christine decide pelo aborto e marca o dia para realizá-lo. Os manifestantes do grupo Pró-vida cercam a clínica enfurecidos. Depois de muita confusão, a Drª Beth Thompson consegue entrar na clínica e fazer o aborto. Quando está terminando, entra na sala de cirurgia um homem armado e dispara várias vezes contra a doutora que cai ao solo, ensangüentada. Christine, com grande esforço, desce da mesa de cirurgia, apóia a cabeça da médica no colo e grita por socorro. Essa é a última cena.

A preocupação central, ao descrever inicialmente as três histórias de forma sintética, visa dar uma idéia global da problemática social-educativo-política abordada no filme. Após examinar retrospectivamente a redescrição total do filme neste primeiro capítulo, nota-se que sobressai um elemento que costura as três

histórias. É o aspecto simbólico que, evidenciado no título *If These Walls Could Talk*, pode ser traduzido assim: "Se as paredes pudessem falar..." O que elas diriam sobre as relações familiares na convivência com as situações de aborto e *não-aborto*, num contexto permeado pelo ressurgimento, pelas conquistas e transformações do feminismo? Se as paredes pudessem falar o que elas revelariam sobre o amor como relação de vida e como relação pedagógica?

Na continuidade dessa dimensão simbólica mostrada no filme, outro destaque é dado pela casa em reforma. Ela abre cada episódio sugerindo um significado para o enredo de cada história, no sentido de construção que abriga algo, mas, ao tempo, desconstrói e reconstrói novas histórias.

A primeira cena do filme revela o ambiente de uma cozinha onde será realizado um aborto. Esse ambiente aparece em contraste com o espaço da sala, da rua, da manifestação. Dir-se-ia que há um elo que une os dois espaços, subentendendo-se a *"fala"* que vem de dentro da cozinha, de dentro das paredes e ganha o espaço público, coletivo.

É mais uma analogia, mais uma releitura do *slogan* feminista da década de sessenta: "O privado é político". Simbiose perfeita para o título: "se as paredes pudessem falar..." Elas certamente revelariam histórias.

Também são dignas de nota nessa construção e desconstrução simbólica as imagens do capitólio, do Presidente Clinton em contraposição com as fotografias das mulheres na manifestação. As frases: – "Nós temos poder, temos presença e conhecimento" e "Nem igreja, nem Estado! As mulheres devem decidir!" – registram posições antagônicas e as diferenças de concepções entre masculino e feminino. Outro elemento de grande força simbólica é a fala de Gloria Steim, feminista considerada ícone do movimento na época, afirmando: "Ouça, querida, se os homens



ficassem grávidos..." "Minha vida, minha escolha. O aborto seria um sacramento". Todo o filme, e particularmente a parte introdutória, traz uma riqueza de imagens simbólicas que estão presentes em cada episódio. Aqui destacam-se somente as que foram consideradas mais significativas para a discussão desenvolvida até o momento.

É necessário enfatizar que, no capítulo que se segue, a elaboração do texto visa esclarecer o leitor que o instrumento utilizado para enfrentar a análise proposta é o pragmatismo como uma teoria *ad hoc* para o feminismo. Em seguida far-se-á a reflexão do pragmatismo como uma filosofia que aconselha a não-identidade de grupo. Finalmente privilegiar-se-á a relação feminismo e pragmatismo e educação-amor. Com relação ao terceiro capítulo, a aposta se dá em primeiro lugar através da descrição ampla do primeiro episódio, do segundo e do terceiro, cena por cena. É fundamental frisar que os eixos condutores dessa elaboração são os seguintes: transgressão, amor como relação de vida e como relação pedagógica e identidade de grupo. Em seguida, a modalidade desenvolvida será a de desconstruir, a de encontrar e recriar nexos entre as situações de aborto representadas no filme, o feminismo e a educação, tendo como pano de fundo a leitura do mito de Antígona.

unesp

2. FEMINISMO E PRAGMATISMO

Para estabelecer a ponte entre feminismo e pragmatismo e educação, faz-se um duplo movimento: a) apresentar o feminismo como movimento e como campo teórico e b) o pragmatismo como um instrumento teórico que lança luz sobre essa problemática. É necessário insistir que o caminho escolhido fornece alguns atalhos. A primeira etapa dessa jornada registra as origens históricas do feminismo, a segunda remete ao movimento feminista dos anos sessenta denominado de a *Segunda onda*, a terceira trata-se da possibilidade de uma epistemologia feminista, a quarta enfoca o pensamento de Rorty, a quinta etapa apresenta as discussões entre feminismo e pragmatismo e, por fim, privilegia-se a articulação do feminismo com a educação.

2.1. O Feminismo como Esperança

Antes de explicitar as origens do feminismo, é bom lembrar que essa elaboração centra-se em duas grandes perspectivas teóricas: feminismo enquanto movimento e feminismo enquanto campo teórico. Nessas duas vertentes ele se afirma como um veio de esperança para o pensamento e para a *práxis* social direcionada à busca da ampliação de direitos, da liberdade humana, principalmente a das mulheres.

unesp

Com relação à primeira perspectiva, o feminismo conta com um arcabouço teórico que pode ser rastreado a partir de um exame da literatura que indica o aparecimento desse termo no final do século XVIII. De acordo com o *Diccionario Ideológico Feminista* de Victoria Sau (1981), a primeira referência ao feminismo está relacionada com os cadernos de queixas na França que datam de 1788. Em 1789 foi publicado um documento anônimo dirigido ao Rei, com o seguinte título *Pétition des femmes du Tiers Etat au Roi,* no qual se reivindicava o direito à instrução e ao emprego, com o intuito de evitar a prostituição e educar melhor os filhos.

O Marquês de Condorcet, defensor da causa feminina em 1790, escreveu um artigo sobre a admissão das mulheres ao direito de cidadania. Reivindicava o direito ao voto ainda que censitário, mas não o sufrágio universal, o direito à educação e ao trabalho. Um aspecto especial chama a atenção: desde as origens do feminismo observa-se que a educação e a cidadania estiveram presentes como pontos fundamentais das reivindicações feministas.

Olympia de Gouges, em 1791, publica *Los Derechos de la mujer y de la Ciudadani*a, uma réplica feminina e feminista da *Declaração de direitos do homem* que não contemplava as mulheres, antes as excluía. O texto de De Gouges pedia também a abolição do matrimônio e sua substituição por um contrato social entre o homem e a mulher em paridade de direitos. Nesse mesmo ano, abrem-se clubes femininos na França nos quais as mulheres discutiam sobre a situação política a respeito de sua própria condição.

Em agosto de 1792, as francesas obtiveram a lei do divórcio e em setembro puderam ser testemunhas no registro civil. Porém, esses avanços não perduraram e as conquistas retrocederam. Em junho de 1793, seus direitos políticos foram extintos. Sau, descrevendo esses acontecimentos ligados à Revolução Francesa,

unesp

relatou que, em outubro, se ordenou que os clubes femininos fossem dissolvidos, proibiram a reunião de mais de cinco mulheres na rua (1981, p.107-108). Em conseqüência de sua atuação, Olympia de Gouges e a senhora Roland (importante lutadora da Revolução Francesa) foram guilhotinadas e outras mulheres foram presas.

A palavra feminismo surgiu primeiro na França (Feminisme) e depois na Inglaterra a partir de 1890 (feminism), em substituição a Womanism ("mulherismo"). Na Espanha, o termo apareceu na bibliografia, em 1899, no livro de Adolfo Posada: *Feminismo.*

Como movimento, esse termo é definido pelo *Diccionario (patriarcal) Ilustrado de la Lengua,* (Sau, 1981) como: "Doutrina social que concede à mulher igual capacidade e os mesmos direitos que os homens." E conforme o *Larouse:* "Tendência a melhorar a posição da mulher na sociedade".

Victoria Sau o define

> como um movimento social e político que inicia formalmente no final do século XVIII – ainda que sem adotar todavia esta denominação – e que supõe a tomada de consciência das mulheres como grupo ou coletivo humano da opressão, da dominação, da subordinação e da exploração de que tem sido e são objeto por parte dos varões no seio do patriarcado em suas distintas fases históricas de modelo de produção, as quais a movimenta na ação para libertação de seu sexo com todas as transformações da sociedade que aquela requer (1981, p.107).

Na longa trajetória de atuação do movimento feminista, pode-se destacar várias lutas: educação, cidadania e trabalho. Porém, a principal luta que o feminismo realizou foi a do sufrágio feminino que compreende o final do século XIX até as primeiras décadas do século XX. Toda a movimentação em prol do voto caracteriza-se como a primeira fase do movimento.



Os anos sessenta do século XX marcam a segunda onda do movimento feminista que se amplia e abriga-se em seu interior variadas correntes de pensamento.

Segundo *Un Diccionario Ideológico Feminista* (*idem*, p.112-113), este se divide em:

a) *Feminismo burguês* – origina-se no bojo da Revolução burguesa. Composto por mulheres da classe burguesa e aristocrática. Reformistas e defensoras de oportunidades iguais para a mulher em relação ao homem sem, no entanto, questionar o modelo ecônomico-social.

b*) Feminismo sufragista* - luta em prol do voto feminino e da cidadania (1880- até a primeira Guerra mundial).

c) *Feminismo católico* - luta pelo direito das mulheres em assistir aos Concílios, de serem ordenadas sacerdotes e pela melhoria do *status* das freiras.

d) *Feminismo socialista* - está ligado às mulheres que militam em partidos socialistas ou comunistas.

e) *Feminismo radical* - as mulheres que o compõem crêem que esse grupo deve se organizar sem a presença dos homens por que a luta que travam deve ser contra as instituições patriarcais.

f) *Feminismo homossexual* - está organizado por mulheres lésbicas e que lutam pelo direito de ter uma vida privada e uma sexualidade sem a ingerência do Estado e de autoridades.

g) *Feminismo da diferença* - defende as qualidades femininas que são inerentes às mulheres, tais como: a sensibilidade, a intuição, uma agressividade menor. Igualdade, no entanto, respeitando-se as diferenças (p.112-113).

unesp

Todo esse movimento, essas lutas e reivindicações produziram um impacto significativo, ao longo do século XX que sem sombra de dúvidas, deu maior visibilidade ao sexo feminino.

Depois dessa exposição teórica o que mais poderia ser dito sobre o feminismo? Poder-se-ia dizer que essa produção, essas correntes são frutos de intensas lutas, de denúncias, de reivindicações desse movimento que provoca grandes mudanças no Sec. XX. no que concerne à organização feminista.

Com relação à década de 1950, o que as mulheres tinham era o silêncio, algumas organizações, grupos e associações que lutavam por melhorias salariais e profissionais com a preocupação de ocupar o espaço. O que vai mudar essa situação tem a ver com algumas produções teóricas, como: *O Segundo Sexo,* de Simone Beauvoir (1980), *A Mística Feminina,* de Betty Friedman (1963), *A Política Sexual,* de Kate Milett (1969) e *Nuestros Cuerpos, Nuetras Vidas* do Colectivo del Libro de Salud de las Mujeres de Boston (1984) que reúne mulheres para discutir a sexualidade, o corpo e avançar no lema: *o pessoal é político.*

Dessa perspectiva, a chave para vincular as três histórias do filme ao aborto, ao feminismo, aparece com as primeiras cenas de manchetes de jornais e fotos relâmpagos das três épocas e seus respectivos contextos. As imagens, no início do filme, são retratadas de forma rápida, fragmentada. Tomam-se fotos de várias situações ligadas ao tema num processo de montagem, de construção de algo. Depois, finalmente se desconstroem na contradição e representação das imagens fragmentadas; de novo estas voltam a ser construídas através de cada história e, de forma curiosa, é sempre a mesma casa como cenário e espaço geográfico onde os episódios se desenrolam como espaço de autonomia e transgressão. Não se fala explicitamente em nome do feminismo, mas aparecem

unesp

manifestações a favor e contra o aborto e discursos de feministas. O fio condutor das histórias é o aborto.

Com relação ao feminismo desse período, Alves e Pitanguy (1991, p.49) consideram que os anos de 1930 e 1940 representam um período em que, formalmente, as reivindicações das mulheres, de maneira geral, haviam sido atendidas: podiam votar e ser votadas, ingressar nas instituições escolares, participar do mercado de trabalho. Para as autoras, nessas décadas, ocorre, no entanto, um refluxo na organização das mulheres.

Em 1949 a escritora francesa Simone de Beauvoir, anteriormene citada, publica o livro *O segundo sexo*. Conforme Alves e Pitanguy (1991) sua obra contém uma análise da condição da mulher e, como eixo central, destaca que as mulheres sempre foram marginalizadas porque os homens de todas as classes e partidos lhes negaram uma existência autônoma (1991, p.52). Essa produção teórica pode ser considerada um marco, à medida que delineia os fundamentos da reflexão feminista que ressurgirá a partir da década de 1960 (p.52).

Prosseguindo no exame desse período, é relevante apontar que Betty Friedman (1963) teve como suporte os postulados teóricos do estudo de Beauvoir para escrever a *Mística feminina* que retrata as novas características da opressão da mulher na sociedade industrial. A autora recolhe, nos Estados Unidos, uma série de depoimentos de mulheres de classe média que corresponderiam ao ideal da "rainha do lar". Detecta o que denominou de "o mal que não tem nome" e que se traduziria por uma frustração constante e indefinida (*Apud* Alves e Pitanguy, 1991, p.52-53).

No final de 1960, foram dados os primeiros passos na construção de uma teoria feminista. É publicado o livro *Política sexual* de Kate Millet (1969) que analisa historicamente as relações entre os sexos, afirmando que o sistema

unesp

patriarcal é um sistema universal de dominação prevalente em todas as culturas e que penetra as religiões, leis, costumes de todas as civilizações; propõe-se fazer uma análise política das relações de sexo (*idem*, p.53).

Seja como for, a década de 1960 caracterizou-se por intensa mobilização contra o colonialismo, a discriminação racial, pelos direitos das minorias, pelas reivindicações estudantis (1991, p.58).

Alves e Pitanguy afirmam que o movimento feminista denuncia a manipulação do corpo da mulher e a violência a que é submetido, tanto aquela que se atualiza na agressão física– espancamento, estupros, assassinatos– quanto a que o coisifica enquanto objeto de consumo (p.60). Denuncia da mesma forma, a violência simbólica que faz do sexo feminino um objeto desvalorizado. Reivindica a autodeterminação quanto ao exercício da sexualidade, da procriação, da contracepção. Reivindica, também, o direito à informação e ao acesso a métodos contraceptivos seguros, masculinos e femininos. Propõe, principalmente, que o exercício da sexualidade se desvincule da função biológica de reprodução, exigindo dessa forma o direito ao prazer sexual e à livre opção pela maternidade. Neste sentido, advoga o aborto livre e a ruptura com os moldes tradicionais em que o desempenho sexual da mulher vem sendo encerrado. A proposta do movimento feminista não é a utilização do aborto como método contraceptivo, e sim como último recurso ao qual as mulheres devem ter seu direito assegurado, no sentido de garantir que a maternidade seja o resultado de uma opção consciente e não de uma fatalidade biológica (p.60-61).

O aborto entra aí como a grande reivindicação de um direito civil que está relacionado com a própria autonomia do corpo da mulher. A partir dessas obras, começam a desenhar as teorias feministas e o momento de crescimento do movimento

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

feminista de forma massiva. Os protestos e as lutas levam a grandes conquistas, ao longo dos anos 60 e 70, elementos que vão ser delineados mais adiante.

Para pensar o feminismo da década de 1950, há que remontar às histórias já mencionadas anteriormente, ou seja, ao andamento do feminismo em relação aos direitos civis, desde as suas origens até 1950, 60, 70. O feminismo nessa época empreendia uma luta muito grande pelos direitos civis e pela cidadania. O aborto era considerado ilegal; o filme mostra esse contexto, através das imagens e das mulheres em manifestações contra e a favor do aborto, das atuações do Pró-Vida e também através do posicionamento médico. A ilegalidade e a criminalização do aborto aparecem nas imagens fragmentadas dos jornais que compõem as primeiras cenas do filme. Muitos silêncios e a questão do aborto foi relegada à clandestinidade. O movimento feminista continuou trabalhando e se organizando em torno de eixos fundamentais, como a cidadania, a educação e os direitos humanos.

Colocando a questão nesses termos, o aborto é um problema de toda humanidade e não só das mulheres. No contexto do primeiro episódio do filme, ele pode ser encarado como o momento do silêncio, da criminalização e da ilegalidade. Embora esteja tratando do aborto em datas específicas ligadas às representações das histórias abordadas pelo filme, é preocupação, neste estudo, deixar registrado que o aborto já existia antes da década de 1950 e era praticado com ou sem permissão. Sempre foi polêmico no campo da igreja e, mesmo polêmico e contraditório, as mulheres procuraram fazê-lo. É importante frisar também que existiu e existem métodos de abortamento, sejam eles realizados através da ingestão de ervas, introdução de agulhas e objetos pontiagudos e o que é feito por intervenção cirúrgica.

Na década de 1950, a discussão do aborto ressurge nos EUA e tem uma vinculação com o feminismo que é fenômeno absolutamente moderno, ou seja, do

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

século XX. Mas historicamente a discussão e a prática do aborto são um problema que perpassa a sociedade e a cultura.

Nesse sentido, e para ilustrar sobre essa temática, busca-se apoio na literatura e, em especial, a elaborada por *Católicas pelo Direito a Decidir* que apresenta um rico material para consulta. No texto: *Uma história não contada* (1992), as autoras apontam que, desde os primeiros séculos da cristandade (até 600DC), um dos documentos da igreja, o *Didache,* escrito por volta do ano 100 da era cristã, condena o aborto nos seguintes termos: "Não matarás ao feto por aborto, nem destruirás a criatura recém-nascida" (p.14). A condenação à pratica do aborto era absoluta.

Retomando a seqüência, e com vistas a subsidiar o debate feminista em torno da polêmica do aborto, Victoria Sau, anteriormente citada, registra no livro *Un diccionario ideológico feminista (1981)* seu primeiro verbete com a palavra *aborto* que, segundo ela, etimologicamente quer dizer privar o nascimento (aborto). Classifica-o em espontâneo ou provocado sendo que este último é objeto do direito e está tipificado como delito no Código Penal de muitos países (p.07). A autora assume que, de um ponto de vista feminista, quase universal, o aborto é uma agressão ao corpo e à *psiquê* da mulher que tem que evitá-lo por todos os meios mas, em última instância, decidir pelo que a agride menos: a continuação da gravidez ou a interrupção da mesma.

Ainda sobre este tema, o texto: *La questión del aborto*[3] começa definindo-o como a interrupção de uma gravidez durante o período de tempo em que o feto ainda não é viável. De acordo com o artigo, considera-se que um feto é viável quando é capaz de sobreviver independentemente do corpo da mãe e esse momento pode se estabelecer nas 28 semanas de gravidez

---

[3] Para maiores detalhes ver Mujer/Fempress especial. Debate del aborto – Santiago – Chile, s/d.

unesp

Tendo em mente essa abordagem sobre o aborto e em consonância com a reflexão desenvolvida até o presente momento, pretende-se recriar os nexos do que já foi citado antes sobre as origens do movimento feminista para articular essas idéias com a educação. A relação entre esta última e o feminismo é antiga.

Gomáriz (1992) registra em seu quadro de periodização dos estudos de gênero que, no primeiro período da ilustração e revolução liberal (séculos XVII e XVIII), Locke, Rousseau e Condorcet tinham como idéias fortes a inferioridade feminina *versus* a educação das mulheres. Fazendo contraponto, Marie de Soubay, Olympe de Gouges e Mary Wollstonecraft tinham como idéias fortes o lema: cidadãs com plenos direitos. As origens do feminismo mostram que a educação esteve sempre nas pautas de reivindicações feministas, tanto no que toca à educação dos filhos por um lado, e por outro como meta a ser alcançada para a mulher como destinatária da mesma (p.87).

Em relação a essa temática, Simone de Beauvoir no clássico o *Segundo sexo* argumenta:

> As mulheres de hoje estão destronando o mito da feminilidade: começam a afirmar concretamente sua independência; mas não é sem dificuldade que conseguem viver integralmente sua condição de ser humano. Educadas por mulheres, no seio de um mundo feminino, seu destino normal é o casamento que ainda as subordina praticamente ao homem; o prestígio viril está longe de se ter apagado; assenta ainda em sólidas bases econômicas e sociais. É pois necessário estudar com cuidado o destino tradicional da mulher. Como a mulher faz o aprendizado de sua condição, como a sente, em que universo se acha encerrada, que evasões lhe são permitidas, eis o que procurarei descrever. Só então poderemos compreender que problemas se apresentam às mulheres que, herdeiras de um pesado passado, se esforçam por forjar um futuro novo. Quando emprego as palavras 'mulher' e 'feminino' não me refiro evidentemente a nenhum arquétipo, a nenhuma essência imutável; após a maior parte de minhas afirmações cabe subentender: 'no estado atual da educação e dos

> costumes'. Não se trata aqui de enunciar verdades eternas, mas de descrever o fundo comum sobre o qual se desenvolve toda a existência feminina singular (1990, p.7).

De Beauvoir sinaliza a condição das mulheres na época enunciando uma possível independência. Justifica que é fundamental estudar o papel tradicional que elas desempenham na sociedade assim como perceber como esse aprendizado se dá. Sem utilizar ainda a categoria de gênero, ela propõe investigar as relações construídas culturalmente. Em conexão com a proposta esboçada por Simone de Beauvoir sobre a autonomia das mulheres, a questão da vinculação do feminismo e educação é entendida por esse movimento, conforme as palavras de Alves e Pitanguy como sendo

> uma nova ação pedagógica, que envolve demonstrar como os *livros didáticos* reproduzem a imagem tradicional da mulher e confirmam a diferenciação de papéis tanto no lar quanto na esfera profissional: a mulher costura ou cozinha ou varre, o homem lê o jornal; a mulher é enfermeira ou secretaria, o homem, médico ou executivo. Demonstrar como as *histórias infantis* também reproduzem os papéis diferenciados: a mulher é passiva, espera que o homem, ativo, a 'salve'; é passivamente dada em casamento como prêmio, sem que se cogite de sua vontade. Demonstrar como a *publicidade* reforça esta divisão sexual dos papéis sociais, além de manipular o corpo da mulher enquanto objeto de consumo. O que se procura, em suma, é denunciar, desvendar e transformar a construção social da imagem da mulher. A própria mulher desenvolve um papel importantíssimo, enquanto mãe e professora, na transmissão desses valores tradicionais e, portanto, na sua perpetuação (1992, p.63-64).

A compreensão que o movimento feminista teve e tem do papel da educação para homens e mulheres é visibilizado nessa reflexão das autoras que pontuam uma nova perspectiva de leitura da ação pedagógica para a sociedade e

unesp

cultura. A partir dessas análises, é possível afirmar que o movimento feminista amplia sua área de influência forjando caminhos que serão examinados na próxima fase desse movimento. Nesse sentido, a desconstrução do paradigma de explicação dos papéis sociais designados às mulheres e aos homens serão profundamente abalados.

2.1.1. Segunda onda do feminismo

A influência do movimento feminista não ficou restrita às fronteiras nacionais. O processo de desenvolvimento gerou novas demandas e propostas de internacionalização do movimento. Organizações internacionais foram criadas com o objetivo de conduzir as lutas e campanhas a favor dos *direitos das mulheres*. Em sintonia com as demandas das mulheres, as Nações Unidas instituíram e celebram a Década da Mulher (1975-85), com conferências na cidade do México (1975), em Copenhague (1995) e em Nairobi (1994). Tais conferências foram fundamentais para os intercâmbios de experiências e principalmente o estabelecimento de espaços de confrontos e de aprendizagem. A partir dessas conferências pode-se visualizar a existência dos diferentes *feminismos*. A multiplicidade de sujeitos/mulheres é revelada nos conflitos entre militantes ocidentais e não-ocidentais, entre as representantes *oficiais* dos governos participantes e as feministas do *movimento*, que negavam a legitimidade recíproca umas das outras (Duby; Perrot, 1991).

A tensão foi gerada quando as mulheres do Terceiro Mundo acusaram as homólogas brancas e ocidentais de imperialistas e de tendências coloniais. Duby e Perrot (1991) enfocam esses problemas nos seguintes termos:

unesp

> O imperialismo, pelo menos implícito, do feminismo ocidental, na sua pretensão de deter as chaves da compreensão das mulheres do Terceiro Mundo (como se elas próprias constituíssem uma categoria unitária), tornou-se um ponto de fricção nas conferências quinquenais da Década da Mulher organizada pelas Nações Unidas. Mas provocara já lacerações profundas entre as feministas americanas quando as mulheres negras encontraram profundamente divorciadas das mulheres brancas e do feminismo que estas defendiam (1991, p.604).

Os confrontos e enfrentamentos que aconteceram nas conferências da mencionada Década mudaram o contorno e os eixos de análise do movimento feminista, na anuência dessa pluralização do sujeito mulher e dos feminismos.

Tendo em conta essas faces do feminismo, é possível reiterar que o mesmo, enquanto movimento, abarca desde a militância política até formas mais sofisticadas de organização, tais como: encontro, redes, atuações no Congresso e intercâmbios internacionais. Nesse sentido, o grande marco do movimento registra-se com a realização da I Conferência Mundial sobre a Mulher (México/1975) e a Década da Mulher (1975-1985), ambas promovidas pela Organização das Nações Unidas (ONU). É também em 1975 que a ONU inclui no seu calendário o *Dia Internacional da Mulher – Oito de Março*. A comemoração está internacionalmente associada às reivindicações femininas por melhores condições de trabalho, educação, cidadania, por uma vida mais digna e sociedade mais justa e igualitária. Portanto, o Oito de Março pode ser considerado tanto um elemento aglutinador, como também um momento de organização de *fóruns* feministas articulando protestos públicos.

Outra forma organizativa do movimento decorrente da internacionalização são os encontros feministas latinoamericanos e do Caribe que, através de conteúdo político e metodologia própria, realimentam os vários grupos feministas e os congregam em torno de lutas e eixos comuns, nos diversos países da América Latina

unesp

e do Caribe. Até o momento foram realizados oito eventos em vários países e com as seguintes temáticas: 1) *Feminismo e luta política*, julho de 1981, em Bogotá, Colômbia. Primeiro encontro. 2) *Feminismo e Patriarcado*, julho de 1983, em Bosque, Peru. 3) Encontro aberto sem estruturação de eixos, julho de 1985, em Bertioga, Brasil. 4) *Política Feminista na América Latina*, outubro de 1987, em Taxco, México. 5) *Movimento feminista como transformação. Avaliação e perspectiva para América Latina,* novembro de 1990, em San Bernado, Argentina. 6) *Compartilhando propostas feministas,* outubro de 1993, em Costa Del Sol, El Salvador. 7) *Marcos Políticos y Filosóficos das distintas correntes do feminismo latinoamericano,* em novembro de 1996, em Cartagena, Chile. 8) Eixos: *O feminismo frente aos velhos e novos modelos de dominação; O feminismo como movimento social; e perspectivas do feminismo latino-americano e do Caribe,* novembro de 1999, em Juan Dolio, República Dominicana (Ouriel e Espinosa, 1998).

Considerando todos esses eventos, é evidente que o feminismo como movimento social representa uma séria revolução para o século XX: tornou visível a situação da mulher na sociedade patriarcal. Em decorrência da expansão e afirmação do movimento feminista, surgiram novas ações, mudaram-se comportamentos e possibilitou-se a elaboração de teorias. Pode-se argumentar que a produção teórica feminista surgiu como resultado de reflexões dos pequenos grupos e da atuação de algumas teóricas no meio acadêmico. Tais teóricas tiveram como eixo a análise da origem da opressão e da discriminação contra as mulheres na sociedade patriarcal. Como fruto dessa luta, organização e reflexão, surgiu o termo "violência contra a mulher", o qual passou a suscitar estudos, pesquisas, implantação de casas abrigos, serviços de atendimento às vítimas, bem como estimulou a criação de redes internacionais de combate à violência contra a mulher.

unesp

Em consonância com as atividades e ações, o estudo do papel da mulher na sociedade e na cultura revela o lugar subordinado que ela ocupa. Dentro do campo antropológico mais específico, surgem várias tendências de explicação da referida subordinação da mulher. Nesta reflexão serão priorizadas quatro teorias que centram suas análises[4] na opressão feminina; podem ser sintetizadas da seguinte forma:

a) A divisão sexual do trabalho: a caça como atividade geradora de cultura

Essa tendência baseia-se na divisão de tarefas que estabeleciam que os homens saíam e traziam o alimento, resultado da caça, enquanto as mulheres permaneciam em casa cuidando dos filhos e do lar. Mas, contrariamente a essa verdade estabelecida, as recentes descobertas arqueológicas mostram que o papel da mulher nas sociedades caçadoras e coletoras era de igualdade social, com participação na economia do grupo, liderando grupos de parentesco feminino mediante a primeira relação que estabelecem os humanos: mãe-filhos. Embora muitos autores, entre eles Sherwood Washburn e C. Lancaster (*Apud*, Rocha, 1990) defendessem a superioridade do homem a partir da caça, atualmente seus argumentos não se sustentam (p.3). Autoras como Harris e Linton (p.4) refutaram tais idéias fazendo uma revisão teórica crítica, com base nos progressos da arqueologia, paleontologia e etologia. Comprovaram, por exemplo, que a dentição dos hominídios, assim como a nossa, é mais apropriada para moer e não para cortar, desgarrar ou mascar carne[5].

---

[4] Para maiores esclarecimentos ver: ROCHA, Maria José Pereira. – La problemática de la mujer: Tendencias y divergências analíticas –.In: *La sexualidad feminina: su configuración, el género, las esferas públicas y privadas en la Colonia Hornos*. México, DF: Escuela Nacional de Antropologia e História, México, 1990. Tese de mestrado, p.03-16.

[5] Com esses argumentos as autoras colocam em cheque a Teoria da divisão sexual e a caça como geradora da cultura.

Há que se considerar ainda que é a partir desses argumentos críticos que se evidenciaram o sesgo androcêntrico e as leituras sexistas nas ciências humanas.

b) O mito do matriarcado

No século XIX iniciou-se um debate importante em torno de duas obras: *Ancient Law,* de Henry Maine (*Apud.* Rocha, 1990) que sustenta ser o patriarcado a forma natural de organização da sociedade humana. A outra obra de é de Bachofen (*idem*, p.5): *Das Mutterrech* (O direito materno). Ele defendia que a vida social começa com o período de promiscuidade sexual. Só a maternidade material poderia ser determinada. A polêmica continua entre autores que queriam defender a existência ou não do matriarcado.

Em 1865, McLennan (*Ibidem)* afirma que, no estágio matriarcal, não houve um governo de mulheres, mas sim que a descendência transmitida era por linha materna.

c) A mulher na teoria marxista clássica

Foi com a obra *A origem da família, a propriedade privada e o Estado,* publicada em 1891 que Engels propôs uma análise dentro de um contexto evolucionista, contrastando sociedades classistas e não-classistas para explicar a origem da propriedade privada. Essa obra discute também de que maneira essa sociedade transformou a origem tribal igualitária existente, ao formar famílias que se convertem depois em unidades econômicas, surgindo assim a desigualdade da propriedade privada e as sociedades de exploração de classe (p.9).

unesp

d) A dicotomia entre a esfera pública e a doméstica nas sociedades de classe – Karen Sacks

A expoente dessa tendência, Sacks (*Apud*, Rocha, 1990) propõe que a subordinação da mulher é conseqüência da consumação de um modelo dicotômico que distingue na sociedade dois âmbitos: o público e o privado e não se explica tanto pelo aparecimento da propriedade privada. A autora considera que a incorporação da mulher ao trabalho produtivo permite alcançar sua maioridade social, mas não alcança com isto estabelecer a igualdade sexual na sociedade de classe (p.12).

Muitas tendências apareceram como formas explicativas da opressão feminina, não cabendo a nenhuma o *status* de argumento verdadeiro. No seu conjunto, elas ajudam a entender e a formular novas respostas para a questão. Essas teorias e outras tendências que surgiram depois tornaram possível o aparecimento dos *Estudos da mulher* no meio acadêmico.

Do feminismo, em toda a sua complexidade, origina-se um tipo muito peculiar de organização que floresce inicialmente nos Estados Unidos e na Europa. Os estudos da mulher[6], que nos Estados Unidos tiveram início no ano de 1969, constituíram uma disciplina autônoma dentro do meio acadêmico. Posteriormente, conformou-se com a dinâmica que consistia em introduzir, dentro das disciplinas chaves, a elaboração de currículos que contemplassem os estudos referentes à questão da mulher.

Outro passo importante, em direção à globalização e à internacionalização dos estudos da mulher, ocorreu na Europa, variando de acordo com a realidade de cada país. Na Inglaterra, por exemplo, tudo começou em 1983 contando com um

---

[6] Os estudos da mulher de uma forma geral são espaços autônomos de reflexão e tinham por objetivo dar visibilidade às questões da mulher.

unesp

amplo programa e muitos temas já incorporados ao currículo[7]. Em 1979, na Espanha, com o processo de democratização foram criados o *Instituto de Investigações feministas da Universidade Complutense de Madrid* e o *Seminari d'Estudis de la Dona de la Universidade Autónoma de Barcelona*.

Nesse processo de inserção e de atuação, os estudos da mulher passam por críticas e avaliações que refletiram no aparecimento da categoria e na criação dos núcleos de gênero nas diversas universidades.

Um exemplo significativo dessa inserção do feminismo constituído como campo teórico é o *Enlace* na Rede de Teoria Feminista que integra: a) 31 campos diferentes dentro da teoria feminista,[8] b) 130 países ao redor do mundo e c) 80 feministas que atuam de forma individual ou independente.

A rede de teoria feminista tem propiciado materiais de pesquisa e informação para estudantes, profissionais ativistas e pesquisadores/as. Os objetivos dessa rede são: fomentar um amplo espectro de investigações sobre a teoria feminista e estimular o diálogo entre as/os mulheres/homens de diversos países em todo mundo[9]. Mediante essas observações, resta, contudo, assinalar que o grande êxito do movimento feminista no campo teórico é o aparecimento da categoria de gênero que surge na década de 1970. Essa noção é entendida como a construção social do modo de ser mulher e o modo de ser homem, que parte da distinção entre o feminino e o

---

7 Rica análise feita por MONTECINO (1996), na qual ela contempla os aspectos ligados à criação desses núcleos e às fases que os caracterizam em sua organização.

8 Os campos da teoria feminista estão divididos da seguinte forma:feminismo antropológico; feminismo lésbico; feminismo científico; feminismo literário; feminismo econômico; feminismo educacional; feminismo epistemológico; feminismo essencialista; feminismo estético; feminismo artístico; feminismo e os estudos do corpo; feminismo e os estudos da ética; feminismo anarquista; feminismo liberal; feminismo marxista/materialista; feminismo radical; feminismo socialista; feminismo filosófico; feminismo na geografia; feminismo histórico; feminismo jurídico; feminismo nos meios de comunicação; feminismo ecológico; feminismo-multiculturalismo; feminismo pós-colonialismo; feminismo pós-moderno; feminismo: psicologia/psicanálise; feminismo religião/espiritualidade; feminismo separatista; feminismo e sexualidade; feminismo e teoria crítica; feminismo e teoria política.

9 Ver na internet: http://www.utc.edu/~kswitala/feminism/spanishintro.htm/

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

masculino e também subjaz nas teorias evolucionistas. Pode-se mencionar que, desde Darwin, já se marcava essa distinção. Martin e Voorhies (1978, p.136), ao comentarem a obra de Darwin *The Descent of Man (1874),* afirmam que os estereótipos de comportamento masculino e feminino foram extraídos do contexto da filosofia e da tradição popular, quando essas idéias receberam o selo do científico. Os varões – nos dizem – têm maiores impulsos sexuais e são naturalmente mais afirmativos e competitivos. Pelo contrário, as mulheres não são agressivas, tendem ao cuidado dos pequenos e são focos da hierarquia de domínio dos varões.

Essa dicotomia nem sempre tem a mesma conotação para todas as culturas (Lamas, 1986). Inicialmente, origina-se da diferenciação sexual biológica e, posteriormente, por uma diferenciação social através da divisão social do trabalho.

A categoria de gênero cria-se como resultado dessa distinção biológico-social. Seu uso tem aproximadamente um século, ainda que o termo, como categoria específica nas ciências sociais, só apareceu na década de setenta (p.173-4). No entanto, na multiplicidade de estudos que abordam essa categoria geram-se polêmicas, confusões e coincidências.

Alguns autores têm utilizado os termos sexo e gênero como sinônimos todavia, aqui, estes serão tratados de maneira diferente, conforme o entendimento de autores como: Katchadorian, Rubin, Anderson, Sau, Lamas.

Katchadorian (1984), por exemplo, no seu estudo sobre a sexualidade humana afirma que a palavra sexo tem sua origem na língua latina *sexus* e que, definido formalmente, o sexo remete primariamente à divisão de seres orgânicos, identificados como macho e fêmea, e às qualidades que os distinguem. Agrega que um primeiro sentido refere ao macho ou a fêmea como seres determinados por características estruturais e funcionais. Assim o sexo é um fator biológico que

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

comumente tem uma presença imperativa entre os seres humanos e uma dicotomia que é mutuamente excludente: uma pessoa é macho ou fêmea e só deve ser uma coisa ou outra. E quanto ao termo gênero, comenta que deriva também da língua latina *genus* que significa nascimento ou origem.

Gayle Rubin (1986) opta por entender esse processo como um sistema de sexo/gênero e o define da seguinte maneira:

> ... é o conjunto de disposições pelas quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e no qual se satisfazem essas necessidades humanas transformadas (p.97).

A proposição de Rubin é fundamental, ainda quando não faz uma separação taxativa entre essas categorias. Ela desenvolve uma definição mais acabada sobre o sistema sexo/gênero, através de uma leitura de Lévi-Strauss e de Freud. Ademais, propõe também o desenvolvimento de uma economia política do sexo. Seu estudo é considerado pioneiro e é ponto de referência para a análise da categoria de gênero.

Uma argumentação que distingue perfeitamente essas categorias é a que expõe Anderson:

> O sexo é um atributo biológico, o gênero é a elaboração a partir das diferenças biológicas de papéis, do status, do sistema de repartição de prestígio e prerrogativas, e de uma determinada relação entre pessoas designadas a distintas categorias (Anderson, 1985, p.7).

Com base nas leituras desses autores, são reveladas características que podem ser adscritas a uma e outra categoria. Nesse sentido, a distinção entre sexo e gênero pode ser proposta da seguinte forma: o sexo refere-se à identidade biológico-



genética e o gênero à identidade designada e adquirida socialmente, isto é, uma construção cultural que implica certas maneiras de manifestar-se, sentir e atuar de acordo com o sexo.

Cabe assinalar, também, que a dificuldade em conceituar essas categorias tem provocado o surgimento de outras palavras com conotações similares, tais como: identidade do papel sexual/identidade genérica, papel genérico/identidade sexual e outras mais. Esse fenômeno tem propiciado o aparecimento de uma vasta literatura relacionada com o tema, do qual se destacam, entre outras, as obras: a de Ortner (1984), composta por vários artigos antropológicos, que têm a intenção de apresentar como se configuram a sexualidade e o gênero. Seu ponto de partida são as matrizes sociais e culturais. Nessa direção destacam-se também Katchadorian, 1984; Anderson, 1985; Sau, 1986.

Lamas (1986), por sua vez, elaborou uma cuidadosa análise sobre a categoria de gênero apresentando dados históricos relacionados com essa categoria, bem como os diversos estudos realizados até este momento sobre o tema. Também aborda os debates mais significativos dessa problemática teórica, tais como: o viés androcêntrico da antropologia, a definição da categoria gênero, a oposição natureza/cultura, em que retoma a Sherry Ortner e, por fim, analisa as instâncias que conformam o gênero. Segundo ela, estão articuladas da seguinte forma (p.188):

a) a designação (rótulo, atribuição) de gênero

Está relacionada com o momento em que nasce o bebê, a partir da aparência externa dos genitais. Ainda quando a autora não toma em conta outro elemento, cabe aclarar que isso, hoje, já é um fator relativo dado que, com os avanços tecnológicos, pode-se saber o sexo antes do nascimento, através do ultra-som.



b) a identidade de gênero

A identidade de gênero se estabelece mais ou menos na mesma idade em que o infante adquire a linguagem (entre dois e três anos) e é anterior a um conhecimento sobre a diferença anatômica entre os sexos.

c) o papel (rol de gênero)

O papel, ou rol de gênero, forma-se com o conjunto de normas e prescrições que ditam a sociedade e a cultura sobre o comportamento feminino ou masculino. Ainda que existam variações de acordo com a cultura, a classe social, o grupo étnico e até no aspecto geracional das pessoas, pode-se sustentar uma divisão básica que corresponde à divisão sexual do trabalho mais primitiva: as mulheres têm os filhos e, portanto, cuidam deles; o feminino é o maternal, o doméstico contraposto com o masculino como o público. A dicotomia masculino-feminino, com suas variações culturais tipo o Yang e o Ying, estabelece estereótipos, muitas vezes rígidos, que condicionam os papéis, limitando as potencialidades humanas das pessoas ao potencializar ou reprimir os comportamentos segundo se são adequados ao gênero (*Ibidem)*.

Da leitura do artigo de Lamas (1986, p.188), depreende-se que as instâncias fundamentais que conformam o gênero são a designação de gênero, a identidade de gênero e o papel de gênero. As características intrínsecas a esse modelo podem ser estudadas em qualquer sociedade, independentemente do grau de sua complexidade.

Nesta rápida revisão da literatura pontuou-se o que se produziu nessas duas décadas sobre a categoria de gênero. Há que se considerar, contudo, outros autores que trabalharam essa perspectiva nos anos 1985 a 1990 e o percurso por eles realizado, como se segue: Heilborn (1992, p.98) a concebe como "a distinção entre



atributos culturais alocados a cada um dos sexos e a dimensão biológica dos seres humanos". Scott (1995, p.86) conceitua gênero da seguinte forma: "... é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos sendo que o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder". Para Suely Kofes (1993, p.19-30) gênero seria um instrumento que mapeia um campo específico de distinções, aquele cujos referentes falam da distinção sexual.

A partir desses referenciais, pode-se afirmar que essa categoria de análise está cada vez mais presente na produção do saber e de forma interdisciplinar. Há muita polêmica quanto ao seu uso e aplicação, assim como existem vários enfoques sobre a mesma. Os diversos usos da categoria enriquecem a dinâmica do conhecimento, contribuindo com o avanço das análises e explicações dessa temática. Todavia, ainda sobre a categoria de gênero, é importante frisar que esta revolucionou os estudos feministas e que seu uso expandiu gerando conflitos e desafios na construção do novo paradigma.

Para Marta Lamas (2000, p.13), o grande êxito do feminismo foi ter conseguido modificar não somente a perspectiva política com que se abordava o conflito nas relações mulher-homem, mas também transformar o paradigma utilizado para explicá-lo. O novo conceito *gênero* permitiu a compreensão de que não é a anatomia que posiciona mulheres e homens, em âmbitos e hierarquias distintos, e sim a simbolização que as sociedades fazem dela.

Da leitura de Lamas é possível afirmar-se que sua contribuição, ao explicitar como se estabelecem as diferenças de gênero, é impar. Ela sinaliza que a eficácia do feminismo é consolidada a partir da forma como aborda o conflito estabelecido nas relações mulher-homem.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Esse conflito surge desde que um bebê é concebido. Toda atmosfera criada em torno do futuro ser, assim como toda carga cultural simbólica do que é ser feminino e masculino, é introjetada durante e depois da gravidez. Nesse sentido, o processo educativo ocorre a partir de comportamentos relacionados com os papéis que a sociedade designa para cada sexo. Os atributos destinados ao feminino e ao masculino são construídos socialmente através de objetos, gestos, falas, presentes, escolha do nome, cores de enxoval e brinquedos etc. Ao constatar essa situação, a teoria feminista transforma o paradigma biológico-social utilizado para explicar esses papéis desempenhados por homens e mulheres, fornecendo instrumentos capazes de possibilitar uma desconstrução e reconstrução da análise de gênero na perspectiva cultural. Após esse percurso, todavia, existem aspectos do feminismo por explorar e que por razões práticas serão considerados na análise que se segue. Esta privilegiará principalmente a construção do feminismo como campo teórico, as possibilidades de uma epistemologia feminista e a articulação com o pragmatismo e a educação.

Para tanto, alerta-se o leitor para o fato de que alguns acontecimentos descritos aqui estão relacionados à década de 1990 e aparecem para reforçar a linha de tempo utilizada nos três momentos. Neste, o movimento feminista organizado se fortalece muito nos anos de 1990 consolidando assim o processo de internacionalização dos direitos das mulheres, que foi sendo forjado nos anos de 1970, sustentado e reafirmado nas seguidas Conferências Internacionais da ONU ocorridas na década – Ecologia (Rio de Janeiro/1992). Direitos Humanos (Viena/1993), População e Desenvolvimento (Cairo/1994), Mulher (Beijing/1995), Cúpula sobre Desenvolvimento Social (Copenhague/1995), Assentamentos Humanos (Istambul/1996) e nos processos + 5 que transcorreram no final do século, para avaliação do cumprimento dos



compromissos assumidos pelos diversos países (Sessões Especiais em Nova Iorque, referentes às Conferências de Cairo, Beijing e Copenhague). O novo século iniciou com a III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e as Formas Conexas de Intolerância (África do Sul/2001) (Rodrigues, 2001.)

Consequentemente, a partir de 1990, a atuação simultânea do movimento de mulheres e do movimento feminista traduziu-se em várias formas de organizações, sejam da sociedade civil ou vinculadas a estruturas governamentais. Estas, pouco a pouco, vão sendo substituídas por núcleos universitários com o propósito de estudar as relações entre o feminino e o masculino. Esses núcleos multiplicam-se nas universidades, com atividades que vão desde propostas de currículos não sexistas, pesquisas, inclusão de disciplinas, produção de materiais (panfletos, folders, vídeos e cartazes), debates, seminários, até os conteúdos dado em sala de aula que enfocam a questão de gênero nos referidos cursos das Universidades. Nesses empreendimentos, a ênfase recai sobre a realização de pesquisas e a busca de possível integração entre as diferentes áreas. Os estudos de gênero permitem ainda fazer análise da construção social da mulher e do homem, articulando-os à raça, às classes sociais, às etnias e às gerações; possibilitam o reconhecimento desses elementos que nos levam a construir a cidadania plena. Colocando a questão nestes termos, é possível afirmar que os estudos de gênero contribuem para a desconstrução e a reconstrução social dos papéis masculinos e femininos, com base nas diferenças de sexo, contribuindo para uma versão melhor de nós mesmos.

Com base no que já foi dito com relação ao aparecimento das lutas femininas, da palavra feminismo, do feminismo sufragista e dos estudos da mulher, o surgimento dos núcleos e da categoria de gênero suscita um grande interesse e, ao

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

mesmo tempo, revela a possibilidade de desconstruir verdades tidas como absolutas, conferir novo significado às relações entre o feminino e o masculino, bem como permitem uma leitura após as experiências existentes nos mais diversos países. Detectar as similaridades, as diferenças, as conquistas e os avanços desse paradigma é um desafio extremamente novo, dentro das ciências sociais. Mais nova, todavia, é a discussão da existência ou não de uma epistemologia feminista.

Em conexão com o exposto, falar da segunda perspectiva: o feminismo enquanto campo teórico propriamente dito significa, em linhas gerais, entrar na discussão da epistemologia feminista ou pelo menos situar o estágio da reflexão até o momento. No próximo item, dar-se-á continuidade à reflexão da epistemologia feminista, do pragmatismo e da educação.

2.1.2. Possibilidades para uma epistemologia feminista

A noção do termo epistemologia feminista tem sido recorrente nos estudos e na literatura feminista nos últimos quinze anos. As autoras Mª Xosé Agra e Carme Adan (2002)[10] afirmam que o feminismo tem feito um grande esforço para desvelar o trabalho silencioso desenvolvido pelas mulheres em toda história. Para isso elas têm utilizado duas principais estratégias: a) Um empenho foi feito para valorizar o que tem sido tradicionalmente visto como características culturais das mulheres, isto é, para reavaliar o mundo feminino. b) O feminismo tem mostrado o modo pelo

[10] Ver o artigo: – **Feminist Epistemology without Knowing Subject?** Mª Xosé Agra, Carme Adán Departamento de Lóxica e Filosofía Moral, Facultade de Filosofía Universidade de Santiago de Compostela 15706 Santiago de Compostela - Galicia (Spain) http://www.women.it/cyberarchive/files/adan.htm 22/02/2002.

qual muitas mulheres foram silenciadas pela história oficial, quando tiveram êxito ao entrar no campo que não era visto como próprio delas. Na visão das autoras, a epistemologia feminista é o termo normalmente usado para incluir todos os estudos sobre o conhecimento, principalmente o conhecimento científico, que são desenvolvidos a partir de parâmetros feministas.

Dando continuidade a essa seqüência, muitas pessoas vêm trabalhando, discutindo e fazendo propostas acerca da epistemologia feminista. Neste trabalho, privilegiar-se-á a produção das seguintes autoras: Sandra Harding, Mary Goldsmith Connelly e Eli Bartra.

Somando-se a extensa produção teórica feminista no final deste milênio, proliferam discursos polêmicos a respeito da existência ou não de um método feminista, o que se traduziu nos seguintes questionamentos: Como conhecer? Para que conhecer? Quem conhece?

Autoras como Sandra Harding tentam responder tais questões, esclarecendo se, de fato, existe um método feminista. Nessa perspectiva, Harding (1998) sustenta que as pesquisadoras feministas têm proposto desafios radicais às análises que a ciência social faz das mulheres, dos homens e da vida social no seu conjunto. Ela afirma que há confusão em relação aos problemas de método, de metodologia e de epistemologia. Nesse sentido polemiza: existe um método distintivo de investigação feminista? Como é que a metodologia feminista desafia – ou complementa – as metodologias tradicionais? Sobre que bases se sustentam os pressupostos e procedimentos das investigações feministas?

Harding (p.11-13), a partir dessas perguntas, propõe-se argumentar contra a idéia de que existe um método distintivo de investigação feminista. Com esse entendimento define:



Método de investigação – é uma técnica para recolher informação (ou uma maneira de proceder para recolhê-la).

Metodologia – é uma teoria sobre os procedimentos que seguem ou deveriam seguir a investigação e uma maneira de analisá-los. A metodologia elabora proposições a respeito da aplicação – da estrutura geral da teoria às disciplinas científicas particulares.

Epistemologia – é uma teoria do conhecimento. Responde a pergunta sobre quem pode ser sujeito do conhecimento. (Podem ser as mulheres?)

Esclarecendo as diferenças fundamentais entre método, metodologia e epistemologia, que são da maior importância para a produção do conhecimento, essa autora reitera que uma dificuldade que perpassa as pesquisas feministas é o problema da soma ou agregação das mulheres em determinada investigação científica. As investigadoras feministas tentaram primeiro somar – ou agregar as mulheres– a essas análises dos estudos tradicionais androcêntricos, privilegiando três classes de mulheres que apareciam como candidatas óbvias a ser incorporadas à análise: *as científicas, as mulheres que participavam na vida pública* – que as científicas sociais já estavam estudando – *e as mulheres que haviam sido vítimas das formas mais brutais de dominação masculina*. Uma vez situada a dificuldade de realizar uma pesquisa nesses moldes, a autora pergunta: "Que existe de novo na investigação feminista?"

Partindo de Thomas Kuhn (*Apud*, Harding, 1998, p.19), provoca dizendo que podemos fazer a mesma pergunta que esse autor formulou para a história da ciência, na qual ele perguntava que sentido podia ter uma filosofia da ciência que não se sustentara nas evidências provenientes da história da ciência mesma. Parafraseando Kuhn, a autora questiona: Que sentido teria uma teoria da

unesp

especificidade da investigação feminista que não levasse em conta os critérios que aportam os melhores exemplos dessa investigação? Sem, contudo, exemplificar melhor esse questionamento, ela procura desenvolver sua linha de raciocínio afirmando que o enfoque histórico é a melhor estratégia para dar conta da especificidade e do peso da investigação feminista. Para isso propõe três características fundamentais, com vistas a desenvolver uma investigação feminista:

a) Novos recursos empíricos e teóricos: as experiências das mulheres

Os desafios do feminismo, segundo Harding, revelam que as perguntas que se formulam – e, sobretudo, as que nunca se formulam – determinam o ponto da pertinência e da precisão de nossa imagem global dos fatos como qualquer das respostas que possamos encontrar. Definir os problemas que requerem explicação científica, exclusivamente desde a perspectiva dos homens burgueses e brancos, conduz a visões parciais e até perversas da vida social. Um traço distintivo da investigação feminista é que esta define sua problemática desde a perspectiva das experiências femininas e que, também, emprega tais experiências como um indicador significativo da "realidade" contra a qual se devem contrastar as hipóteses (1998, p.21). Reconhecer a importância das experiências femininas como recurso para a análise social tem implicações evidentes para a estruturação das instituições sociais, da educação, dos laboratórios, das publicações, da difusão cultural e do estabelecimento de agências de serviço; em suma, para a estruturação da vida social na sua totalidade. Por isso, é necessário enfatizar-se que são as mulheres que devem revelar *por vez primeira* quais são e têm sido as experiências femininas.

unesp

A autora considera fundamental sublinhar as *experiências das mulheres*, no plural, pois elas oferecem os novos recursos com os quais conta a investigação. O masculino e o feminino são sempre categorias que se produzem e aplicam dentro de uma classe, uma raça e uma cultura particulares, no sentido de que as experiências, desejos e interesses de mulheres e de homens diferem-se em cada classe, raça e cultura (1998, p.22).

b) Novos propósitos para a ciência social: estar a favor das mulheres

Se a investigação parte do que aparece como problemático desde a perspectiva das experiências das mulheres, conseqüentemente, a investigação tende a desenhar-se a *favor* das mulheres, tal e como o tem assinalado numerosas investigadoras (1998, p.23-4).

c) Novo objeto de investigação: situar a investigadora no mesmo plano crítico do objeto explícito de estudo

Em outras palavras: a classe, a raça, a cultura, as pressuposições em torno de gênero, das crenças e dos comportamentos da investigadora, ou do investigador, devem ser colocadas dentro do marco da pintura que ela ou ele desejam pintar. Isto não significa que a primeira parte de um informe de investigação deva dedicar-se ao exame de consciência (tampouco esteja de todo mal que de vez em quando os investigadores façam exame de consciência). Significa, como veremos, explicitar o gênero, a raça, a classe e os rasgos culturais do investigador e, se é possível, a maneira como ela ou ele suspeitam que tudo isso haja influído no projeto de investigação- ainda que, desde logo, os leitores estejam livres para chegar a hipóteses contrárias a respeito da influência do investigador ou investigadora na sua análise.

unesp

Assim, a investigadora ou o investigador apresentam-se, não como a voz invisível e anônima da autoridade, senão como a de um indivíduo real, histórico, com desejos e interesses particulares e específicos. É mais que uma resposta ao reconhecimento de que as crenças e comportamentos culturais das investigadoras feministas moldam os resultados das suas análises, tanto como o fazem os investigadores sexistas e androcêntricos (1998, p.25).

Esses novos "métodos feministas" têm gerado perguntas sobre, por exemplo, a dupla jornada de trabalho das mulheres, a contribuição do trabalho doméstico à economia, a violência sexual ou as formas de organização política que preferem as mulheres. As respostas a essas interrogações, usualmente, não podem ser encontradas ao inspecionar a vida das mulheres, já que suas vidas se organizam longe das formas em que as disciplinas recolhem e organizam a informação e as políticas governamentais das corporações ou de outras instituições. (...) seria, sem embargo, razoável sustentar que existe um método de investigação feminista distinto; isto é, que há um – método – específico produzido pelos feminismos (p.33).

Com vistas a subsidiar a compreensão de Sandra Harding sobre a constituição de uma epistemologia feminista, Mª Xosé Agra e Carme Adan sintetizam sua obra apresentando uma classificação da epistemologia feminista baseada na proposta de Harding que identifica três tendências básicas: *o empirismo feminista, a teoria do ponto de vista feminista e a pós-modernidade feminista.* Conforme as autoras, essas tendências são caracterizadas e definidas nos seguintes termos:

a) *O empirismo feminista* originou-se da pesquisa feminista enfocada na biologia e nas ciências da vida. Os primeiros pensadores interpretaram a tendência androcêntrica da ciência como falta de exatidão na implementação do método

científico; as autoras feministas apresentam seus trabalhos com a intenção de denunciar a "má ciência". Elas viram o sexismo e androcentrismo como tendências sociais que podem ser corrigidas ao implementar o método científico com exatidão.

No texto das referidas autoras, o primeiro período é conhecido como empirismo espontâneo e serviu como fundação do segundo período, o Empirismo Feminista Filosófico. No segundo período, assumiu-se que a ciência nunca envolve avaliações neutras – nem mesmo as chamadas "boas ciências". Então, tanto a estrutura conceitual quanto os conceitos chaves do empirismo tiveram que ser revisados. Helen Logino e Lynn H. Nelson são as principais representantes do empirismo feminista filosófico.

b) *A Teoria do Ponto de Vista Feminista* não enfoca exclusivamente a questão do conhecimento e suas implicações. Ela envolve uma verdadeira revolução metodológica no feminismo e dá origem a um modo preciso de dirigir a pesquisa feminista que poderia ser exportado para muitas disciplinas diferentes.

Essa abordagem foi originalmente desenvolvida no contexto da tradição Marxista. Os autores que a apoiam reivindicam que, em qualquer período histórico, o ponto de vista prevalecente reflete claramente os interesses e valores do grupo dominante.

As mulheres, como um grupo excluído dos circuitos do poder, ocupam uma posição social que dá a elas um ponto epistemológico privilegiado, permite um ponto de vista do mundo menos distorcido do que aquele imposto pelos homens brancos da classe média. Desse modo, pode-se dizer que a teoria do ponto de vista feminista é baseada em duas idéias principais: 1.) todo conhecimento é localizado, posto que é uma construção social e prática; 2.) um local especial (o da mulher) é mais confiável, pois ele fornece um ponto de vista privilegiado para desvelar alguns tipos de verdade.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Essa tendência tem também evoluído desde que foi primeiramente formulada por Nancy Hartsock, no início da década de 80. Da teoria que apoiava a existência de um conhecimento privilegiado e uma verdade real, novas posições foram adotadas sob a influência de teorias pós-modernas, em que o conhecimento é descrito como estando localizado nas diferentes vidas dos agentes sociais. Um número considerável de teóricos tem devotado esforços para desenvolver essa nova perspectiva, ainda que não usem a mesma terminologia. Entre eles, pode-se incluir Nancy Hartsock, Dorothy Smith, Sandra Harding, Patricia Hill Collins e Evelyn Fox Keller.

c) Pós-modernismo feminista é o terceiro grupo da classificação de Harding. Essa abordagem teria como elemento comum a negativa de duas tendências anteriores e a inclusão de outras variáveis (que não a referente de gênero) na análise do conhecimento, num esforço para dar conta das identidades fragmentadas da presente cultura. É necessário deixar claro que o teor do debate e as variáveis envolvidas nessa terceira tendência (algumas delas com elementos políticos) tornam difícil determinar exatamente o que, na verdade, é compreendido sob a noção do pós-modernismo – que inclui o pós-estruturalismo, as novas teorias nitzscheanas e as teorias subjetivas. Pode-se mencionar Donna Haraway e Susan Hekman como principais representantes desta tendência.

Outro enfoque sobre a epistemologia feminista está presente no artigo *Feminismo e investigación social. Nadando en aguas revueltas*. A autora Connelly (1998) explora aspectos do debate em torno da investigação feminista. Menciona algumas das críticas feministas às premissas epistemológicas, os postulados teóricos e as práticas metodológicas das ciências, sobretudo das sociais. Ela analisa determinadas propostas feministas sobre a investigação, particularmente em



relação com a antropologia e a existência da investigação feminista. E por último explora a relação entre a academia e a política feminista.

Connelly (*Op.cit.)* afirma, ainda, que não existe acordo entre as feministas, em relação ao que consiste o conhecimento ou como o mesmo é gerado, nem como se constrói e se aborda um problema de investigação, nem mesmo acerca de critérios para avaliar a validade ou não dos resultados. Tampouco há consenso sobre a existência ou não de uma epistemologia, metodologia ou método feminista.

A autora assinala ainda que essas divergências refletem diferenças disciplinárias e distintas conceituações das categorias anteriores. Stanley e Wise (*apud* Connelly,1998:43) observam que muitas tentativas iniciais para construir uma ciência social feminista padeciam do uso monolítico de categorias, como *mulher, gênero, e feminismo.* Isto contribuiu para o resultado da tendência em ignorar as diferenças éticas, políticas e epistemológicas entre mulheres. Por exemplo, na antropologia era freqüente que os etnógrafos só entrevistassem os homens nas sociedades em que faziam trabalho de campo. A partir desses dados, construíam suas monografias, as mesmas que, desde os anos setenta, têm sido criticadas pelo seu androcentrismo. Frente a isto, as feministas registraram os testemunhos das mulheres como informantes, não obstante, às vezes, pelo desejo de dar voz às mulheres, confundia-se a apresentação dos dados brutos com o processo da investigação mesma.

Nielsen (*Apud*, Connelly, 1998:45) observa que se tem definido a investigação feminista como contextual, experimental, multimetodológica, não replicável e comprometida. Esse fato acarreta implicações metodológicas para o planejamento, o modo de construir e a forma de investigar um problema.

Para Connelly (1998, p.49-53), Harding definiu a epistemologia desde uma perspectiva posicional, conscientemente feminista. E como os construtivistas sociais,



Haraway argumentou que o conhecimento se constrói e reflete as relações de poder num momento determinado. Já Maria Mies argumenta que existe uma metodologia feminista, no sentido de a mesma investigação assumir uma *cara* abertamente política.

Connelly (1998) também registra a situação do debate em torno da investigação feminista, bem como destaca as autoras que mais têm indagado sobre a natureza mesma da epistemologia, como Sandra Harding e Helen Longino. Outras têm analisado as práticas concretas da investigação (sejam nos estudos da mulher, ou por mulheres), como Joyce McCarl Nielsen ou Evelyn Fox Keller; que são cépticas com respeito à possibilidade ou pertinência de uma metodologia feminista (p.53).

Outra contribuição importante para se discutir a epistemologia feminista é a reflexão feita pela mexicana Eli Bartra (1998). Ela inicia sua proposta de análise dizendo que, em termos gerais, existe consenso entre as acadêmicas feministas de que há algo que se chama investigação feminista (ou de gênero, como lhe denominam ultimamente de maneira um tanto asséptica). Alguns afirmam que existe uma epistemologia feminista, outras preferem falar de um ponto de vista, há também as que falam de uma metodologia, só do político detrás da metodologia, ou de método feminista. Finalmente para outras tantas só é feminista a seleção dos objetos de estudo. Há, por fim, o entendimento para algumas de que as técnicas são feministas, enquanto para outras são neutras (p.145).

Bartra pergunta: Por que falar da existência de uma metodologia feminista? Ela mesma responde:

> Penso que existem *formas gerais* de acercamento à realidade, para conhecê-la que, dentro das ciências, são próprias do que fazer feminista.(...) Metodologia feminista expressa de maneira explícita a relação entre política e filosofia. A ontologia e a epistemologia têm também uma estreita relação com o que cada um é, afeta e condiciona diretamente a maneira em que se conhece, o que se descobre (1998, p.146).

unesp

De acordo com Bartra é possível dizer que o fazer feminista dentro das ciências e as humanidades propõem caminhos que lhe são próprios para conhecer a realidade. Ademais, a finalidade última do feminismo é a libertação das mulheres, pelo que seu método compartilha este fim (p.147).

Ao assumir a existência de um método feminista, a autora considera que, em sua forma mais simples, o método feminista significa a análise meticulosa de quanto conhecimento existe sobre o tema que se trabalha para descobrir os viéses sexistas e tentar corrigi-los. Significa desarticular as diversas disciplinas, devido a seu marcado androcentrismo, e tentar a construção de novas, não sexistas e não androcêntricas (p.148).

Indicando a direção que se deve tomar para iniciar uma investigação feminista, Bartra propõe que o ponto de vista feminista é, antes de mais nada, o ponto de partida, o arranque, o começo desse caminho que levará ao conhecimento de algum processo ou processos da realidade. Esse caminho vai-se fazendo à medida que se desenvolve a investigação. E ainda: o ponto de vista feminista tem a ver com o método geral e com o específico, já que o método geral não é neutro. A visão feminista conduzirá ao desenvolvimento da fase investigadora de determinada maneira, distinta de outro ponto de vista, porque prioriza alguns aspectos e não outros, porque utiliza um marco conceptual distinto, por exemplo, do que usaria o neoliberalismo ou o marxismo de velho cunho ou qualquer outro; e, por suposto, o primeiro de tudo, porque elegera determinados problemas a investigar que, ao final de contas, contribuíram para transformar a condição subalterna das mulheres (p.148-149).

Finalmente, a autora revela que o método feminista serve, como um desconstrutivo *pente fino* que se usa para modificar o androcentrismo ainda reinante e criar um melhor conhecimento, com menos falsificações (p.155).

unesp

É fundamental dizer que o objetivo de apresentar, no item anterior, as referências epistemológicas feministas e suas implicações metodológicas visaram situar o leitor com relação aos argumentos que defendem a existência de dita epistemologia feminista. Desse modo, exercitando a capacidade de recriar nexos, introduzir-se-á logo a seguir o pensamento rortiano.

2.2. Feminismo e pragmatismo e educação-amor

No item anterior priorizou-se a reflexão das origens, a atuação e a constituição do movimento feminista como campo teórico. A seguir privilegiam-se os argumentos que introduzem o pensamento de Rorty, bem como as discussões acerca do feminismo e pragmatismo e, por fim, a análise da relação entre feminismo, pragmatismo e educação.

2.2.1. Sob a inspiração do pensamento de Rorty

Para expor os argumentos centrais da filosofia da educação desse autor recorre-se ao dossiê: Richard Rorty e a Filosofia da educação (1997) assim como aos textos de Costa (1995), Soares (1997), bem como ao texto de Rorty: A filosofia e o futuro (1997) e Educação como socialização e como individualização (2000).

O projeto rortiano pode ser dividido em: Descrição de Rorty acerca dos seres humanos, da subjetividade e estratégias redescritivas. O novo modelo de subjetividade desse autor segue dois passos estratégicos: o primeiro resulta da

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

aplicação de seu holismo e o segundo resulta da sua adoção do ponto de vista da terceira pessoa. O indivíduo humano, imerso completamente no natural, é observado pelo seu comportamento. As estratégias redescritivas – a redescrição– é uma tarefa de imaginação: redescrever a nós, aos outros e ao mundo.

Ghiraldelli, ao dar pistas *Para ler Richard Rorty e sua Filosofia da Educação (1997),* afirma que a filosofia de Rorty se confunde com uma filosofia da educação. Rorty propõe um rompimento entre utopia e teoria, ficando com a primeira porque para ele a teoria só atrapalha. Assim entendendo, toma a palavra teoria no seu sentido forte que tem origem grega. Etimologicamente significa a ação de ver, observar, examinar; vem do verbo theoréo, que se referia inicialmente aos espectadores que contemplavam os Jogos Olímpicos. Derivou-se daí que assistir aos jogos tinha a ver com a contemplação do divino, com participação na Verdade, no essencialmente real. Partindo dessa visão, Rorty aprova a desvinculação entre utopia e teoria, sendo esta tomada como relato raciocinado que visa expor os prós e os contras de uma situação, pessoa, instituição. Mas, ao mesmo tempo, esse autor não rejeita totalmente a teoria.

Para compreender essas questões, deve-se considerar Nietzsche, como ponto de partida, no aforismo 22 de *Para além de Bem e Mal.* Ghiraldelli (1997) ressalta que nessa obra o fato de Nietzsche brincar com o cientificismo metafísico do século XIX e considerar que a ciência natural- em especial a física- é mais que um modelo, mais que uma interpretação, é um retrato fiel da realidade. Seguindo o raciocínio desse autor, depois de Nietzsche colocar na berlinda a filosofia metafísica e a teoria como correspondência fiel e única da realidade é possível apresentar o pragmatismo de Rorty como filosofia contemporânea.

unesp

A partir desse ponto de vista, ainda segundo Ghiraldelli, Rorty pensa que não é boa a idéia de Habermas de conceber uma teoria que se relacione com a utopia de maneira tênue – uma teoria que não quer legitimar a utopia nem quer afirmar que vai nos conduzir a ela. Isto porque Rorty considera que, se a utopia que almejamos é a sociedade democrática, devemos defender uma educação que seja também democrática e induzir os outros a optar por ela, por meio da educação. Tanto para Dewey como para Rorty, não é a filosofia que possibilita a democracia, mas é a democracia que prosperando permite aos homens alimento e menos polícia e, então, possibilita o filosofar. Em conseqüência, não é a filosofia que possibilita a educação, mas é esta que se exerce segundo as implicações, tramas, determinações e implicações da sociedade. Quem possibilita a educação democrática é a democracia e não os fundamentos que porventura a filosofia consiga para a educação democrática.

Nessa mesma linha de raciocínio, Ghiraldelli (*Op.cit.*) apresenta o entendimento especial que Rorty tem com relação à educação. Dessa maneira, a concepção de educação da direita aponta para a *verdade* – verdades evidentes e familiares. A esquerda concebe a educação como *liberdade* no sentido de romper com velhas verdades. A oposição explícita entre verdade e liberdade opera em ambas posições, no desenvolvimento de teorias filosóficas de resultados sobre a natureza da verdade e da liberdade.

Segundo Ghiraldelli, Rorty iguala direita e esquerda quanto a seus argumentos filosóficos num ponto: ambas desenvolvem teorias filosóficas para a política e para a educação, no caso, concepções de natureza humana e, então, querem mostrar que suas práticas políticas e educacionais estão em acordo com o Homem e que, por isso, são legítimas. Conclusivamente, ele assevera que o

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

crescimento é o único fim pelo qual a educação superior democrática pode servir (p.11-30).

Dando continuidade aos argumentos de Rorty no que se refere à educação, é imprescindível destacar que esse autor no texto: *Educação como socialização e como individualização* (2000) analisa como acontece o processo de socialização e individualização para os conservadores de direita e para os radicais liberais. Rorty enfatiza que nas democracias liberais, a tensão entre essas duas atitudes foi resolvida por meio de um compromisso no qual a direita assegura o controle da educação primária e secundária e a esquerda tem gradualmente conseguido controlar a educação superior não-profissionalizante (p.83). E com relação ao processo de socialização, ele indica que a educação até 18 ou 19 anos é bem mais uma questão de socialização, de se conseguir que os estudantes obedeçam o senso comum moral e político da sociedade como ela é.

Contudo, o autor afirma que, com relação à educação superior não-profissionalizante, o propósito é ajudar os estudantes a perceberem que eles podem refazer a si mesmos, que eles podem retrabalhar a auto-imagem impingida a eles pelo passado, a auto-imagem que fez deles cidadãos competentes, transformando-a em uma nova auto-imagem, uma que eles próprios ajudaram a criar. Para enfrentar e propor esse novo desafio educacional, Rorty assume o legado de Dewey. Segundo o autor a grande contribuição de John Dewey para a teoria da educação foi ajudar-nos a nos livrar da idéia de que a educação é uma questão de induzir a verdade ou deduzir a verdade. A educação primária e secundária será sempre uma forma de familiarizar o jovem com o que seus anciãos tomam como verdadeiro, seja isto verdadeiro ou não (p.87)...a educação superior não-profissionalizante é uma questão de incitar dúvidas e estimular a imaginação, portanto, de desafiar o



consenso dominante. Se a educação pré-*college* produz indivíduos autocriados, então a questão sobre se estão ensinando a verdade aos estudantes pode ser saudavelmente negligenciada (p.86-87).

A noção de socialização que Rorty apresenta vem de Dewey e segundo este consistia em adquirir uma imagem de si mesmos como herdeiros de uma tradição de ampliação de liberdade e crescente esperança. Rorty atualiza Dewey e afirma que

> podemos imaginá-los como esperando que as crianças venham a pensar delas próprias como cidadãos orgulhosos e leais de um país que, paulatina e dolorosamente, livrou-se do jugo estrangeiro, libertou seus escravos, concedeu direitos civis às suas mulheres, conteve sua elite usurpadora e licenciou seus sindicatos, liberalizou suas práticas religiosas e construiu *colleges* em que cinqüenta por cento de sua população poderia entrar– um país que enumerou entre seus cidadãos Jefferson, Thoreau, Susan B. Anthony, Eugene Debs, Woodrow Wilson, Walter Reuther, Franklin Delano Roosevelt, Rosa Parks e James Baldwin. Dewey queria a inculcação dessa narrativa de liberdade e esperança como o núcleo do processo de socialização (p.91).

Enquanto seguidor fiel de Dewey, Rorty resgata a função social dos *colleges* americanos como a de ajudar os estudantes a verem que a narrativa nacional, em torno da qual sua socialização está centrada, é uma coisa em aberto (p.95). Rorty, ao expor sobre a educação não-profissionalizante, afirma que é de suma importância que esse processo se efetive com professores vivos e não por meio de computadores e notas de lições mimeografadas, isso porque os estudantes necessitam ter os olhos comprometidos livremente, antes de qualquer coisa, por meio de seres humanos. Ele sinaliza que a liberdade de cátedra e a liberdade acadêmica são mais importantes do que apenas aquilo que os sindicatos solicitam. Professores fixando suas próprias agendas – colocando suas especialidades individuais, longamente

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

preparadas, à disposição na cafeteria curricular, sem considerar qualquer fim grandioso, muito menos qualquer plano institucional – é tudo o que é a educação superior não-profissionalizante (p.96).

O autor defende e aponta que tais compromissos de liberdade são as ocasiões de relacionamentos eróticos entre professor e o estudante que Socrátes e Allan Bloom celebram e que Platão, infelizmente, tentou capturar em uma teoria da natureza humana e no currículo das artes liberais. Mas o amor é notoriamente não teorizável. Tais relacionamentos eróticos são ocasiões de crescimento; sua ocorrência e seu desenvolvimento são tão imprevisíveis quanto o próprio crescimento em si, ainda que nada de importante aconteça na educação superior não-profissionalizante sem eles. Ainda dentro dessa compreensão, Rorty revela que a maioria desses relacionamentos dá-se com os professores já mortos que escreveram os livros que os estudantes estão lendo, mas alguns serão com os professores vivos que estão ministrando as lições (p.96-97).

Nesse sentido, o autor deixa claro que em ambos os casos o cortejamento que vai e volta entre o professor e o estudante, conectando-os em um relacionamento que tem pouco a ver com a socialização e muito a ver com a autocriação, é o principal meio pelo qual as instituições de uma sociedade liberal conseguem ser transformadas. A menos que tais relacionamentos sejam criados, os estudantes nunca perceberão que as instituições democráticas são boas para, tornar possível a invenção de novas formas de liberdade humana, conversando sobre liberdades nunca antes conversadas (p.97).

No texto *A Filosofia e o futuro (1997),* Rorty argumenta que a preocupação pela perda do conhecimento do eterno fez com que a filosofia considerasse o tempo seriamente. E, nesse sentido, a influência de Darwin foi fundamental para que os

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

seres humanos se vissem como contínuos com o resto da natureza. Estas mudanças propiciaram a definição do método em relação ao objeto de investigação e a definição do papel dos filósofos.

A proposta de Rorty é de uma filosofia com "f" e não uma Filosofia "F". Trata-se de uma filosofia que a educação e a política podem utilizar para construir uma retórica destinada a convencer e não, forçar as pessoas. O objetivo desse autor segundo Ghiraldelli, é

> advogar a idéia de que os grupos oprimidos da sociedade só podem melhorar sua situação à medida que forem capazes de ter sobre si mesmos o que ele chama de autoridade semântica para poder inventar uma nova identidade moral para si mesmo (Ghiraldelli, 1997.p.30).

Com vistas a subsidiar apresentação dos argumentos da filosofia contemporânea de Rorty, expõe-se a seguir as reflexões de Costa e Soares sobre o pensamento do autor em questão.

De acordo com Jurandir Freire Costa (1995, p.5-15), Rorty redescobriu o pragmatismo filosófico da cultura norte-americana. Fez suas as máximas de William James e Wendell Holmes: onde encontrar uma contradição, faça uma redescrição, a vida antes de ser lógica é experimento. Ainda segundo Costa, as idéias de redescrição e experimento transformaram-se no centro do seu pensamento e o alvo principal dos adversários.

> Redescrição e experimento são apenas maneiras de afirmar que não podemos garantir que problemas e soluções atuais que estavam prontos ou podiam ser previstos no começo dos tempos ou no passado remoto da cultura. Isto não significa desconhecer o peso do passado como causa do presente. Significa que só podemos ver a marca do passado no presente quando dispomos de uma teoria de verdade que mostra a marca como causa ou razão do que importa discutir (1995, p.5-15).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Para Costa, referindo-se a Rorty, só existem eventos sob descrição. É a descrição preferida do intérprete que será a mais adequada às suas convicções éticas e não a mais iluminada pela razão (p.5-15). Sendo assim, ele observa que agimos eticamente porque experimentamos saídas para dilemas, conforme uma dada tradição moral, e não porque conhecemos o lugar onde as palavras soldam-se ao supremo Bem (p.5-15). Costa, analisando as conseqüências do neopragmatismo, afirma que o valor da teoria não deriva exclusivamente de seu conteúdo, mas do uso feito na prática.

Soares (1997), por sua vez, ao analisar o pensamento de Rorty, no artigo *A revolução americana*, considera que

> o alvo a que se dirige a crítica de Rorty são as filosofias da representação, fundacionalistas ou essencialistas, que pensam o conhecimento como correspondência à realidade e restauram, sucessivamente, ao longo dos séculos, a metafísica dos dualismos (universalismos-relativismos; objetivismo-subjetivismo; racionalismo-irracionalismo etc.) (p.5).

Esse autor diz que, para Rorty, o conhecimento não serve aos seus propósitos práticos porque é verdadeiro, mas que, ao contrário, dele dizemos ser verdadeiro porque serve aos nossos objetivos, funciona no contexto de metas e práticas em que o adotamos e o fazemos operar. A verdade, como os juízos éticos e estéticos, é um produto precário e provisório dos debates e embates tensos, agonísticos e incessantes, de atores históricos concretos, em contextos sociais determinados.

Ainda segundo Soares (1997) Rorty reiventa, ao elaborar seu discurso crítico, uma tradição – o pragmatismo– cujos pais fundadores foram William James, Charles S. Pierce e John Dewey. Na nova descrição da história da filosofia proposta por Rorty, ele incluirá, por um lado, autores provenientes de tradições diversas,

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

como Sellars, Davidson, Nietzsche, Heidegger e Wittgenstein, por outro Quine, John Stuart Mill, Foucault e Derrida.

Em outro artigo, Costa (1997) reafirma que Rorty renova o interesse pelo pragmatismo de James e Dewey sublinhando a concepção darwinista do sujeito e da linguagem. Considera ainda que ele propõe uma 'teoria causal' do conhecimento. Afirma que conhecer não é 'representar' alguma coisa para algo, pessoa ou função cognitiva. Mas, conhecer é lidar com informações ambientais que afetam os organismos. Lidar com informações significa alterar o estado de equilíbrio anterior à afetação, tendo ou não por finalidade a 'adaptação', que é um produto secundário da mutação ocasional do patrimônio genético ou da reação experimental do organismo vivo às exigências do meio. O conhecimento, portanto, é 'causado' por esta constante interação organismo/meio e o sujeito, um dos efeitos linguageiros dessa interação, sendo que todo conhecimento do que julgamos saliente e importante conhecer é contextual e relacional. O sentido dos termos, desta forma, está no uso que fazemos deles, em contextos sócio-culturais (1997, p.5-6). Explicitar os principais argumentos da filosofia contemporânea de Rorty contribui para ampliar o significado da reflexão do feminismo e pragmatismo por uma via que abre possibilidades para enxergar o amor como relação de vida e como relação pedagógica não restrita à educação escolarizada.

2.2.2. Discussões acerca do feminismo e do pragmatismo

Em seu artigo, *Feminism and Pragmatism*, Rorty (1991, p.3) faz uma interlocução com Catherine Mackinnon ao mesmo tempo que cita outras autoras

unesp

feministas. Esse artigo traz idéias instigantes para o propósito do nosso texto. Primeiro o autor inicia sua reflexão mencionando um pequeno trecho de Mackinnon no qual ela questiona, quando duas mulheres assumiram a Suprema Corte de Minnesota, se elas usariam as ferramentas da lei, como mulheres, para todas as mulheres. Colocada a questão, ela continuou dizendo que o real assunto feminista não é se os machos biológicos ou fêmeas biológicas defendem posições de poder. Ela não está afirmando que pontos de vista têm órgãos genitais, nem que o seu assunto possa ser nossas identificações, nossas lealdades, nossa comunidade pela qual somos responsáveis...(p.3) Rorty comenta as palavras de Mackinnon, relacionando-as com alguns filósofos e feministas. Ele indaga, questiona, elogia e propõe algumas possibilidades de articulação, bem como o encontro com o pragmatismo. O autor diz:

> Tudo que podemos fazer é oferecer às feministas um pouco de munição com propósitos especiais, por exemplo, algumas respostas adicionais às acusações de que seus objetivos não são naturais, que suas demandas são irracionais ou que suas reinvindicações são hiperbólicas (1991, p.6).

Esse argumento é interessante como possibilidade de diálogo entre pragmatismo e feminismo. A contribuição de Rorty parece ir além da revolução do pensamento filosófico, ele ultrapassa as fronteiras do domínio masculino e se envereda pelos caminhos do feminismo numa tentativa de uni-lo ao pragmatismo. Em vista disso, acredita-se que Rorty poderia propor como experiência uma nova redescrição, contrapondo-se ao exemplo citado.

Importante ressaltar também que Rorty amplia a sua oferta às feministas, quando explica o seu interesse em reunir feminismo e pragmatismo, ao continuar afirmando:

unesp

> Tudo isso para se ter uma visão geral das minhas razões em tentar colocar o feminismo e o pragmatismo juntos. Eu quero agora ampliar minha reinvindicação de que um pragmatismo feminista vai se ver contribuindo para criar mulheres ao invés de tentar descrevê-las mais cuidadosamente. Eu devo assim proceder tomando duas objeções que podem ser feitas quanto ao que estive falando. A primeira é a acusação familiar de que o pragmatismo é inerentemente conservador, tendencioso em favor do status quo. A segunda objeção surge do fato de que se você disser que as mulheres precisam ser criadas ao invés de simplesmente liberadas, você parece estar dizendo que em certo sentido as mulheres não existem completamente. Mas então parece não haver fundamento para se dizer que os homens tenham feito mulheres erradas, se você não pode errar naquilo que não existe (*Ibidem* p.6).

Segundo esse autor, haveria algumas razões para tentar unir feminismo e pragmatismo, como foi mencionado anteriormente. Porém, têm-se algumas dificuldades para essa união. Ele descreve o que um pragmatismo feminista faria em relação às mulheres, no sentido de contribuir para criá-las, ao invés de tentar descrevê-las mais cuidadosamente. Tecendo um paralelo entre essa sugestão de Rorty e não optando por criá-las, mas sim por redescrevê-las, com base nos aspectos da redescrição elaborada sobre o filme, pode-se considerar que este redescrever tem a mesma perspectiva de um pragmatismo feminista, no que toca à questão do aborto, contribuindo para a ampliação das discussões e por mais direitos. Rorty explicita as objeções ao pragmatismo e em seguida retoma sua avaliação sobre essas objeções numa perspectiva de afirmar que, se não há bases para dizer que os homens tenham criado imagens de mulheres erradas, não se pode errar naquilo que não existe. De maneira irônica está colocado o dilema da reflexão que une feminismo e pragmatismo. Ele pontua dessa forma a discussão que perpassa o texto sobre a voz silenciada das mulheres que ainda não adquiriram autoridade semântica.



Além de rever as suas razões para tentar unir feminismo com pragmatismo, Rorty toma Mackinnon como exemplo:

> Até aqui tenho tomado Mackinnon como meu exemplo de feminista com tal visão. Mas claro que ela é uma entre tantas. Outra é Marilyn Frye,que diz, em seu poderoso livro **As Políticas da Realidade**, que 'provavelmente não haja nenhuma distinção, no final, entre imaginação e coragem'. Ela continua: é necessário coragem para vencer um pavor moral de estar fora do campo de visão do observador arrogante. Esse é o olhar de uma pessoa que se orgulha em localizar a inaceitabilidade racional do que está sendo dito, isto é, sua incoerência com o resto das crenças daqueles que atualmente controlam as chances e a lógica da vida. (Rorty, 1991, p.6).

É possível perceber no texto em que Rorty dialoga com Mackinnon a referência a um feminismo que se pode aproximar do pragmatismo. Todavia, Rorty também argumenta:

> Suponha que consideremos, e nós como feministas freqüentemente o fazemos, as propostas habituais dos `homens` e seus desejos cultivados como ` propostas habituais e desejos cultivados dos machos, a metade da espécie que há muito tempo atrás escravizou a outra metade´. Isto nos permite ler Dewey dizendo: se você se acha um escravo, não aceite as descrições do real de seus mestres; não trabalhe dentre as fronteiras do universo moral deles; ao contrário disso tente inventar a sua própria realidade selecionando aspectos do mundo os quais se prestam como apoio ao seu julgamento sobre o que tem validade na vida (p.9).

A partir disso, podemos encontrar um provável ponto de convergência entre o pragmatismo de Rorty e o feminismo. Porém, não é demais lembrar que as feministas, já há muito tempo, não aceitaram e não aceitam as explicações dos mestres sobre a realidade, assim como também tentam não trabalhar dentro dos limites do universo moral deles: elas estão tentando inventar sua própria realidade, selecionando aspectos do mundo que possam melhorar as reais condições de suas

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

vidas. As feministas estão transgredindo a ordem estabelecida e propondo uma nova utopia. Rorty resume sua análise destacando o seguinte:

> (...) eu estou sugerindo que vejamos o movimento feminista contemporâneo desempenhando o mesmo papel no progresso intelectual e moral como desempenhavam, por exemplo, a Academia de Platão, as antigas reuniões dos cristãos nas catatumbas; as secretas faculdades copérnicas do século dezessete, os grupos de homens trabalhadores que se juntavam para discutir os panfletos de Tom Paine e muitos outros clubes formados para tentar novas formas de falar, e para reunir as forças morais para sair e mudar o mundo. Pois os grupos constroem suas forças morais ao conseguir uma crescente autoridade semântica sobre seus membros, portanto ao aumentar a habilidade de tais membros encontram-se suas identidades morais ao serem sócios de tais grupos (p.9).

Finalizando, Rorty destaca a importância do movimento feminista contemporâneo comparando-o com exemplos contundentes. Reafirma a força da metodologia feminista, através dos pequenos grupos sem, no entanto, denominá-la de metodologia. Também reforça que só dessa maneira os membros desses grupos adquiriram autoridade semântica e identidades morais. Assim, entende-se que essa última proposição de Rorty é fundamental para o estabelecimento dos nexos que serão tecidos no próximo capítulo.

Após registrar alguns aspectos importantes do pensamento rortiano, dar-se-á continuidade ao processo de redescrição, apresentando alguns elementos da crítica de Susan Haack (1998), que argumenta e defende a inexistência de uma epistemologia feminista.

A exposição apresentada sobre a epistemologia feminista pretendeu apontar os principais problemas e tendências dentro dessa nova área. Como contraponto a esses argumentos feministas, destaca-se agora a crítica de Susan Haack que se pauta pela formulação da existência de uma epistemologia feminista. Em seu artigo:

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Knowledge and propaganda: reflections of on old feminist (1998), a autora se identifica como uma velha feminista, porém não como epistemóloga feminista. Na sua compreensão esta não existe e, segundo ela, não há nenhuma conexão entre feminismo e epistemologia como a rubrica desta requer.

Ao afirmar a não-existência de uma epistemologia feminista nos moldes que essa denominação solicita, Haack direciona suas críticas ao feminismo epistemológico imperialista ambicioso que enfatiza o ponto de vista das mulheres e reivindica armas revolucionárias significativas para todas as áreas da filosofia, incluindo a epistemologia.

Na seqüência, ela pergunta: O que é ser feminista na epistemologia feminista? Sua resposta é irônica quando caracteriza alguns tipos mais comuns:

> Algumas só o fazem porque estão tomando de empréstimo algum tema descrito em outro lugar como – feminista –; algumas, talvez, por falta de razão melhor do que esta, desde que são feministas, ou fêmeas e estão fazendo epistemologia, julgam que devem estar fazendo epistemologia feminista. Algumas estão mais ou menos conscientes que o rótulo "feminista" pode ajudar a assegurar que o trabalho delas receba uma audição simpatizante de alguns e conseqüentemente desvia a crítica de outros e de outros locais (1998, p.125)

Logo após mapear o que significa ser feminista na epistemologia feminista, o alvo de ataques se direciona para os dois caminhos que ligam feminismo e epistemologia: a) *O ponto de vista da mulher: o modo como as mulheres vêem as coisas* e b) *servindo aos interesses das mulheres*

Para refutar o primeiro caminho Haack (*Op. cit.*), apresenta suas divergências percorrendo os principais pontos de referência dessa teoria. Autora afirma que a epistemologia feminista representa 'os modos de conhecer das mulheres' e entender isso como a reversão para a noção de 'pensar como uma

mulher' é um inquietante remanescente de antigos estereótipos machistas. Ela assegura que não está convencida de que haja algum modo distintamente feminino de 'conhecer'. Exemplifica essa afirmação dizendo que o argumento que justifica o fato de as meninas terem melhores resultados que os meninos, em média, em testes de habilidade verbal, e os meninos melhores que as meninas em testes de habilidade matemática, não tem nenhuma tendência para mostrar que mulheres e homens têm modos diferentes de conhecer. Sua crítica a esse primeiro caminho ou seja "os modos de conhecer das mulheres" pode ser sintetizada da seguinte forma: a) Variedade de temas incompatíveis propostos como epistemologia feminista; b) a expressão 'os modos de conhecer das mulheres' é tendencioso. Continuando sua consideração sobre o que significa esses modos de conhecer, Haack desconstrói com precisão um dos nós que envolvem a construção dos "sujeitos mulheres" na epistemologia feminista:

> É dito, freqüentemente, que os oprimidos, os prejudicados (ou inferiorizados) e os marginalizados são epistemologicamente privilegiados em virtude dessa opressão e desvantagem. Caso fosse verdade, esse fato sugeriria que o verdadeiramente privilegiado epistemologicamente não são as mulheres bem sucedidas, bem-educadas, brancas, ocidentais que, (principalmente), baseiam suas reivindicações numa compreensão especial disso, mas os mais oprimidos e prejudicados– alguns dos quais são homens. Obviamente, para algumas epistemólogas feministas, vendo que o – privilégio da tese de desvantagem – sugere maior privilégio para o mais prejudicado, reivindicam especial privilégio epistemológico para as lésbicas (1998, p.126).

Com relação ao segundo caminho apontado pela autora: *servindo aos interesses das mulheres*, supõe-se realizado através da crítica feminista ao sexismo na teoria científica. Coerente com sua crítica à epistemologia, Haack mostra as fragilidades e suas discordâncias também neste segundo ponto.

unesp

> Estes dois caminhos que supostamente ligam feminismo e epistemologia incorporariam-se a concepção – com a qual, é claro, não concordo – de que o sexismo na teoria científica é resultado da exclusão do modo feminino de conhecer. A debilidade da primeira poderia ser dectada na segunda concepção – na qual, é preciso advertir, seria ingênuo supor que somente os homens subscrevem estereótipos sexistas, estou inclinada em concordar – que as mulheres são provavelmente um pouco mais propensas do que os homens a difundir o sexismo (1998, p.127)

Ainda na esteira da desconstrução desses caminhos da epistemologia feminista, a autora adverte:

> O significado epistemológico das críticas feministas ao sexismo na teoria científica, apesar de bastante real, não é dramático e de nenhum modo revolucionário. Um projeto tradicional de epistemologia é fornecer regras, ou melhor, diretrizes, para a conduta de investigação; outro é articular padrões de evidência melhores e piores de crença melhor ou pior justificadas. Uma sub-tarefa da 'conduta de projeto de investigação' é entender que ambientes são encorajadores, e que podem ser hostis para uma bem sucedida investigação. Uma sub-tarefa desta sub-tarefa é compreender como minimizar o efeito de preconceitos inquestionáveis e injustificados encorajando a aceitação de teorias que não são bem apoiadas por evidências. Os estudos feministas moderados da ciência sexista, como os estudos dos desastres do nazismo ou da ciência Soviética, poderiam ser um recurso útil nesta sub-tarefa da 'conduta do projeto de investigação'. Porém, esta é uma função que requer a concepção de teorias como melhores ou piores apoiadas pela evidência, e a distinção de evidente e não evidentes considerações, tradicionalmente investigadas nos – padrões de projetos de evidência (Ibidem).

Durante o percurso realizado, sempre suscitou-se uma questão: O que tem a ver a crítica dessa autora com a redescrição elaborada até o presente momento? Sua argumentação contribui com a discussão do aborto? O aborto é um tema da epistemologia feminista?

Todos os autores citados foram sumamente importantes nesta tarefa da imaginação que configura a construção – reconstrução desse saber sobre as

unesp

histórias do filme, a educação, feminismos e epistemologia.

Examinando a primeira questão, pode-se dizer que a crítica de Haack possibilita um olhar diferente sobre os problemas abordados, no sentido de questionar não só o que significa fazer epistemologia feminista, mas também rever o processo em que ela se desenvolve, bem como o método utilizado, a definição do sujeito e de categorias, a metodologia empregada e a utilização do termo. Sua crítica alerta para a possibilidade de se pensarem as fragilidades e a consistência da proposta que engloba esta teoria.

Haack ainda aponta para um aspecto fundamental. Não basta ser mulher para fazer epistemologia feminista. Assim como não basta ser mulher para ser Presidente da República. Em outras palavras, não é o fato de termos mulheres trabalhando sobre essa denominação que caracterizaria a atividade com o selo de disciplina nessa área de conhecimento.

Entende-se que sua crítica, se for transportada para os episódios do filme, contribuiria no sentido de elucidar que a autora, circunscrita a uma outra experiência feminista, revela-se nos seguintes termos: *o feminismo novo enfatiza a importância do 'ponto de vista da mulher', o feminismo velho acredita na importância primária do ser humano.... Pessoalmente eu sou uma velha feminista*. Foi a partir dessa frase, que se encontra como epígrafe do seu artigo, que ela teceu seus argumentos, colocando para o leitor de onde faz sua interlocução; este ponto de partida, pressupõe afirmações que a identificam com o feminismo; tem a ver com a sua experiência educativa e com a sua aprendizagem. O artigo é elaborado a partir da sua história de vida, de sua trajetória pessoal durante sua vida escolar:



> Eu tenho sido uma feminista desde a idade de doze anos, quando eu alcancei a nota mais alta no meu primeiro exame de química, e o menino que conseguiu a nota mais próxima protestou indignado que isto não era *justo*, todos sabem que meninas não podem fazer química. (1998, p.123)

O ser feminista está ligado ao fato de ter tido uma experiência escolar exitosa e relacionada com o gênero masculino, experiência na qual a autora, sendo ainda uma menina, supera uma condição que está dada. "Todos sabem que meninas não podem fazer química". Só os meninos podem se sair bem em química e isto foi valorizado e justificado. E segundo, com a sua profissão de epistemóloga, não feminista, ou seja:

> E desde que eu tenho trabalhado em epistemologia por mais de uma década, eu penso, me qualifico como uma epistemóloga. Assim eu devo ser uma epistemóloga feminista, correto? Errado. Eu não acredito que exista qualquer conexão entre feminismo e epistemologia como a rubrica da epistemologia feminista requer (1998, p.123).

Ao assumir-se como feminista, isto tem muito mais a ver com sua vida e com suas experiências do que com a profissão. Enquanto profissional, sua atuação de pesquisadora é outra coisa, ao que parece totalmente distinta.

No segundo parágrafo, a autora insinua sua visão política e descarta sua vinculação com a análise que está fazendo. Afirma que, para pensar um projeto de epistemologia feminista, é preciso desvinculá-lo do político, considerando-o apenas a partir da epistemologia:

> Talvez pensem que somente alguém com uma visão política de extrema direita poderia ser menos entusiasmado com a Epistemologia feminista. Se for assim, vocês estão errados; igualmente porque se há algo de extremo sobre minha visão política é minha aversão a extremos, e porque minhas razões para pensar um

unesp

> projeto de epistemologia feminista distorcido são, de qualquer modo, não político mas epistemológico (1998, p.123).

Essa questão parece extremamente importante porque ela aponta um nó que aparece não só na epistemologia feminista, mas nas ciências de um modo geral, ou seja, o vínculo existente entre feminismo e política. Ou de outra, ciência e política.

Encerrando a discussão em torno da crítica de Haack com relação a epistemologia feminista, registra-se a seguir a reflexão de Nicholson (1997) no artigo: *Pós-modernismo, feminismo e educação: a necessidade de solidariedade*, segundo o qual a autora examina o texto *Hermenêutica, estudos gerais e ensino*, de Richard Rorty. Essa autora, ao discutir o trabalho de Rorty, argumenta que, a partir de idéias de Nietzsche, Gadamer e dos pragmatistas americanos, é que ele tenta desconstruir essas relíquias da 'metafísica da presença'. De acordo com seu relato pragmático do conhecimento, 'nós necessitamos ver a educação não como nos ajudando a entrar em contato com algo não-humano chamado Verdade ou Realidade mas, ao contrário, nos ajudando a entrar em contato com nossas próprias potencialidades. A autora diz ainda que, para Rorty, o propósito do ensino é servir como um potencial objetivo romântico, no sentido de 'seduzir' os estudantes à comunidade. 'O único modo pelo qual as instituições liberais de ensino podem justificar sua existência é o de que elas são o lugar em que os estudantes podem encontrar praticamente qualquer livro na biblioteca... e então encontrar alguém para conversar sobre ele'.

Nicholson enfatiza que

> infelizmente, muitos pós-modernistas e seus críticos parecem ter negligenciado ou subestimado o potencial do movimento feminista em prover o pós-modernismo com um contexto político e uma dimensão utópica. Owens acusa o debate modernidade/pós-modernidade de serem 'escandalosamente indiferentes'

> ao argumento feminista que afirma que objetividade e universalidade freqüentemente mascaram profundamente questões de privilégio sexual (tanto quanto de raça e de classe) (p.42).

Contudo, ao lado disso, Nicholson também argumenta que a maioria das feministas não se identifica com os pós-modernistas, embora os dois movimentos tenham interesses comuns e não possam ignorar-se. Neste sentido, cita Jane Flax, a qual sustenta que

> ambos tocam questões metateóricas emergentes sobre métodos apropriados de interpretação da experiência humana em um tempo de crise e ambos tocam em tentativas de entender o eu, o conhecimento e a cultura sem recursos do linear, teleológico, hierárquico, holístico ou binário modos de pensar e de ser (p.43).

Esse argumento tem sido recorrente e, neste sentido, Nicholson destaca que o movimento feminista não pode só despender energias em prol de uma luta de oposição negativa. É necessário investir em alternativas positivas que procurem dar a visão de um futuro melhor. Nicholson avalia: ao mesmo tempo que se leve em conta que o *insight* pós-modernista de nossas teorias, elas serão sempre necessariamente parciais e culturalmente específicas, e também estão fazendo outra coisa, estão se movendo para além da desconstrução na teoria e na prática (p.44). Os exemplos se multiplicam em uma recente e numerosa literatura, em debates, intervenções em disciplinas e currículos. Com efeito, é possível afirmar, segundo essa autora: "professores e filósofos da educação feministas estão engajados em esforços contra-hegemônicos que incorporem os *insights* de Freire, mas indo além deles na consciência das diferenças de gênero" Outra ação igualmente importante é referente aos cursos de ensino por equipe e programas interdisciplinares centrados em estudos das mulheres e das minorias que

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

combatem a sobre-especialização, o isolamento dos departamentos acadêmicos e ajudam os estudantes a integrarem seus conhecimentos freqüentemente fragmentados. A educação superior está sendo transformada em todas as partes da nação, no sentido de maior concessão ao projeto de integração de raça, classe e gênero no currículo 'principal' (p.45).

É preciso entender também que a recente teoria feminista, segundo Nicholson, não só fortalece a "linguagem de crítica" vinda do pós-modernismo, por meio da introdução das questões de dominação de raça, classe e gênero, como também de questões centrais sobre o debate epistemológico; ela providencia uma "linguagem de possibilidade" que forma a base de uma nova pedagogia radical. Essa autora considera que o feminismo pós-modernista é sensível às diferenças; de um lado, pode servir como um importante corretivo às tendências niilistas, e de outro, de apologia do *status quo*, presentes no pós-modernismo (p.45).

2.2.3. Nas teias do feminismo e educação

A partir do que já foi exposto em relação ao aparecimento das lutas femininas, da palavra feminismo, do feminismo sufragista, dos estudos da mulher, do surgimento dos núcleos e da categoria de gênero, do pensamento de Rorty e da sua relação com o feminismo, entende-se que tais temáticas revelam a possibilidade de desconstruir verdades absolutas e propor um novo significado às relações entre o feminino e o masculino, bem como a possibilidade de se fazer uma leitura a partir das experiências existentes nos mais diversos países. Detectar as similaridades, as diferenças, conquistas e avanços desse paradigma é um desafio extremamente novo

unesp

dentro das ciências sociais. Entretanto, resta um questionamento, uma indagação: Como articular gênero e educação?

Para responder a essa pergunta, faz-se necessário partir de algo concreto que proporcione elementos para a reflexão. Um exemplo significativo é a apresentação dos indicadores do *Relatório sobre o Desenvolvimento Humano no Brasil-1996,* que aponta: As mulheres têm melhor desempenho no primeiro grau de ensino e concluem o curso mais rápido que os homens (elas têm menor índice de evasão e repetência).

O relatório menciona como razões fundamentais para essa performance o processo de socialização que as mulheres vivenciam por ser mais parecido com o que a escola ensina, do que o dos homens, pois, para eles, o apelo do trabalho é menos forte. Contudo, esse estudo ainda mostra que as mulheres encaminham-se predominantemente para as áreas de ciências humanas e saúde (no curso normal, 96% de mulheres; nos cursos técnico-industriais, só 20%). O relatório também registra, quanto aos percentuais em relação à Universidade, que, em 1970, as mulheres totalizavam 42% dos alunos; passando para 49% em 1980 e chegando a 52% em 1990. Todavia, os cursos preferenciais: são magistério, medicina (nesta área preferencialmente pediatria e ginecologia) (*Idem*, p.1).

No entanto, esse diagnóstico demonstra ainda que as mulheres representam 17% dos membros dos comitês assessores e gestores da política de ciência e tecnologia; possuem 31% das bolsas de pesquisa; são 32% dos recursos humanos em ciência e ensino; publicam 32% dos artigos científicos em revistas nacionais e 27% nas internacionais; são autoras de 32% das teses defendidas; representam 37% dos mestrandos e 34% dos doutorandos no exterior (p.1). Esses dados nos dão um

unesp

panorama da desigualdade entre mulheres e homens na área da educação. Assim sendo, é um desafio pensar a educação a partir deste prisma, porque isto requer uma nova metodologia que desconstrói velhos paradigmas e incita a reconstrução de novos modelos epistemológicos de maneira interdisciplinar. E mais: que levem em conta os papéis femininos e masculinos numa experiência relacional. Assumir a perspectiva teórica de gênero na educação significa mudar o eixo das nossas discussões e propostas. Tem a ver com uma revisão de parâmetros, de idéias e discursos que fundamentam nossa prática. Articular gênero e educação ainda representa mexer e avaliar conteúdos, atividades e recursos empregados no processo ensino-aprendizagem. Esse entendimento joga por terra uma deformação educacional (educação tradicional) que prepara alguns para dominar e outros para serem dominados. Significa desconstruir tudo isso que impede o homem e a mulher de se tornarem cidadãos e se relacionarem como tais. Ou seja, reinventar uma educação fundada na perspectiva de gênero.

O mapeamento da situação da diferença sexual nas práticas educativas pode ser abordado de muitas maneiras, mas para efeito deste trabalho deter-se-á em apenas duas possibilidades de leitura. A primeira retrata a visão de Guacira Lopes Louro (1997), que parte de uma perspectiva feminista pós-estruturalista assumida. E a segunda leitura parte de uma análise sobre a igualdade de oportunidades *versus* diferença, sem dar visibilidade à teoria feminista.

Em relação à primeira, pode-se afirmar que Louro contempla os seguintes aspectos: a diferença entre os sexos na educação, seja no feminismo e educação, seja no gênero e educação. Nesse sentido a autora se reporta às teorias elaboradas pelas/os estudiosas/os feministas, ao mesmo tempo que sugere um pensamento plural, que reflita a fundo as representações sociais, livre dos argumentos

unesp

biológicos e culturais da desigualdade, os quais sempre têm o masculino como referência. A autora faz um breve e contextualizado histórico do ressurgimento do movimento feminista nos anos sessenta, destacando os fatos, locais, participações e produções teóricas importantes que marcaram a época. Também afirma que militantes feministas participantes do mundo acadêmico vão trazer para o interior das universidades e escolas questões que as mobilizavam, impregnando e 'contaminando' o seu fazer intelectual – como estudiosas, docentes, pesquisadoras – com a paixão política (1997, p.16). Esta observação da autora ajuda a entender como as ações dessas militantes vão transformar a prática educativa, valendo-se da interferência deste novo olhar sobre as teorias educativas e a prática pedagógica.

Focalizando essa questão, a autora analisa a escola como o espaço de construção das diferenças, e é categórica quando assevera que é "sobre diferenças, distinções, desigualdades (...) que o mundo da escola entende". Ao lado disso ela diz:

> Concebida inicialmente para acolher alguns – mas não todos – ela foi, lentamente, sendo requisitada por aqueles/as aos/às quais havia sido negada. Os novos grupos foram trazendo transformações à instituição. Ela precisou ser diversa: organização, currículos, prédios, docentes, regulamentos, avaliações iriam, explícita ou implicitamente, 'garantir' – e também produzir – as diferenças entre os sujeitos (1997, p.57).

Se a escola comporta toda esta diversidade, garante e produz as diferenças entre os sujeitos com base em uma educação sexista, o foco das estudiosas/os feministas será pautado na desconstrução dessa prática educativa considerada natural. Louro (1997) ilustra muito bem essa questão:

unesp

> Afinal, é 'natural' que meninos e meninas se separem na escola, para os trabalhos de grupos e para as filas? É preciso aceitar que 'naturalmente' a escolha dos brinquedos seja diferenciada segundo o sexo? Como explicar, então, que muitas vezes eles e elas se 'misturem' para brincar ou trabalhar? É de esperar que os desempenhos nas diferentes disciplinas revelem as diferenças de interesse e aptidão 'características' de cada gênero? Sendo assim, teríamos que avaliar esses alunos e alunas através de critérios diferentes? Como professoras de séries iniciais, precisamos aceitar que os meninos são 'naturalmente' mais agitados e curiosos do que as meninas? E quando ocorre uma situação oposta à esperada, ou seja, quando encontramos meninos que se dedicam a atividades mais tranqüilas e meninas que preferem jogos mais agressivos, devemos nos 'preocupar', pois isso é indicador de que esses/as alunos/as estão apresentando 'desvios' de comportamento? (p.63-64).

A pertinência dessas colocações está no fato de elas retratarem a experiência de muitos docentes, não só nas séries primárias e secundárias como também em todo o 3º grau, em que essas situações são vivenciadas cotidianamente. As tentativas de respostas a esses questionamentos da autora levariam a uma mudança de postura educacional.

Com relação às práticas educativas feministas, a autora aponta a construção de teorias, de propostas pedagógicas num primeiro plano de trabalhos de inspiração marxista e outros que se seguiram voltados para questão de gênero, de raça e de etnias. Segundo Louro, as feministas contribuíram com essa trajetória, apoiadas em distintas matrizes conceituais, como resposta na superação das desigualdades de gênero na educação. Desta forma foram elaborados repertórios de denúncias e estratégias de intervenção nas políticas educativas (1997, p.110).

Algumas feministas, ao fazerem a crítica às formas tradicionais de educação escolar, escolhem como alvo escolas co-educativas, as quais, tomando-se por base suas observações, necessitam ser reformuladas, por exemplo, elas vão propor um retorno às escolas separadas por gênero.

unesp

As justificativas dessas feministas para a separação estão baseadas na crença de que nessas escolas as meninas/mulheres teriam mais oportunidades de liderança e de expressão. O outro elemento que elas destacam é que a ausência dos meninos diminuiria a tendência de as meninas se comportarem conforme os estereótipos de seu gênero. Esses argumentos têm como pano de fundo as posições de algumas feministas radicais. Louro destaca Madeleine Arnot, a qual afirma que estas acreditam serem as escolas mistas o principal meio de reproduzir as relações patriarcais de dominação. Todavia, a mesma Madeleine Arnot argumenta que a solução de escolas separadas não responde ao problema de como educar os meninos/homens para a transformação das atuais relações de gênero ou como mudar atitudes masculinas preconceituosas em relação às mulheres (p.111). Creio que este é mais um desafio para os/as educadores/as que estão transitando nos vários arcabouços teóricos.

As iniciativas desse tipo de estratégias e intervenções feministas não param por aí. Ao ser detectado que a educação formal, na sua concepção, em suas políticas e suas práticas foram e continuam a ser definidas e governadas pelos homens, estudiosas feministas procuraram produzir um paradigma educacional que se contrapusesse aos paradigmas vigentes (p.112). A proposta é a de uma pedagogia feminista. A autora a caracteriza como

> um novo modelo pedagógico construído para subverter a posição desigual e subordinada das mulheres no espaço escolar, a pedagogia feminista vai propor um conjunto de estratégias, procedimentos e disposições que devem romper com as relações hierárquicas presentes nas salas de aula tradicionais. A voz do/a professor/a, fonte da autoridade e transmissora única do conhecimento legítimo, é substituída pelo diálogo, no qual todos/as são igualmente falantes e ouvintes, todos/as são capazes de expressar (distintos) saberes (p.113).

unesp

Essa proposta também não escapa às críticas. São questionados o exercício do poder como uma aparente negação e a autoridade que detém e ensina o saber que está embutido nesta pedagogia com seu dualismo: de um lado uma concepção masculina de docência, ligada ao conhecimento e à autoridade, e, de outro, uma concepção feminina ou feminista de docência, ligada ao apoio e ao estímulo (p.117-118). A pedagogia feminista, incorporando e sendo crítica em relação à prática educativa, pode avançar e encontrar caminhos que apaguem os limites desse dualismo forjando uma nova proposta.

A segunda leitura que se quer abordar está no livro: *Igualdades e diferenças – Propostas pedagógicas. Uma experiência do 1º Ciclo. Propostas de trabalho para a área-escola dos 2º e 3º Ciclos e Secundários* de Henriques (1994).

Nesse livro a autora postula o que chama de "algumas reflexões programáticas sobre a educação em Portugal". Em suas reflexões ela contempla desde o sistema escolar até o mundo do trabalho; a educação e a problemática da igualdade de oportunidade; análise global e perspectivas de intervenção.

Para o propósito deste trabalho, é importante destacar também a contribuição de Henriques (1994) com relação ao item *perspectivas de intervenção*. A autora apresenta quatro parâmetros de intervenção na prática educativa: a) *Consciencializar o problema*. Ela afirma que tomar consciência do problema é o ponto de partida. Coloca a seguinte questão: *Como e quando surge o feminino dentro das minhas aulas?* Afirma que o como é tão importante quanto o quando. Ainda sobre esse primeiro ponto, ela levanta os seguintes tópicos: 1) O modo como realiza a interação nas turmas – como se dirige aos rapazes e às raparigas; - o que é que se elogia nos alunos e nas alunas; o que é que se critica de forma negativa nos rapazes e nas raparigas; a quem se fazem mais perguntas

unesp

explicitamente. – 2) O modo como apresenta os conteúdos – a linguagem que usa é sempre neutra (isto é: o homem, o cidadão, os cientistas, etc.); os exemplos de como fazem aparecer as mulheres; de quantas mulheres importantes fala em cada aula. – 3) As expectativas que tem sobre as alunas e os alunos – como explicita o que é para si um bom aluno e uma boa aluna; como define o que é um comportamento correto num rapaz e numa rapariga; quais são as profissões que se considera poderem ser desempenhadas por homens e mulheres no quadro de docência em que se inscreve. *b) Explicitar e debater,* este é o segundo passo fundamental que significa dar visibilidade ao problema e constituir um grupo de trabalho que verbalize as experiências e os seus pontos de vista. *c) Projetar,* definir um projeto de intervenção. Planos possíveis: Organização da escola (projeto educativo, biblioteca, cantina, regulamento interno); espaço de aula (linguagem utilizada, metodologias e estratégias de dinamização das aulas, conteúdos disciplinares, materiais pedagógicos) e *d) Divulgar-* é importante criar redes de informações.

A proposição de Fernanda Henriques, embora apresentada de forma sintética contrapõe as situações de ensino-aprendizagem com a reflexão e a possibilidade de utilizar-se essa prática se os educadores desejarem fazer uso de um processo de intervenção educativa baseada na igualdade de oportunidade.

Nesse sentido, as propostas de intervenção educativas acima registradas são valiosas como mais uma ferramenta para o exercício da prática pedagógica como um todo. E nessa medida, obedecendo a mesma estrutura com que foram compostas as três histórias do filme, o eixo que conduzirá a análise que se segue será tecido mediante a relação estabelecida entre o feminismo, o pragmatismo e a educação-amor. Insiste-se, pois, no desejo de que as relações pedagógicas sejam

unesp

construídas ou pautadas pela liberdade e pela esperança no mesmo sentido proposto por Rorty.

Considerando-se tudo isso, no próximo capítulo serão abordados os três episódios do filme a partir da descrição como uma tarefa da imaginação.

unesp

3. DESCRIÇÃO PARCIAL DO FILME "IF THESE WALLS COULD TALK" E ANÁLISE DOS EPISÓDIOS.

Diferentemente do capítulo dois, este se pautará pela descrição parcial das três histórias do filme cena por cena. Na seqüência de cada episódio será realizada uma reflexão tomando como base o quadro teórico apresentado no capítulo anterior, o mito de Antígona que perpassa todo o texto. Soma-se ainda à análise três eixos fundamentais que servirão de costura para os argumentos das três histórias apresentadas aqui: a) transgressão[11], b) o amor como relação de vida e como relação pedagógica e c) identidade de grupo. Como elo de ligação das histórias e a exemplo do primeiro capítulo se destacará o aspecto simbólico como elemento que enriquecerá a abordagem proposta.

3.1. Primeiro episódio

Direção Nancy Savoca, roteiro Nancy Savoca, elenco: Demi Moore (Claire Donnelly), Shirley Knigh (Mary Donnelly), Catherine Keener (Becky).

[11] O termo transgressão é definido pelo Larousse cultural como: (do lat. transgressio, transgressionis) Ato ou efeito de transgredir; violação, infração (Larousse cultural, 1998, p.5735).

unesp

Esse episódio inicia com a apresentação de uma construção em reforma. Em seguida a enfermeira Claire, uniformizada, desce de um ônibus. Uma camioneta está parada em frente da residência; um homem de macacão, segurando um galão, dirige-se a casa onde outro está trabalhando. Um deles cumprimenta-a.

– Bom dia, Sra. Donnelly

– Oi Jim.

– Está ficando bonito.

– Será a mais bonita do bairro.

Ela tira da bolsa as chaves e entra em casa. Guarda-as no lugar de onde as retirou. A residência é mostrada em seus detalhes. Fotografias, em preto e branco, da protagonista e do seu noivo, abraçados e sorridentes, depois de familiares do noivo sentados numa grama. Logo surge a foto de casamento. Ela vestida de véu e grinalda e o noivo, fardado, com um quepe na cabeça.

No passeio da câmara, uma foto maior que as outras enche a tela. É do marido sozinho e fardado. No mesmo plano, um santinho do Sagrado Coração de Jesus e a seguinte frase: "À memória de..." Mais algumas fotos. Sobre a mesa, um relógio antigo.

Claire ainda uniformizada está na cozinha, fecha janelas e cortinas. Ela sai desse cômodo e retira a touca de enfermeira. Na sala, prossegue fechando as cortinas e janelas. Ouve-se o som de vozes de crianças brincando e o canto de passarinhos. À continuação, ela aparece sentada no sofá abraçada a uma almofada, numa atitude que indica que está com problemas. O foco vai se aproximando cada vez mais e ela está chorando.

Na cena seguinte, algumas pessoas estão sentadas na sala de espera de um hospital, onde Claire trabalha. Ela se aproxima e diz:

– O doutor pede desculpas.

Uma das pessoas pergunta.

– Quanto tempo ainda demora?

Ela responde:

– Daqui a uns dez minutos ele poderá vir falar sobre sua mãe.

Afasta-se em direção ao balcão onde se encontram outras enfermeiras e chama:

– Dr. Kramer!

Claire segue atrás de um médico que caminha pelo corredor.

– Preciso falar com o senhor.

Ele não pára e responde:

– Lamento, estou meio atrasado.

– Só vai levar um minuto.

Ele entra no consultório e ela insiste entrando também.

– Estou em choque desde que conversamos ontem.

Ele tira o jaleco e veste um terno.

– Mas pensei bem e já decidi. Só preciso da sua ajuda.



Ele responde:

– Deixa-me numa posição delicada. Conheço os Donnellies há muito tempo.

Claire lhe diz:

– Também estou pensando neles. São minha única família. Por isso pensei que pudesse me receitar algo. Sei que há coisas que posso tomar, só não sei a dose...

O médico lhe diz:

– Não posso receitar nada. Aborto é ilegal.

A cena é constrangedora. Ele continua:

– Posso lhe dar o telefone de uma instituição. Cuidarão da adoção e terá onde ficar.

Claire fala:

– É impossível, não posso ficar sete meses fora. O que vou dizer a todo mundo?

– Não sei, Claire. Deveria ter pensado nisso antes de se colocar nessa situação. Sentenciou o médico.

Em outro ambiente, Claire folheia um livro sobre gravidez e parto. Ao mesmo tempo em que está lendo, apóia a mão esquerda sobre o livro e a direita segura um copo com uma bebida que parece chá, entre os dedos um cigarro. Continua folheando e aparece o seguinte título: *Abortos*. Ela lê e fuma desesperadamente.

Depois a câmara focaliza-a procurando atabalhoadamente um medicamento no armarinho do banheiro; alguns vidros caem e ela encontra um que lhe serve. Lê o rótulo: *Não ingerir em caso de gravidez*. Abre o vidro e começa a tomar várias pílulas. Depois observa sua imagem no espelho.

Inclinada sobre o vaso ela vomita. Com dificuldade tenta se levantar e, nesse momento, ouve-se a voz de uma mulher que diz:

– Claire, Claire.

Rapidamente ela embrulha o vidro vazio do medicamento e joga-o no cesto de lixo.

A mulher é sua cunhada, aparece fumando, com uma criança nos braços e se movimenta na cozinha. Claire entra e pergunta:

– O que está fazendo? Não precisa lavar meus pratos.

Ela responde:

– Eu te acordei!

Fazendo caretas de dor, Claire fala:

– Não, só estou meio enjoada.

A cunhada diz:

– Eu sei, falei com mamãe hoje. Ela me contou tudo.

Claire aproxima da criança e pega a sua mãozinha e lhe diz:

– Oi, meu amor.

– Sabe, querida... sei que é contagioso... e não preciso de um bebê doente.

A cunhada coloca a criança no chão e fala:

– Sente-se aqui.

unesp

Claire antes de sentar na cadeira lhe informa:

– É um problema estomacal.

– Seu brinquedo.

Sem mais, entrega para o bebê um ursinho. Depois aproxima da mesa. Claire cobre o rosto com a mão. A outra faz um comentário, pegando um pratinho que está sobre a mesa.

– Não queria te incomodar, mas mamãe mandou trazer canja...

Abre a geladeira e guarda o pratinho ao mesmo tempo em que fala:

– Trouxe umas revistas... ela também mandou água quente.

Prosseguindo limpa a mesa e lhe entrega uma revista dizendo:

– Tome querida.

Ela toca o rosto de Claire que está em silêncio, afirmando:

– Nossa você está péssima.

Em resposta Claire diz:

– Sua mãe, é demais.

A cunhada esboça um sorriso e a outra continua:

– Faz tanta coisa por mim, pintar a casa.... sei que é uma despesa grande.

Cobre a boca e parte do rosto com as mãos. Então, a cunhada sorrindo lhe diz:

– Sabe como ela é.

Claire esboça um pequeno sorriso concordando com um balanço de cabeça. A outra insiste dizendo:

– Mas deixe-a ajudar, faz bem a ela.

Claire, com um olhar triste, encara a cunhada que continua:

– Sabe, acho que, ajudando você, ela sente que... não perdeu Steven totalmente. Balança a cabeça dizendo:

– Ficou tão feliz quando se casaram. Foi tão boa com meu irmão, ele te amava tanto.

Claire permanece em silêncio. A outra diz:

– Desculpe, Claire. Sou tão idiota às vezes.

– Tudo bem.

Responde Claire, com alguns dedos sobre a boca. Num gesto de consolo a cunhada afaga-lhe uma das mãos, dizendo:

– Queria poder te ajudar.

Claire balança a cabeça respondendo:

– Tem acontecido tanta coisa!

Despedem-se.

– Agradeça-a pela sopa.

– Pode deixar. Tchau.

Ela fica encostada na porta aberta e a cunhada, ao sair, comenta:

– Veja quem chegou, Louise!–referindo-se à vendedora de produtos Avon.

– E o meu batom?

– Na próxima terça-feira. Já disse.

unesp

– Preciso para o Dia de Graças.

Claire apenas observa o diálogo das duas. Louise fala:

– Ela é tão impaciente!

A cunhada coloca no carrinho o bebê e a vendedora continua:

– É a última amostra. Vai durar até terça-feira.

Ela entrega um pequeno batom.

– Obrigada.

– De nada.

A cunhada, apavorada, diz:

– Meu Deus, são 12:35! Preciso buscar Michel! Até mais.

– Tchau querida.

Ela foi embora empurrando o carrinho do bebê. Louise comenta:

– A casa está linda, Claire.

– Obrigada... Heim Louise?

A outra pára.

– Preciso te fazer uma pergunta. Vem cá, estou de roupão.

– Claro.

Louise se aproxima. Um dos homens que estão trabalhando na reforma da casa está saindo para almoçar e Claire se despede dele.

– Ok, Jim.

Em resposta, ele diz:

– Volto em uma hora.

Então, ela se dirige a Louise:

– Eu nunca perguntaria isso... mas sei que anda por aí e conhece muita gente.

Uma moça que está com o filho doente e que tem mais três... me contou que está grávida.

– Meu Deus!–Exclama Louise.

Claire continua.

– Ela está desesperada.

– Desespero é pouco! Ela me perguntou se eu conhecia alguém que pudesse...fazer algo.

Duas mulheres que passam na rua em frente a casa interpelam:

– Passa lá em casa?

– Vou passar lá esta tarde.–Responde Louise.

As duas se despedem.

– Até mais, Tchau.

Louise retoma a conversa dizendo:

– Bem, honestamente, não conheço ninguém que tenha feito isso... ou que tenha me contado, mas...posso perguntar.

– Ótimo.

Louise fala:

– Ouvi boatos sobre a casa verde da Worth Street.– Aquela grande perto da esquina.



– Não são casas abandonadas?

– Bem, sim...ela teria de estar desesperada. Mas devia perguntar no hospital. Devem conhecer um lugar melhor.

– Espero que sim.

Claire está trabalhando no hospital, entra na sala das enfermeiras.

– Com licença, Sra.Ford.

– Sra. Donnelly?

Responde uma enfermeira negra.

– Nem comecei meu turno, e o trabalho já aparece.

– Desculpe, posso esperar.

– Não, pode falar.

– Tenho uma pergunta sobre a ficha de Maria Carre. Vou aviar uma receita e preciso esclarecer isto... E, não está claro.

– Vou mandar as informações... mas pode aviar a receita.

Diz a Sra. Ford.

– Tenho outra pergunta. Tenho uma amiga que está grávida... e ela me perguntou... Bem, ela não pode... ter o bebê.

A enfermeira que sorria simpaticamente, agora pergunta séria.

– Mas o que quer de mim?

Claire diz:

– Talvez pudéssemos ajudá-la aqui. Soube que alguém na emergência...

A enfermeira olha para Claire com censura.

– Sra. Ford, desculpe. Não sabia a quem recorrer. Sei que está aqui há anos...

– E quero continuar. Soube que despediram duas enfermeiras?

Outra enfermeira entra dizendo:

– Com licença.

A enfermeira Ford diz:

– Tudo bem, vá em frente. Já terminamos.

Dirige-se a Claire encerrando a conversa:

– Hora de ir para as trincheiras.

Claire insiste:

– O que posso dizer a ela? O que ela deve fazer?

Ford responde encostada na porta de saída:

– Não sei... mas peço que não pergunte mais.

Claire em silêncio passa por ela e sai. A Sra. Ford fecha a porta.

A visão de uma casa surge através da janela de um carro que roda por uma rua deserta e alguém diz:

– Deve ser a próxima.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

O rosto do motorista e o de Claire são revelados dentro do táxi. Ele fala:

– Não venho a este bairro há anos.

Claire com a cabeça coberta por um lenço, diz:

– Aqui é Worth street. Vire à direita.

Uma residência abandonada é focalizada. Ela diz:

– É aqui. É a casa grande.

Depois surgem imagens de algumas das casas da rua e de uma grande com uma janela iluminada e sinistra.

– Esta? – Pergunta o motorista.

Ela olha em silêncio. Delineia-se a sombra de um vulto através da janela.

O motorista comenta:

– Dona, não sei o que vai fazer ai, mas, se quiser, posso esperar.

– Tudo bem. Acho que me enganei. Não é essa casa. Vamos embora.

Ela se arruma em sua residência, procura na gaveta e encontra um alfinete o qual é preso ao cós da saia que já não consegue abotoar. Veste o casaco. Pega uma vasilha, a bolsa e sai.

Vê-se agora outro ambiente, um *abajour* aceso ilumina uma pequena mesa onde se encontra uma travessa. Próximo, outra mesa com garrafas de licores e copos. A câmara focaliza de novo a mesa com uma travessa e um braço aproximando-se do objeto. É uma loira que desiste de pegar algo e volta-se para a mesa maior junto à qual aparece um homem sentado com uma criança no colo. Alguém diz:

– Esqueça, não vai acordá-la.

– O que é?

Outra pessoa fala:

– Está muito alto.

O ângulo é ampliado e aparece um jovem também sentado à mesa. A mulher loira se aproxima. Ouve-se o som de uma música. Ela está observando algo que se encontra na mesa e diz:

– Vão pensar que demos uma festa.

Ergue uma bandeja com um tipo de carne assada e a entrega para a filha. Esta contesta:

– É dia de graças. Podemos ouvir um pouco de música.

– Sente-se.

Ela sai e leva a bandeja. Ouve-se uma voz e logo um senhor grisalho pergunta:

– Vão reformar o apartamento?

A câmara vai se deslocando e mostra Claire que está em pé cortando e servindo uma torta. Ela pergunta:

– Quer um pedaço? É o seu favorito.

– Obrigada.

O senhor continua:

– Neste bairro, é ilegal.

– Papai.

Outra pessoa replica:

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

– Soube que o tio Al conseguiu inquilino para o apartamento.

O jovem que está sentado à mesa encara Claire que serve a torta a todos e depois se senta. Outra voz diz:

– A tia Margie não gostou.

As mulheres desse episódio servem e são as últimas a se sentarem à mesa. A sogra de Claire fala:

– Eu não a culpo, querido.

– Ela é divorciada.

– Meu Deus! – Fala a cunhada de Claire que está comendo.

A mãe prossegue:

– Não se sabe que tipo de gente levará para casa.

Uma voz masculina replica:

– Se paga o aluguel, não importa. Ela paga o aluguel.

Claire e o jovem parecem desconfortáveis com o rumo da conversa. Neste momento a cunhada diz:

– Essa torta está tão boa!

A câmara focaliza um homem, com a criança no colo, que responde satisfeito.

– Está.

Claire e a cunhada sorriem com simpatia. Alguém diz:

– Lembra a da tia Maureen

– Tia Maureen?

A conversa segue com uma voz dizendo:

– As dela eram deliciosas.

A filha repreende o pai.

– Pai!

– Deliciosas. Continua ela.

– Mas não está.

A cunhada agradece dizendo obrigada. E Claire se levanta.

– Com licença. Vou trabalhar esta noite, preciso ir.

A sogra olha seus familiares sem entender e o sogro:

– Não vá.

A cunhada intervêm:

– É tarde. Vamos, Bill.

– Não, as crianças estão exaustas, diz Claire.

– Posso ir a pé, tudo bem.

– Não vai, não, alguém diz.

A sogra fala:

– Kevin vai te levar

– Leve-a para casa. Não admitindo recusa.

O pai reforça:

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

– Dê uma carona à sua cunhada. Cadê as chaves?

Claire recusa dizendo:

– Está tudo bem, mesmo. Estou precisando andar.

A câmara focaliza o pai, jogando as chaves para o filho, enquanto afirma:

– Ele ficará encantado em levá-la.

Claire concorda sem poder fazer nada.

Ele continua:

– Foi bom tê-la aqui.

A sogra lhe diz:

– Vou pegar seu casaco.

Claire se despede:

– Até mais.

– Cuide-se.

A sogra ajuda-a a vestir o casaco e pergunta-lhe:

– Trabalha no feriado?

Ela responde:

– Não há ninguém nesse turno. Resolvi ficar.

A sogra entrega-lhe a bolsa, encaminhando-a para a saída.

Retomam a conversa.

– Não quero parecer... uma sogra intrometida, mas estou preocupada com você.

– Estou bem, mesmo – diz Claire.

– Você trabalha demais, e não quero que se preocupe com dinheiro. Queremos cuidar... de você.

– Já fazem tanto por mim.

– Não quero ouvir nada disso. Ainda somos sua família. Vamos superar isso juntos – fala a sogra emocionada.

As duas se abraçam e Claire agradece dizendo obrigada.

O cunhado entrega em silêncio uma vasilha para Claire, passando no meio das duas mulheres para abrir a porta. Os dois saem.

A câmara focaliza-os dentro do carro em um silêncio constrangedor. Claire olha para a paisagem da rua. O carro pára e ela lhe diz:

– Obrigada.

– Espere. Eu... queria te ligar, mas não pude.

Ela o observa, tenta esboçar algo que não sai. Ele diz:

– Sinto muito, Claire. Sinto tanto!

Isso é dito com dificuldade, dor e constrangimento. O rosto conturbado de Claire é evidenciado, ao mesmo tempo em que mergulha nas lembranças do passado, em outra cena na qual ela aparece segurando um copo de bebida; leva o copo aos lábios, bebe o líquido visivelmente transtornada. A voz de um homem pergunta:

unesp

– O que está fazendo? O que está fazendo com você?

O enquadramento muda, e novamente o rosto atormentado de Claire surge em *close*, em tempo real. Justapondo à imagem dela, o foco desloca para Kevin que continua:

– Eu só queria te ajudar.

O rosto de Kevin aparece em meio a lágrimas.

– Não queria que nada disso acontecesse, acredite.

O passado é destacado. Kevin diz:

– Sabe que ele não ia querer isso.

Uma Claire enfurecida, descontrolada se levanta dizendo:

– Droga! Não me diga o que ele quer. Ele não quer nada! Ele está morto! Droga, está morto! – Grita –Você se esqueceu disso?

Outra vez a câmara retorna à cena presente, na qual aparece o rosto cabisbaixo de Claire que continua no carro. Ouve-se Kevin dizendo:

– Queria tanto te ligar... e me desculpar pelo que houve aquela noite, mas não pude. Fiquei tão... envergonhado– Kevin lhe diz choroso.

A cena muda para o episódio anterior que está relacionado com as lembranças do passado, em que ele tenta acalmá-la, abraçando-a, enquanto ela chora descontroladamente. Ele a consola. Num zig-zague o retorno para o espaço do carro é feito com o *close* no rosto de Claire.

– Não é culpa sua. Sei que não faria nada para me magoar. Sei que não faria.

Olha rapidamente para Kevin, abaixando a cabeça. O passado de novo é revivido, os dois abraçados se beijam. Kevin lhe fala:

– Pare de chorar.

Eles voltam a se beijar. De volta ao presente, Claire, cabisbaixa lhe diz:

-Esqueça o que aconteceu, está ouvindo?

O rosto de Kevin chorando é exibido e este não diz nada. O foco vai para o rosto de Claire.

– Não aconteceu.

Ela lhe dirige o olhar rapidamente, abre a porta do carro e desce. Kevin, bastante constrangido, olha rápido para ela também. Logo desvia o olhar.

Claire entra na sala das enfermeiras. Abre o armário. Neste momento sente uma leve tontura. Olha ao redor e a enfermeira, Sra. Ford, está sentada e a observa. Ela faz de conta que está tudo bem. Fecha o armário, caminha com uma bandeja de medicamentos, passa pela Sra. Ford que diz:

– Achei o erro. É Carmen... M- O- R-O, sem "T", soletra ao telefone. Data de nascimento: 08.10.35.

Ainda falando ao telefone ela olha em direção ao lugar que Claire se acomodou.

Sentada em uma mesa cheia de blocos Donnelly revisa algumas anotações atentamente. A enfermeira Ford coloca um pequeno bilhete em cima das anotações de Claire e fala:

– Dê meu nome a ela, ou ela não dirá nada.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

O rosto de Donnelly é enfocado e depois o da enfermeira, que afirma:

– Confio nela.

Claire lhe dirige o olhar, mas em seguida o foco passa do seu rosto para o papel onde estão escritos um nome e um número de telefone. A enfermeira Ford lhe diz:

– Vai indicar alguém.

– Obrigada.

A enfermeira, então, deseja-lhe boa sorte.

O interior de uma casa iluminada surge silenciosamente. Sentados à mesa, encontram-se os membros de uma família. O telefone toca em outro cômodo. A dona da casa levanta-se. Está vestida de azul. Atravessa uma porta de vidro e atende o telefone, retirando o brinco da orelha. O aparelho está sobre um móvel de madeira, alguns objetos da casa são focalizados: uma cômoda encostada à parede na qual estão colocados alguns livros de cor azul, um *abajour* e um quadro de pintura.

– Alô, queria falar com Audrey.

– É ela. Quem é?

Do outro lado da linha Claire, com seu uniforme de enfermeira, responde.

– Você não me conhece. Uma amiga me deu seu telefone.

A senhora de azul dá as costas para a câmara olhando apreensiva para a outra sala. Ainda de costas senta-se e pergunta.

– Quem lhe deu meu telefone?

Do outro lado:

– Foi Jenny Ford. Eu... trabalho com ela. Disse que poderia me indicar alguém...

Tenta acender um cigarro e continua:

– Que faça abortos.

A senhora de azul fala:

– O nome que tenho é de uma mulher em Porto Rico. Cobra caro, mas o lugar é limpo.

– Quanto custaria?

– Com a passagem e o hotel, custará mil dólares.

Do outro lado, Claire surpresa comenta:

– Meu Deus! Não tenho tanto dinheiro, não posso...

A outra replica:

– É a única em quem eu confiaria.

– Não entende? Preciso fazer...

A senhora de azul:

– Acredito, eu entendo.

– Não posso pedir, emprestado...

O *close* da câmara mostra a senhora de azul que lhe diz:

– Vou dar uns telefonemas, talvez ache alguém mais perto. Não posso prometer nada, Ok?

Claire escuta Audrey dizer:

unesp

– Mas deixe seu telefone.

– KL5-3690.

– OK.

– Obrigada!

Alguém abre um baú, mãos procuram algo. Aparece uma pequena bolsa de couro, um livro é colocado sobre um bordado de cor branca e uma cestinha é aberta, remexida e fechada novamente.

A câmara mostra novamente o bordado que está dentro de uma caixa, mãos nervosas remexem. Surge então uma outra bolsa no meio de tanta coisa. Ela é aberta e aí se encontram um *crochê* e duas agulhas. Uma delas é retirada.

Uma pia lentamente vai sendo mostrada, onde se encontram a agulha e alguns objetos e entre eles um vidro pequeno, aberto. A câmara vai da pia para um suporte onde estão dependuradas algumas toalhas. Uma pessoa, de quem só aparece parte do corpo, e vestindo uma roupa branca, retira uma das toalhas. Esta é de cor amarela.

Nesse instante surge o rosto de Claire que estende a toalha no chão. Em seguida o foco centra na sua figura erguendo a camisola e retirando a calcinha. Toma a agulha que está sobre a pia, enfia os dedos dentro do vidro que parece conter um creme, retira um pouco e passa – o sobre a agulha.

Há um movimento da câmara que passeia pelo banheiro, indo da banheira branca para a figura de Claire que introduz a agulha entre as pernas e a força para cima em direção à vagina. Esse ato lhe provoca dor. Ela geme. Olha o que está fazendo e continua empurrando a agulha. Grita e se agacha. No chão encolhida, geme de dor segurando as pernas. Chora descontroladamente.

A cunhada entra na casa da enfermeira carregando o bebê e a bolsa. Fala:

– Eu vou à loja. Quer alguma coisa?

Claire continua chorando sem responder.

A outra caminha e chama.

– Claire!

Olhando para cima, escuta o choro e sobe. O cenário muda. Claire chorando tenta se levantar. Com dificuldade diz:

– Becky.

Apóia-se na pia e levanta. A outra entra no banheiro e pergunta.

– O que houve? O que foi?

– É ruim- responde Claire.

A outra tenta ajudar, mas ela se desvencilha e corre para o quarto e se deita. A criança chora. Becky insiste:

– O que foi?

– É muito ruim.

Ela se contorce na cama de dor. Becky coloca a criança no chão e aproxima da cama dizendo:

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

– Meu Deus. O que houve? O que foi?

Tenta acalmá-la e esta rejeita dizendo:

– Não sei o que vou fazer.

– Me diga, o que foi? – Tenta em vão consolá-la, novamente é rejeitada – O que é? – Insiste.

– Estou grávida.

Chora colocando as mãos sobre o rosto. A cunhada afirma.

– Meu Deus! Quem foi?

Sofrendo com dores terríveis, diz:

– Não posso contar. Não posso. Não importa.

– Como assim?

– Foi um erro e...

Chora desesperadamente.

– Eu estava tão sozinha, e não queria... que isso acontecesse...e eu...sinto tanto. Meu Deus, como eu sinto – confessa.

A cunhada, atônita pergunta:

– Estava sozinha?

Ela chora sem responder. Becky continua:

– Meu irmão morreu há seis meses.

Em prantos ela lhe diz:

– Eu amo Steven, eu amo...

Becky retruca:

– Meu Deus, todos nos conhecem na cidade.

Enraivecida Claire tenta se levantar dizendo:

– Tentei dar um jeito.

– Tenha o bebê em outro lugar.

Com desespero Claire afirma:

– Becky, não posso ter o bebê. Não posso. Vou fazer um aborto.

A cunhada, em tom de acusação:

– Como pode fazer isso? Como? Vamos, bebê.

Toma a criança do chão e diz:

– Vamos embora, venha. Temos de ir.

Chorando Claire implora:

– Becky, por favor...

Esta, numa atitude de aflição e abraçada ao bebê, responde:

– Se minha mãe descobre, morre. Não me importa o que vai fazer. Como ousa nos envergonhar assim? Como ousa?

Sai deixando Claire que chora no mais profundo desespero e abandono.

Vê-se um telefone preto. Claire, de roupão, atende:

– Alô, é Audrey Miller, achei alguém para você.



Ouvindo ela procura um bloco de anotações. Audrey continua:

– Ele se chama Tom e pode ir a sua casa. A cunhada de uma conhecida fez com ele. Não falei com ela diretamente, mas é melhor ele ir até aí.

– Parece mais seguro assim.

– Qual é o telefone dele?

– Ele vai ligar para você. Me dê o seu nome e telefone comercial.

Claire interrompe perguntando.

– Por que o telefone comercial?

– Ele será discreto. Preciso do telefone comercial... para ele poder contactá- la. Ele é muito ocupado.

– Quanto ele quer?

– Bem... ele disse quatrocentos dólares.

Na sala do hospital, várias enfermeiras e médicos trabalham. Um médico, com uma papeleta, aproxima-se do balcão onde estão duas enfermeiras e diz:

– Este acabou. Aqui está o quadro.

– Está bem, diz a enfermeira.

O telefone toca. Outra enfermeira atende.

– 3-West, aqui é Annie Ross.

Volteia e olha em direção a Claire que está do outro lado, bem de frente observando. A enfermeira retoma a posição anterior dizendo:

– Não estou vendo. Ligo se aparecer. Tudo bem. OK.

Desliga.

Um vulto passa na frente da câmara. O foco vai se aproximando, a enfermeira está falando ao telefone, olha em volta. Claire está ajudando uma paciente que está sendo conduzida pelo corredor. A enfermeira:

– Um momento, por favor, Claire? Telefone para você. É o Tom.

A câmara focaliza Claire e a paciente que carrega um soro. Ela olha para a enfermeira ainda segurando a mão e o braço da outra. A paciente, com a mão livre, sustenta o suporte onde está o soro. Ela diz:

– Rose, pode levar a Sra. Sherman para o quarto?

Depois fala para a senhora que sorri.

– Estarei lá daqui a pouco.

A enfermeira assume o seu lugar e ela vai atender o telefone. Ouve-se uma voz.

– Claire Donnelly?

– Eu mesma, Tom?

– Um momento... OK.

– Acho que já sabe. Quatrocentos dólares em dinheiro, precisa pagar tudo. Consegue até amanhã?

– Tudo bem.

Ao concordar, ela dá as costas para a câmara. Tom insiste.

– Qual é o seu endereço?

– Evergreem, 2266. Fica no meio do quarteirão.

– Está bem. Estarei lá amanhã, às 20.00h. Vou usar a cozinha. Preciso de algo para cobrir a mesa... um balde e algumas toalhas, OK?

– Mais alguma coisa?

– Não, é tudo. Vejo você amanhã.

– Ok, obrigada.

As mãos de Claire brincam com um isqueiro prateado e sobre a mesa estão uma caixinha de cigarros e cinzeiro. Logo a câmara a enquadra. Ela está sentada, sobressaem nesse ambiente as fotos do marido em preto e branco. Ela coloca um cigarro na boca, olhando para alguém que não está visível. Repete o gesto e acende o cigarro soltando uma baforada de fumaça. A câmara lhe dá um close, ela está de roupão branco. Pega em um móvel algumas notas de dólares e começa a contar nervosamente. Depois separa algumas notas sobre a mesa, em três montinhos. Olha para fora como se pressentisse a chegada de alguém. Ouve-se uma leve batida, ela abre a porta. Uma voz lhe diz:

– Estou atrasado, tem o dinheiro?

– Sim

– Tudo?

– Claro.

Ela fala por monossílabos, mostrando desconfiança. Surge então a figura de um homem vestido com um terno marrom e chapéu na cabeça. Ele diz:

– Ok, vamos ver.

Ela fala:

– Terá o dinheiro quando acabar.

Sem dizer nada ele dá meia volta indo embora.

Claire pergunta:

– Onde vai?

– Não tenho tempo para brincar.

Correndo atrás dele ela lhe diz:

– Volte, por favor. Eu dou o dinheiro, eu dou...

Ele pára e ela lhe entrega o dinheiro. Ele caminha em direção a casa e ela o segue. Entram e a porta é fechada. O homem pergunta:

– Tem mais alguém aí?

– Não.

– Onde é a cozinha?

– Lá atrás.

Ele caminha, abre uma porta. Chegam à cozinha. Lá encontram uma mesa forrada com uma toalha; um balde e um pequeno pano dobrado sãos focalizados.

– Tem tudo de que precisa?



– Está ótimo. Tire a calcinha.

Ele puxa a cadeira, retira o balde de cima da mesa e coloca-o no piso, ao mesmo tempo em que deposita a maleta na cadeira. Em um canto da cozinha, Claire tira a calcinha. Tom muda a maleta para a outra cadeira e senta. Pega um dos paninhos que estão sobre a mesa e abre-o.

Ela vira-se e pergunta:

– Quer usar a pia?

– Não.

Tom lhe dá a seguinte ordem:

– Suba aqui e deite-se na mesa.

Claire retira o roupão e encaminha-se para a mesa. Senta sobre esta e cobre as pernas com o roupão. Ele pede:

– Venha para a beirada da mesa.

Ela escorrega para a beirada da mesa com os joelhos unidos e ele os separa. Depois coloca, à sua direita, o instrumental sobre um pano xadrez azul que está em cima da mesa. Claire observa e pergunta:

– Vai desinfetar isso?

– Estão ótimos.

– Prefiro não ter uma infecção.

Ele:

– Ouça... quer fazer isso ou não?

– Sim.

– Tudo bem, então vamos lá. Deite-se.

Ele toma o espéculo com as duas mãos e o introduz entre as pernas dela. A câmara mostra o rosto dela inquieto. A seguir Tom pega um ferro fino, comprido, torto na ponta e o introduz na vagina de Claire. Ela tenta abaixar a perna. Ele ordena:

– Perna levantada.

Prosseguindo com o que está fazendo, introduz novamente o ferro, movendo-o. Ela grita e tenta se levantar. Novamente ele ordena:

– Não se mexa.

Ela chora, reclama de dor. Geme e se segura sentindo muita dor. Impassível ele continua.

O rosto molhado de lágrimas é focalizado ao mesmo tempo em que ela continua gemendo. Tom remove algo entre as pernas de Claire. Ela se agita movendo as mãos que segura o roupão sobre as coxas. Novamente ele dá uma ordem:

– Não se mexa. Quanto mais se mexer, mais vai doer. Não se mexa.

O rosto de Tom, que continua o serviço, é registrado. Depois a câmara projeta de novo o rosto trêmulo e choroso de Claire. O choro é desesperador. Ela move a cabeça. Segura a correntinha de ouro e o crucifixo que traz no pescoço.

Tom anuncia:

– Pronto, é isso.

O foco agora está sobre Claire, ainda na posição ginecológica. Ele limpa os ferros que usou.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Ela pergunta:

– Acabou?

– Sim, diz Tom ainda limpando, vai ter cólicas... e sangramento. Se tiver hemorragia, ligue para o hospital.

Ouve-se a maleta sendo fechada e o barulho de passos que se afastam. Claire continua gemendo e pergunta:

– Estou bem?

A câmara mostra-a ainda deitada sobre a mesa com as mãos segurando o ventre.

O foco vai distanciando-se, ao mesmo tempo em que amplia o quadro de visão do cômodo, da mesa e da enfermeira deitada. Ela se contorce de dor. Pouco a pouco as imagens vão mudando e aparece, em cena, a porta aberta.

São focalizados, primeiro, uma cadeira, a mesa, o balde, o piso com enormes manchas de sangue. Logo os pés de Claire, parte da roupa e o rastro de sangue ao redor dela. Ouve-se que ela fala ao telefone.

– Couhty hospital.

– Preciso de ajuda.

A câmara dá um giro mostrando uma grande poça de sangue. Ela geme e fala olhando para o piso vermelho de sangue.

– Imediatamente.

– Entendo.

Ela vai se agachando com dificuldade, volta a repetir:

– Preciso de ajuda.

– Senhora, preciso do endereço.

Claire coloca o aparelho sobre a cômoda e tenta se agarrar. Do outro lado a voz continua:

– Não podemos mandar a ambulância sem o endereço. Alô?

O fone escapa das mãos de Claire que aperta a barriga. Em seguida balança dependurado e fora do seu alcance. Ela se encosta em um móvel, num sinal de impotência. O foco da câmara vai fechando e tudo escurece.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

3.1.1. Os nós da autonomia e da transgressão

> *A vida te dará poucos presentes, acredita. Se queres uma vida, é preciso que a roubes. Lou Andreas Salomé (2000, p.11).*

O melhor da vida é ler poesia, é escrever poesia como diz uma amiga. Pensar no filme "If These Walls Could Talk", no tema do aborto nele retratado, no feminismo, leva, ao mesmo tempo, a pensar na liberdade[12]. Por que não poderia ser diferente? No primeiro episódio do filme, a escolha por um aborto em condições precárias, possívelmente, implicará em morte. E é, sem dúvida, uma possibilidade de enterrar a liberdade. Porém, não significa morte. Significa um ato de coragem. Essa afirmação pode ser entendida na sua singularidade se retomada a questão da liberdade a partir da noção que a autora, Marilena Chauí, utiliza no texto *Participando do debate sobre mulher e violência*, no qual ela afirma:

> A liberdade não é, pois, a escolha voluntária ante várias opções, mas a capacidade de autodeterminação para pensar, querer, sentir e agir. É autonomia. Não se opõe à necessidade (natural ou social), mas trabalha com ela, opondo-se ao constrangimento e à autoridade (Chauí, 1985, p.36).

No exercício de reflexão sobre a primeira história, o aborto nela retratado, o feminismo, o pragmatismo e a educação são partes de um momento que envolve um ato de descrever, informar, desconstruir e reconstruir essas possibilidades. O fio com que se pretende tecer, destecer e retecer as abordagens feministas sobre o filme é dado a partir de elementos, como: a tragédia, a liberdade, autonomia/heteronomia e a transgressão que se encontram presentes no mito de Antígona.

---

[12] A liberdade como bem precioso está colocada na frase: *Você pode enterrar a liberdade, mas não pode matá*-la, dita por um garoto do filme *Loucos do Alabama* (Crazy in Alabama, 1999, EUA).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

A construção que o mito desenha é o de uma mulher situada no conflito das normas do poder e da cultura. Ou seja, por um lado, o enfrentamento entre a autoridade exercida pelo rei ao decretar que não se deve enterrar o irmão de Antígona e, por outro, o da cultura que diz: Como não enterrar o morto? Como deixar os restos de uma pessoa sem funeral? Os personagens do mito encontram-se num impasse que só é superado pela transgressão. É um conflito intenso. E é muito semelhante ao do aborto. Nenhuma mulher faz abortamento sem passar por um processo conflituoso. Este é re-significado no embate entre autoridade e cultura. Antígona transgride as leis e as normas da cultura e de uma sociedade. Consciente de seus valores e deveres, ela desobedece as ordens do rei cometendo um delito fraterno. É castigada por infringir normas e colocar em risco a autoridade masculina.

Uma outra passagem especial de conflito intenso pode ser localizada no paralelo analógico entre Antígona e Claire que, em suas transgressões, cada uma à sua maneira, resolvem as tensões do seu dilema humano. A primeira cava com as próprias mãos e unhas a terra com que cobre o corpo do irmão cumprindo assim os serviços fúnebres[13]. A segunda, com as próprias mãos e agulhas de *crochê*, tenta o auto-aborto. Ambas cavam, a partir da tragédia, a busca de sua autonomia.

Levando em conta essas analogias, é necessário enfatizar que as ações da protagonista do filme, Claire, podem ser consideradas transgressoras à medida que ela vive um clima de tensão entre as normas do poder e da cultura da época. Ela

---

[13] No segundo episódio de Antígona, essa passagem é relatada assim: "Depois que a tormenta se dissipou, vimos esta jovem lamentar-se como a ave aflita que desfere tristes pios quando encontra o ninho vazio, sem filhotes. Assim que ela viu o corpo descoberto, dando grandes gemidos, proferiu terríveis maldições contra os sacrílegos autores daquela obra. E apressou-se em derramar terra seca sobre o cadáver; em seguida, erguendo um vaso de bronze bem lavrado e entornando-o, fez sobre o morto tríplice libação"(Sófocles, 2000, p.45).

unesp

transgride em dois momentos cruciais, ao ter mantido relações sexuais com o cunhado e praticando um aborto ilegal.

Prosseguir com as analogias é fazer uma aposta no sentido de que o movimento feminista transgride ao defender e reivindicar o aborto como direito civil, frente à suposta autonomia do corpo das mulheres. É na teia da vida que as mulheres vão fazendo sua transgressão primeira ao des-tecer sua condição de cidadãs de segunda classe, com denúncias, lutas e reflexões ao longo desta década.

O olhar sobre autonomia[14] não pode ser descolado do seu par, a heteronomia[15], que se caracteriza pela condição de alguém que age a partir de uma lei vinda de fora, em vez de agir a partir de uma norma, lei vinda de si mesmo.

Na primeira história, a heteronomia é revelada nos papéis que as mulheres vivenciam naquele período, sejam eles: o da sogra, o da cunhada ou o de Claire, viúva traidora de um morto. Ela representa um papel que a sociedade lhe designou, o de *ser* para outros[16], esposa boa e fiel que vive em função da família e do trabalho. Como ser solitário, comete um deslize e engravida. Para preservar os que ama e não decepcionar a família do marido, ela decide abortar em segredo. É neste ato de

---

[14] Como um complemento a mais à noção de autonomia da autora Marilena Chauí, apresenta-se a definição de Simon Blackburn: *autonomia/heteronomia* –A autonomia é a capacidade de autodeterminação. Um agente é autônomo quando suas ações são verdadeiramente suas. A necessidade dessa liberdade moral surge em Rousseau e é um dos alicerces da teoria ética de Kant, onde a autonomia da vontade é uma condição necessária da ação moral. (...) Heteronomia é a condição de quem age segundo desejos, não legislados pela razão. Alguns filósofos da ética, onde se incluem muitas feministas, questionam a importância da autonomia, vendo-a como uma fantasia que dissimula as origens sociais e pessoais de todo pensamento e toda ação (1997, p.31-32)

[15] No LAROUSSE, o verbete heterônomo é definido como: que recebe sua lei de fora, em vez de extraí-la de si mesmo (1998; p.2961).

[16] Esta reflexão do "ser para os outros" é desenvolvida por Chauí no texto citado p.48, no qual ela esclarece: "Ser para o outro, evidentemente, é uma forma de ser que se realiza para todos, pois o que somos para nós está intimamente articulado ao que somos para os outros. Todavia, ser para o outro não determina dependência em face do outro senão quando estamos impedidos de ser *com* os outros e dos outros também serem *para* nós. Isso significa que a rede de relações entre o para nós, o para os outros e o com os outros pode engendrar a reciprocidade e o reconhecimento, desde que a forma primordial que nos define como sujeitos não nos defina originariamente apenas *para* os outros, mas *para nós com os outros*. Isso é o que não ocorre na definição do ser das mulheres (1985, p.48).

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

transgressão e autonomia que ela vivencia sua escolha mais difícil, já que, em 1952, o aborto nos EUA era considerado crime e, portanto, ilegal.

No que tange às ações, os gestos desempenhados por Claire permitem ver a manifestação da autonomia e transgressão quando ela faz sua escolha, em diversos momentos: ela pede ajuda ao colega médico que a trata mal, julga-a e ainda se recusa a ajudá-la. Após uma leitura de frascos de remédios, ingere vários comprimidos sem resultado, busca a ajuda da enfermeira-chefe que se faz solidária na discrição e no segredo. Prossegue nas tentativas executando o auto-aborto, através das agulhas de crochê. Sem êxito. Insiste, continua tentando até consumar o aborto com um *curioso*, de forma precária.

Em conexão com tudo o que já foi dito, fica evidente que esse percurso constituído pela protagonista é problemático e provoca vários questionamentos; não há dúvidas que transitar nesta seara seja uma tarefa árdua. Por isso o quadro apresentado até o momento exige que se trilhe o caminho procurando ferramentas que sejam úteis nessa jornada.

As questões suscitadas referem-se ao trio: autonomia/heteronomia/ transgressão. Retomando esse conjunto, as perguntas traduzem-se da seguinte maneira: A transgressão feita por sujeitos autônomos pode ser considerada transgressão? A transgressão feita por sujeitos autônomos e por heterônomos tem diferença? A escolha pelo aborto indica autonomia? É possível uma escolha livre que não fira o outro e nem o sujeito que o prática?

Examinando retrospectivamente a trajetória desenvolvida até agora, com relação à autonomia/heteronomia/ transgressão, pressupõe-se que essa síntese das idéias afirmadas anteriormente, sustenta-se na noção apontada por Chauí como: *autonomia*- capacidade de autodeterminação para pensar, querer, sentir e agir. A

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

heteronomia– que se elabora a partir da noção da autora sobre o antônimo é entendida aqui como a condição de alguém que não usa sua capacidade de autodeterminação para pensar, querer, sentir e agir. *Transgressão* – também com relação a esse termo usa-se como exercício de elaboração para deduzir que o ato de transgredir é a capacidade no uso da autonomia para desobedecer e infringir costumes, normas e leis.

Uma possível resposta às questões formuladas evidencia-se nos seguintes termos: se aceito que sou sujeito de meus atos em uma cultura e sociedade, estes são regidos pelos costumes, pelas normas e pelas leis de dita sociedade. Se assim for, no uso das minhas capacidades de sujeito autônomo, posso ou não cometer um deslize, infringir e desobedecer o conjunto de normas da sociedade, o que caracteriza a transgressão. Quanto à escolha livre, a resposta se materializa na contradição do sim e do não, porque só há autonomia na escolha e não importa o resultado. Essa escolha sempre ou quase sempre será uma transgressão.

A vida da protagonista do filme foi tecida com os fios da liberdade, da autonomia/heteronomia e da transgressão. No paralelo que se pode traçar entre o mito de Antígona e o primeiro episódio do filme, ambos comportam a encenação da tragédia. Mas também plasma a personificação da autonomia nas escolhas que as personagens Antígona e Claire fazem. Pensa-se, portanto, que a tarefa proposta nesta investigação é dificílima. É difícil falar, escrever e comentar, porque só uma mulher pode viver a experiência de um aborto. Da mesma forma só uma mulher pode viver a experiência de um não-aborto e só ela sabe o que isso significa. Mesmo sabendo da dificuldade iminente, é preciso enfrentar a situação e encontrar uma forma de abordar esse *tabu*.

unesp

A descrição, a informação, a desconstrução e reconstrução das três histórias do filme, *If These Walls Could Talk*, a partir da abordagem feminista, buscam a esperança através da educação. Por quê? Ao refletir sobre essas três histórias, a sensação, o sentimento que se tem causa impacto, porque tudo o que se sabe, e foi aprendido através da prática e da produção teórica feminista, está fincado no projeto da modernidade.

A opção por descrever cena por cena não elimina a sensação de dor e confusão. Todo arsenal que se tem foi provido das leituras, das atuações do movimento e parecem insuficientes para dar conta dessa realidade. Para avançar sobre esta reflexão da insuficiência, e contar uma história que seja edificante, é preciso escapar da armadilha da impossibilidade, já que todo conhecimento produzido pelo feminismo permite dizer isso. Mas, se não houvesse esta elaboração, qual seria o ponto de partida? Quais seriam os instrumentos e o ponto de chegada? Pode-se dizer que, ao apropriar-se dessa produção dita insuficiente para alçar um vôo que possibilite continuar dialogando com esta temática, há que se fazer um exercício de como não perder a esperança.

É por isso que é relevante perguntar: Qual o significado da abordagem do primeiro episódio do filme para a educação? Como uma ferramenta, este provoca e faz lembrar que ainda se deve lutar muito para desmitificar o papel da mulher, enquanto ser heterônomo, e nessa medida, *ser* que vive em função e para os outros.

A educação articulada com o feminismo deve recuperar o espírito da autonomia e da liberdade com alunos, professores, levando em conta quem lida com as problemáticas cotidianas de homens e mulheres. E perceber que, com esse instrumento (1º episódio), tem-se a possibilidade de, ao recontar essa história, fazer um exercício de ousadia e esperança.

unesp

Ainda é possível dizer que, ao questionar, se está sendo autônomo, heterônomo, em relação a situações parecidas na vida, se descortina a chance de discutir, de colocar em xeque todo discurso produzido pela cultura e sociedade com alunos, professores e com a comunidade em geral. Com certeza um novo caminho será forjado.

A primeira lente, história-chave, focaliza o aborto dentro de um contexto familiar nos anos de 1952, no qual há situações que levam a pensar, a indagar, a questionar. Esses momentos permitem fazer um elo de ligação com a educação, não necessariamente a escolarizada, para entrar no segundo eixo já sinalizado. Ou seja, o amor como relação de vida e como relação pedagógica. Esse pressuposto teórico é encontrado no artigo de Rorty[17] apresentado no capítulo dois. Como complemento do que foi inserido no referido capítulo, retoma-se Ghiraldelli Jr que faz uma releitura afirmando: "*A verdadeira* didática, no meu entender, deve muito à capacidade geral de se dispor para outro, na troca de olhares e 'cortejamento' entre educador e educando" (2000, p.13).

É a partir desse entendimento que se pergunta: o que mostra a primeira lente de ditas relações? Ao deixar que o olhar de cada um entre em contato com a redescrição do primeiro episódio, uma resposta possível é que o amor é a grande força que move o episódio. Com o olhar dirigido para as relações que acontecem entre Claire e a família, pode-se afirmar que é em função desse amor que ela realiza o aborto para não magoar e ferir a família que ama tanto. Porém, se forem consideradas as relações da família com a personagem central, no que se refere a sua escolha, ela viveu solitariamente seu drama de vida e morte.

---

[17] *Educação como socialização e como individualização* (2000).

unesp

Um exemplo desse tipo de situação pode ser percebido na relação de Claire com a cunhada que a trata bem até o momento em que descobre a gravidez. É desumana, humilha-a recusando – se a ajudar-lhe, pois o nome da família é mais importante e deve ser preservado de situações embaraçosas.

Com o cunhado o relacionamento é desastroso. Está fora das normas da sociedade americana. É uma transgressão. O envolvimento é perigoso e considerado grande traição. A relação que estabelece com o aborteiro é também desumana e nada tem a ver com amor. Ela precisa livrar-se da gravidez e ele só quer a grana. É autoritário e impiedoso.

No trabalho, as relações deixam muito a desejar. O médico não tinha tempo e nem queria conversar. Também é profundamente desrespeitoso com a colega de trabalho ao recriminá-la e dar-lhes sugestões. As pessoas que procuraram ajudar não se envolveram com o problema, a enfermeira negra só deu o número do telefone e nada mais. A mulher rica que controla a prática clandestina do aborto fez o contato e passou adiante sem compromisso com as conseqüência que o mesmo poderia provocar. A aprendizagem é solitária, sua decisão também. É um ato de amor à vida que conduziu à morte.

E prosseguindo, por fim, com a tentativa de criar nexos, recorre-se ao ato de redescrição que para Rorty significa privilegiar o elemento simbólico contra os elementos puramente factuais. Redescrever é um exercício que leva para o campo da imaginação. Neste sentido, dar-se-à continuidade a exposição do aspecto simbólico que foi introduzido no primeiro capítulo. A primeira imagem que chama atenção é a da casa que abre os episódios. Ela é introduzida no início de cada história, de forma proposital, para sinalizar que a casa é o símbolo da evolução da família americana dentro do mesmo muro. A casa, mais que ser considerada um

unesp

bem econômico, é um valor americano forte que compõe o tecido com o qual são engendrados os argumentos de cada história.

A segunda imagem é do o uniforme branco que destaca a personagem Claire das demais pessoas. Outro objeto que merece ser mencionado é a banheira branca que contrasta com o ato de auto-aborto que remete ao sangue (vermelho) provocado pela agulha de *crochê*. Nessa seqüência, *se as paredes pudessem falar* (o título do filme tem tudo a ver), seria igualmente intrigante porque elas revelariam o uso da mesa e do espaço da cozinha para realização do aborto. Abortamento esse realizado na calada da noite e entre quatro paredes. Falando da protagonista, é significativo que essa personagem seja interpretada pela atriz Demi Moore casada e considerada símbolo sexual nos EUA. Finalmente outro símbolo importantíssimo que aparece de forma diminuta é o crucifixo que a atriz traz pendurado na correntinha que tem no pescoço, a ênfase nesse pequeno objeto se dá porque este, com toda sua carga cultural, aparece também no terceiro episódio logo após a imagem da casa em reforma; sobre a tela escura surge uma cruz branca que vai se abrindo, ocupa toda a tela e dá lugar a uma nova cena.

A redescrição dessa história não termina com as argumentações específicas da primeira etapa. A temática continuará sendo tecida, des-tecida e re-tecida no próximo episódio do filme.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

3.2. Segundo episódio

Direção Nancy Savoca, roteiro Susan Nanus, elenco Sissy Spacek (Barbara Barrows), Xander Berkeley (John Barrows), Hedy Burress (Linda Barrows)

A segunda história do filme começa com a visão da casa de Claire. A frente da residência aparece com os sinais de pintura, em apenas uma parte. Surgem os degraus da entrada. O foco da câmara aproxima-se bastante, mostra uma janela no andar superior. Logo em seguida, aparece sobrepondo à imagem anterior a mesma casa restaurada e com um bonito jardim. A música se eleva e aparece a inscrição 1974.

A cena se apaga e inicia-se o segundo episódio. Novamente a casa é focalizada, um carteiro caminha olhando o endereço de algumas cartas. Um jovem caminha logo atrás. O carteiro dirige-se para a casa. Uma senhora abraçada a uma criança cruza com eles.

Vê-se em seguida o interior da casa, propriamente da cozinha, onde aparece uma mesa posta para o café da manhã. A câmara passeia pela mesa. Surge então uma jovem senhora com um livro aberto, ela está lendo ao mesmo tempo em que bate uma caneta sobre a mesa. Há um copo com suco, um pedaço de torrada. O foco agora está sobre a mulher. Ela está com o cotovelo apoiado sobre a mesa e uma das mãos segurando um lado do rosto. Olha para o relógio da parede, este marca quinze para as oito.

A mulher continua distraída, até o momento em que a torradeira faz um barulhinho, soltando as torradas prontas, isso a assusta. Ela se levanta, arranca uma folha do caderno, embola-a nervosamente e a coloca sobre a mesa.

Um quarto agora aparece em cena e uma menina procura uma roupa no guarda-roupa que se encontra aberto. O foco da câmara passa por uma adolescente de pijamas que faz exercícios. A primeira menina coloca a roupa sobre a cama e começa a se trocar. A outra, concentrada, faz movimentos suaves de uma dança.

Há um retorno à cozinha, a dona da casa está falando ao telefone:

– Deve ser muito cedo. Quero saber o resultado do exame de gravidez.

Outro quarto, outra cena, um violão, um menino que corre para o corredor dizendo:

– Sem chance! É a minha vez!

Outra pessoa corre entrando primeiro no banheiro. Ele bate e empurra a porta que está fechada dizendo:

– Qual é? Você já foi. Eu preciso mijar.

A pessoa que está dentro do banheiro responde:

– Vai ter que esperar!

Ele desiste, voltando ao quarto onde um jovem sem camisa dorme, este vira para o outro lado ainda dormindo.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

A Sra. Barrows está falando novamente ao telefone. Do outro lado da linha alguém lhe diz:

– Sra Barrows o exame deu positivo

Ela replica:

– Só isso? Não há chance de ser falso positivo?

A outra lhe diz:

– Não, os exames são bem precisos.

Ela se resigna.

– Bem... obrigada.

– Quer marcar uma hora?

– Oh! Não, não. Eu ligo depois, obrigada.

Coloca o telefone no gancho e neste momento um menino desce correndo as escadas com uma caixa de brinquedos nas mãos, pergunta:

– Mãe, pode me ajudar? Acabei.

Ela volta-se para o filho pegando a caixa. O menino continua dizendo:

– Está pesado. Quase quebrei o braço.

– Como vai levar isso? Pergunta a mãe.

– Jason vai me ajudar.

A filha adolescente esquenta sobre a chama do fogão folhas de alguma coisa. O irmãozinho mais novo, que está sentado à mesa, faz caretas de nojo.

– O que é isso? Pergunta.

A adolescente responde virando-se na direção do menino:

– Algas, contém cálcio e iodo. É melhor que corante vermelho.

Ele começa a comer o cereal que está no prato. Ela se movimenta e abre o armário. A mãe pergunta:

– Esta usando sutiã?

– Não.

Alguém diz:

– E o meu caderno? O diálogo entre mãe e filha continua.

– Vá por...

– Não quero...

– Sally!

Volta-se falando com a adolescente e esbarra na filha menor que tenta abraçá-la e é repelida. A filha menor lhe diz:

– Desculpe.

– Acorde seu irmão. Está atrasado.

A menina contesta.

– Por que Ryan não pode ir?

A filha adolescente fala:

– Discriminação sexual começa cedo. Acostume-se.

A mãe que está sentada à mesa, passando manteiga no pão intervém dizendo.

– Me poupe.

– Chester, aqui, café da manhã–diz o menino dando um pedaço de torrada para o cachorro.

Um jovem adolescente entra na cozinha vestindo um casaco e diz:

– Por que ninguém me acordou?

–Ande logo. Se quer tomar café.

–Olhem só. O homem macaco. Diz a adolescente provocando.

O jovem retruca:

– Linda, faça um favor ao mundo: use sutiã.

– Como se soubesse a diferença.

– Boa! Diz o pequeno.

O adolescente balança a cabeça da menina mais nova que reclama e revida.

– Cale a boca, idiota.

– Pára! Vou te matar. Mãe!

A menina e o adolescente se agarram, estapeiam-se. A mãe diz:

– Se vão se espancar saiam da cozinha!

A confusão é geral, um derrama cereal na mesa e grita. A menina indignada rebate:

– Ele despenteou meu cabelo!

– A banda vai ensaiar aqui à tarde.

A mãe replica:

– Não antes das 16:h, seu pai estará dormindo. É sério. Não estarei aqui. Vou levar seu irmão ao treino.

– Saco, diz o pequeno.

A Sra. Barrows está agachada ao redor da mesa recolhendo as migalhas e a bagunça que os filhos fizeram e lhes recomenda:

– Comportem-se, seu pai chegou.

O pai entra na cozinha e ao entrar esbarra no jovem filho adolescente e o cumprimenta rapidamente. Ele ainda observa o filho sair. Os outros lhe dão bom dia.

– Oi, pai.

– Oi pessoal.

Aproxima-se da mesa e beija a filha menor e depois a esposa. Pergunta-lhe:

– O que houve? Está bem?

– Não estou, não.

Os dois vão virando-se para a câmara e ela pega com os braços a trouxinha de roupa que ele trouxe, dizendo-lhe:

– Temos que conversar. Depois.

Ela coloca sobre a cadeira a trouxinha, ao mesmo tempo em que abre a geladeira. O filho dirige-se ao pai:

– Precisa apertar a correia da bicicleta.

– Ok.

– O que temos? Bolo de carne?

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

– Bolo de carne, batata e salada.

Ainda guardando alguns potes na geladeira, a mãe diz para a filha:

– Não se esqueça de mandar o formulário para Radcliff.

Então, a filha responde.

– Certo, Allison e eu vamos até Boston...para conhecer um campus. Ok?

– Não sei, não, responde o pai.

– É perigoso irem sozinhas. Tem muito maluco lá.

A mocinha continua:

– Tudo bem. Vamos ficar na casa da tia de Allison.

Diante do silêncio do pai,ela replica indignada.

– John, qual é?

– John? John? Fala o pai e depois acrescenta:

– É policial John Barrows, senhorita...

A mãe, enquanto os dois discutem, coloca em uma mochila alguns livros. O pai continua:

– Ou mocinha? É diminutivo demais para você?

Ela ri do pai, mas se dirige à mãe que está às voltas com o material.

– Mãe, explica que não tem nada demais.

O pai replica:

– Não quero que ela vá.

– Tenho o mapa, está tudo...

Nervosa e alterada a mãe diz:

– Conversamos depois. Estou sem carro, Julia veio me buscar...e preciso ir embora.

Vai saindo apressada com a mochila e uma toalha e a joga sobre a mesa dizendo:

– Coloque os pratos na pia.

– Tchau, mãe.

Sai fechando a porta.

Um carro vermelho está estacionado na frente da casa. Barbara desce correndo os degraus da casa. Ouve-se uma voz que diz:

– Ok. Não corra, não estamos atrasadas.

Ela abre a porta do carro e entra dizendo:

– É que não tomei café. Podemos passar na lanchonete?

A mulher que está ao volante pergunta:

– O que houve?

Constrangida e chorosa ela responde:

– Estou grávida.

A outra a observa surpresa.

– Dirija, dirija...

– Claro, tudo bem.

O carro sai, faz o contorno e pára.

– Não pare, não quero me atrasar.

A motorista retira os óculos de sol e diz:

– Não. Vamos conversar.

A Sra. Barrows está nervosa. A outra lhe entrega um lencinho de papel dizendo:

– Tome

– Obrigada.

Ela tira os óculos e enxuga as lágrimas. A amiga pergunta:

– John sabe?

Ela balança a cabeça em sentido negativo:

– Acabei de saber.

Respira profundamente e constrangida sorri, dizendo:

– Acabei de saber.

– É um choque, não é? Diz a outra.

Ela concorda balançando a cabeça afirmativamente

– Sei o que está passando.

– Julia, Você lamenta?

– Não, de verdade. Minhas amigas disseram que eu ficaria deprimida... e me sentiria culpada. Francamente, fiquei tão aliviada. Mas nem todo mundo é igual.

Barbara ainda chorando diz:

– Puxa vida!

Numa prateleira cheia de livros uma mão procura um livro, em seguida, retira-o. O título é *Nossos corpos, nós mesmas*. A Sra. Barrows folhea o livro encostada à estante. Em seguida uma pessoa da qual não se vê o rosto diz:

– Com licença, onde acho Física?

–Física? Último corredor à direita, lá nos fundos. Após essa informação concentra-se de novo no livro.

Ouve-se uma voz:

– Quero pesquisar a vida pessoal de uma poeta, mas não sei qual.

Num corredor amplo, pessoas caminham e outras conversam. O foco vai se aproximando. Surge um homem que aparece de costas, conversa com a Sra. Barrows. Ele diz:

– Muito bom. O que vai enfocar?

– Digamos que ela tem família. Onde acha tempo para escrever? Mal consigo vê-la sozinha. Os filhos vivem interrompendo.

O homem escuta e ela continua:

– Não sei se é um bom assunto. Eu só adoraria saber... como elas conciliam o trabalho, a família...

Ele, em silêncio, a observa de braços cruzados e depois replica:

– O importante é que está entusiasmada. Veja o que consegue. Tente.



Com os óculos na mão ele prossegue:

– Soube sobre a posição TA?

– Fui aceita para uma. Começa neste outubro no Franklin High. 2º colegial.

– Lembre-se de que não pode lhes ensinar nada. Já sabem tudo.

Sorrindo ela diz:

– Eu sei.

– Tenho um em casa.

– Eu também. Dois, na verdade.

– Até quinta-feira.

Ela segue caminhando, o professor toma outra direção.

A cena em destaque é o *close* de uma página de livro e alguém folheando. Um título sobressai: S*e escolheu o aborto como achar a melhor clínica.*

O foco se desloca do livro para a filha adolescente que comenta em voz alta:

– *Nossos corpos. Nós mesmas*. Bom livro.

A mãe surpreendida fecha o livro e diz:

– Você... já leu?

– Eu tenho um.

A Sra. Barrows se levanta, vai até uma caixa que está sobre a mesa e começa a recolher alguns pacotes de alimentos. Abre a geladeira, volteia e olha para a filha. Esta pega uma caixa de cereal e a mãe lhe diz:

– Deixe... eu guardo.

A filha volta a colocar a caixa sobre a mesa falando:

– Pode fazer um em qualquer clínica.

– O que?– Fala a mãe que continua guardando as compras na geladeira.

Então a filha retruca:

– É seu direito legal.

A mãe fecha a gaveta do congelador, caminha em direção à mesa e pergunta:

– Do que está falando?

Pega outro pacote e olha em direção a filha que insiste:

– Eu a vi, mãe.

Barbara continua guardando as compras. A filha fala:

– Lendo sobre o aborto.

A mãe vai e vem, mas permanece calada. A moça insiste:

– Vai fazer?

Ela pára diante da geladeira aberta e, com uma caixa de ovos na mão, vira-se e diz:

– Não estou pronta para falar nisso.

De costas para a filha, coloca os ovos no lugar, depois diz:

– Mas obrigada pela informação.

A filha, insatisfeita com o resultado da conversa, faz cara de descontente e sai. A mãe

ainda coloca mais ovos na geladeira e ao mesmo tempo a observa. O marido entra na cozinha e observa o que a esposa está fazendo. Ouve-se uma voz:

– Mais comida?

– Estão com fome.

A cena se amplia e a mãe de costas continua sua tarefa. Replica ao adolescente:

– Que comam em casa.

– O show é amanhã argumenta o adolescente saindo. O marido se aproxima em silêncio.

– É amanhã...

Beija a esposa que prossegue com seus afazeres. Ela fala:

– Não deve ter dormido bem com esse barulho...

O esposo retruca:

– Ficam tocando a mesma música o tempo todo. Aprendam outra!– Grita.

Ela lhe prepara algo para comer. O filho menor entra correndo, abre a geladeira e diz:

– Mãe, não comi sobremesa.

– Não? E quem comeu todo o bolo?

– Scott levou pra garagem. A banda comeu. E eu?

Ela olha para o filho enxugando as mãos ao mesmo tempo em que pergunta:

– Que tal um biscoito?

– Ok!– diz o menino.

– Aqui está. Agora, já pra cima.

Dá-lhe um tapinha nas nádegas. Ele anda e depois vira perguntando:

– Posso ver A família Do-Re-Mi?

– Tudo bem, pode!

Ele insiste:

– Mais um biscoito, por favor.

A mãe pega mais biscoito e entrega ao menino empurrando-o em direção a saída e diz:

– Dois, agora vá. Nos deixe em paz.

Senta à mesa onde seu marido está tomando algo em uma caneca. Ela cruza os braços e fala:

– Adivinhe.

– O quê?

Ele levanta a cabeça e olha-a cruzando também os braços, repete:

– O que?

Ela diz:

– Estou grávida.

O rosto surpreso do marido é enfocado. Ele reage dizendo:

– Está brincando.

Ela balança a cabeça em sinal negativo. Ele passa a mão no rosto num gesto nervoso e abaixa a cabeça visivelmente perturbado. Ela dá um suspiro e um silêncio segue-se. Ouve-se uma voz estridente:

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

– Sally, pare! Eu disse que podia!

O marido passa as duas mãos na cabeça num gesto de impotência. Ela o observa. Ouvem-se um barulho e gritos. Ele se volta em direção à confusão, levanta dizendo:

– Se eu for até aí, desligo a TV e apago a luz, entenderam?

Visivelmente alterado ele continua:

– Fui claro?

Caminha até a pia, abre a torneira e lava o rosto. Expressa um som, ainda debruçado sobre a pia, em seguida vira-se para a esposa indo pegar a toalha e diz:

– Essa foi demais, não é.

Ela concorda balançando a cabeça. Ele enxuga o rosto com a toalha. Depois, olha-a ainda secando as mãos, volta a dizer:

– Que novidade!

Ela o observa e neste momento a filha adolescente entra na cozinha com uma amiga.

– Oi Barbara.

– Policial.

A filha aproxima-se da mãe dizendo:

– Alisson vai dormir aqui, OK?

A mãe:

– OK.

As duas dirigem um último olhar para os dois e saem do recinto, subindo as escadas. Elas são focalizadas de costas. Allison está vestida com uma camisa xadrez marrom e a filha com uma camisa vermelha. A câmara centra-se agora no marido que diz:

– É... a minha camisa. Por que Allisson está com ela?

A esposa lhe diz:

– Não sei. Linda deve ter pegado e emprestado a ela.

Bravo o marido fala:

– Pegue de volta. Quero de volta.

– Tudo bem, vou pegar.

Irritado o marido continua:

– Parece que houve uma invasão. Nada mais me pertence.

O garoto entra correndo novamente, e pede:

– Mãe, mais um biscoito, por favor.

– Só um.

O marido ainda se mostra impaciente. O garoto chega até a mãe e abraça-a. Ela o acolhe segurando-lhe a cabeça. O menino coloca um biscoito próximo a sua boca e pergunta:

– Mãe, quer um biscoito?

Isso é dito numa leve disputa de atenção dos pais.

– Não, quero falar com o papai.

A criança continua abraçando-a e ela resignada fala:

– Vamos conversar depois.



– Certo. Quando eles se casarem.

Numa expressão de impotência, ela conforta o filho acariciando-o.

Em outro espaço aparecem cartas de um baralho, e uma mão com anéis coloca uma carta e diz:

– Nossa, essa é da pesada.

Coloca outra e a cena se amplia aparecendo Linda e Allisson que estão sentadas no chão e as cartas colocadas sobre um tapete redondo. Junto a Linda um balde verde. Observa as cartas, coloca outra e diz:

– Rainha de copas. É a minha mãe.

Allisson que segura uma carta na mão fala:

– Adoro sua mãe. É tão legal.

– More com ela.

Barbara e o marido estão sentados no quarto. Ela limpa um sapato. Ele olha-a e diz:

– Tudo bem, está feito. O que se vai fazer? É isso.

Bate a mão sobre uma das pernas da esposa dizendo:

– É só pensarmos. Temos experiência suficiente.

Sem olhar na sua direção ela lhe pergunta:

– Como assim? Pensar em que?

Com o rosto tranqüilo o marido continua:

– Em como acomodar o bebê.

Ele passa a mão sobre o nariz:

– Vivo falando em me aposentar, com um quinto filho, não vai dar. O que quer que eu diga?

Ela suspira longamente e ele continua:

– Ter filhos faz parte da vida de casado.

Ela replica:

– Só achei que tivesse encerrado.

Num gesto de impotência lhe diz:

– Fechado a fábrica.

Ele se aproxima mais e passa o braço sobre o ombro dela, numa atitude carinhosa e fala:

– Foi inesperado, só isso. Vamos dar um jeito, certo?

No quarto de Linda, Allisson está de pé e caminha com um livro. Linda está sentada. Ouve-se uma voz:

– O que significa isso?

A voz do marido se ouve mais forte:

– Não me aposento, Linda não vai para a faculdade cara.

Linda que está baralhando as cartas continua ouvindo a conversa dos pais.

Barbara:

unesp

– Não podemos fazer isso com ela.

Marido:

– O quê? Ela pode ir para uma faculdade estadual. Você foi.

Linda se levanta rápido vai até a porta e fecha-a batendo com força.

Barbara continua limpando os sapatos e o marido fala:

– Falo de sacrifício. Todos nós vamos ter de fazer. Todos nós! Até mesmo você. Seu diploma terá de esperar.

Ela replica:

– Não quero esperar! Acabei de recomeçar! Isso é *'dejá vu'*. Parece minha primeira gravidez.

– E o que quer fazer?

– Não sei! Mas você podia entender como o diploma é importante para mim!

– Querida, eu sei disso.

– Não sabe! Deixar a faculdade não é reposta para tudo. É importante para mim.

O marido a observa. O foco se desloca para Barbara que continua:

– É a primeira vez em muitos anos que posso ter conversas adultas.

– Sobre o que acontece no mundo.

– Espere aí. O que é isso? Uma conversa adulta.

Novamente o foco se desloca para o marido, que continua retrucando:

– Não é sobre arte ou filosofia, mas é uma conversa adulta?

Ela lhe diz:

– Pare, eu sei. Só estou dizendo que não há respostas fáceis! Quero resolver isto sem que tenhamos de nos sacrificar.

Ele:

– O que tem em mente?

– Não sei. Não sei.

– Qual é a alternativa? Qual é a alternativa? Ele repete.

– Não sei!

Os dois se olham em silêncio. Ela se abaixa, pega uns sapatos que estão no chão e diz:

– Seus sapatos.

Ela fecha a latinha de graxa, joga o pano sobre a cama. Ele se aproxima, pega os sapatos e vai saindo.

Barbara entra na cozinha com uma camisa que pendura no cabide da parede. Alguém fala:

– Qual é? Eu quase consegui!

– Cem dólares.

Agachada Barbara recolhe alguns objetos, levanta a cabeça e observa. A cena se desloca mostrando seus três filhos que estão jogando em uma mesinha. Ela se dirige ao marido:

– John, vai se atrasar!

Recolhe as mochilas dos filhos e as coloca junto da escada. O marido desce e ela lhe indaga:

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

– Pegou a chave, a carteira?

Ele termina de descer e então ela se aproxima do cabide, lhe entrega o jaleco e a garrafa de café. Ele chega mais próximo dela dizendo:

– Vamos dar um jeito, OK? Beijo?

Beijam-se e então ela abre a porta. Ele sai.

Barbara dobra algumas roupas que estão sobre a mesa. Linda desce as escadas dizendo:

– É o seguinte: se pensa que vou desistir da faculdade...

A mãe olha para a filha que continua indignada:

–...porque vocês fizeram besteira...

– Não quero que desista.

Irritada Linda vocifera:

– Qual é, não sou surda. Ouvi vocês lá em cima!

Ainda, segurando uma roupa nas mãos, ela afirma:

– Nós vamos nos sacrificar.

– Nós?

– Me ouça um minuto.

A filha faz um gesto desconsolado e a mãe diz:

– Nada foi decidido. E não quero que todos saibam, até decidirmos.

Linda, ainda retruca:

– O que há para decidir? Quer ser mártir? Tudo bem, mas não vou pagar pelos seus erros. Não vou pagar.

Linda sai da cozinha visivelmente irritada.

O foco agora está sobre Barbara e sua amiga que estão em um cômodo que parece uma dispensa. Barbara passa roupa e a amiga a observa. Ela comenta:

– Ela estava irritadíssima e me chamou de mártir.

A amiga lhe confidencia:

– Puxa, Katie me chama assim todo dia.

Barbara continua:

– Faço tudo por ela. Quem passa a roupa dela? Quem... limpa o quarto? Quem convence o pai quando ele diz 'não?' Ingrata!

– É isso. Emprego de mártir. Afirma a amiga.

Irritada Barbara retruca:

– Não sou mártir.

– Barbara, ouça a si mesma. Você é, e eu sou. E esse amor incondicional é bobagem. Esperamos gratidão.

– Tem razão.

Vocifera:

– Por que tento agradar-lhe? Ela que passe isso! Vamos tomar café.



–A revanche da mãe.

– A revanche da mãe.

Saem do quartinho em direção à cozinha.

Barbara está lendo um livro. Depois fecha e joga-o sobre a mesinha, ficando com o olhar perdido. Ouve-se o som do telefone e uma voz:

– Bom dia. Serviço de Saúde da mulher.

A Sra Barrows fala ao telefone, sentada nos degraus da escada com um catálogo telefônico nas mãos. A voz continua:

– Aqui é Helen. Em que posso ajudar?

– Preciso falar com alguém. Queria informações sobre o aborto.

O foco da câmara mostra Barbara subindo a escada com vários cabides de roupas, ela entra no quarto da filha adolescente que está conversando ao telefone e com um livro no colo. O quarto está desarrumado, várias coisas pelo chão. Linda diz:

– Este é ótimo. Chama-se 'Ela'.–Ela veste a dor como um vestido velho. Mexe os quadris nela, se cobre com seu calor.

A mãe, que continua no quarto, começa a recolher as coisas que estão espalhadas pelo chão. A adolescente continua falando:

– Grita por liberdade. Ela precisa se soltar e viver a própria vida.

A mãe pára o que está fazendo, aproxima-se com os braços cruzados e numa atitude de poucos amigos. Linda prossegue a conversa:

– Demais, não é?

– Desligue o telefone – Ordena Barbara. – Quero falar com você.

A adolescente diz:

– Preciso desligar, Allison. Te ligo depois.

A mãe vai direto ao assunto:

– Você vai para a faculdade. Quero que saiba disso.

Linda observa sua mãe dizendo:

– E você?

– O que tem eu?

Barbara fala de cabeça baixa. Em seguida olha para filha e esta afirma:

– Não quer ter esse bebê.

Ela se levanta com algumas roupas e vai até o guarda-roupa. Linda insiste:

– Acha que ele terá uma boa vida se a mãe não o quer?

Barrows responde olhando para a filha:

– Está exagerando o que sinto.

– Você nem sabe o que sente – Contesta a adolescente: – Sabemos o que papai sente, sabe o que eu sinto... mas nem se dá o direito de ter opiniões!

Levanta-se de onde está sentada e, ao dizer esta última frase, fala com a voz alterada. Barbara, que mexe em uma gaveta, pára e diz:

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

– Como é? Tenho opiniões. Só não preciso gritar pra todo mundo!

Linda faz um gesto de impotência e a mãe caminha pelo quarto, tira uma peça de roupa que está pendurada e entra em outro cômodo dizendo:

– É um assunto perigoso.

Barbara desce juntamente com o professor as escadas de um prédio. Ela lhe informa:

– Estive pesquisando o tema do meu trabalho, como as poetas... conciliam trabalho e família.

Eles vão descendo os degraus e ela continua falando:

– Bem, não conciliam. Não conciliam nada. Li as biografias de Plath e Sexton... e suas vidas eram uma bagunça. Pior para o meu tema.

Ela termina a frase com um sorriso.

O professor que estava calado lhe diz:

– É pena. Mas talvez possa aproveitar o que descobriu.

Neste momento estão frente à frente. Ele continua:

– Não foi o que esperava mas pode ser útil. Não desista.

Triste e um pouco desconcertada Barbara levanta a cabeça, olha para o interlocutor e diz:

– Vou pensar. Obrigada.

Vai embora.

A imagem de um pátio verde, com algumas árvores e muitos jovens em pequenos grupos, é enquadrada. A câmara vai se deslocando até aparecer Barbara que, detrás de uma grade, os observa. Alguém passa e lhe dirige a palavra:

– Oi, Tiffany

– Até terça-feira.

Ela se volta e olha a pessoa que vai embora. De novo olha em direção ao pátio e fica observando com o olhar perdido.

A cena muda. Dois jovens conversam:

– Ouvi vocês ensaiando, diz a jovem.

A câmara passeia pela sala, ela continua falando:

– Foi muito legal.

– Por causa do baterista novo.

O giro da câmara mostra outro cenário. Sentados à mesa estão Barbara e o seu filho pequeno. Ela ajuda-o nas tarefas da escola.

– Muito bem. Agora baixe isso. Baixe o 8.

O menino escreve e ela prossegue:

– Isso mesmo. 32. Agora cheque o resultado.

– OK. Diz o garoto.

Ela olha na direção da porta. Vê Linda e o namorado se beijando. A câmara se desloca novamente dos namorados para o rosto de Barbara que observa com os olhos cheios de lágrimas.

unesp

Um novo deslocamento é feito. Agora são focalizados os dois adolescentes que conversam no mesmo ambiente, só um pouco afastados. A adolescente loira, de cabelos longos, fala:

– E você parece Leif Garret, ou Sean Cassidy.

Ele é focalizado. O jovem concorda com um grande sorriso.

Há em seguida um retorno da câmara para o rosto triste e pensativo de Barbara. O marido chega, coloca as mãos sobre seu ombro. Ela segura suas mãos. O rosto dele é mostrado num *close* maior, ele observa-a. Ao mesmo tempo em que se confrontam mutuamente ele pergunta:

– Como você está?

Ela não responde de imediato. Ele a acaricia o rosto. Ela lhe segura as mãos, beijando-as, num gesto que retribui a carícia recebida. Depois coloca as mãos sobre a dele que permanece sobre os lábios dela. Ainda abraçados ele lhe beija a cabeça.

O filho em silêncio brinca com o lápis e com a cabeça deitada sobre o caderno. Ela pergunta:

– Pegou a carteira? Pegou o almoço?

Tudo isso é dito com o foco da câmara sobre o rosto do menino que sorri. Novamente o marido lhe beija o rosto. Ela dá batidinha em suas mãos que estão sobre os seus ombros num gesto tranquilizador dizendo:

– Boa noite!

Ele sai e ela coloca os dedos sobre os lábios ficando com o olhar perdido novamente. Depois dirige sua atenção para o garoto dizendo:

– Vejamos. Quantas vezes o 2 está no 8?

A adolescente no seu quarto faz uns movimentos de *ioga*. Alguém bate na porta, ela consente que a pessoa entre. Abre-se a porta. Sua mãe, segurando a porta entreaberta, pergunta:

– Posso entrar?

Ela entra e fecha a porta.

A mocinha continua seus exercícios corporais. Barbara lhe diz:

– Só queria te contar o que decidi.

Linda olha para a mãe que continua:

– Vou ter o bebê.

Ao receber a notícia, a filha faz uma cara de descontentamento. A mãe prossegue:

– Não sei se é a decisão certa... mas é a única que aceito.

Ainda descontente a adolescente responde:

– Legal mesmo.

A esta resposta Barbara diz:

– Eu sei. Tudo parece tão simples quando somos jovens.

A filha reage balançando negativamente a cabeça. A mãe fala:

– Não se preocupe, querida.

Levanta-se de onde estava sentada e senta mais próximo, abraçando a filha num gesto consolador, ao mesmo tempo em que lhe reafirma:

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

– É o que eu quero.

A filha a abraça também em silêncio, consolam-se mutuamente. Mais uma vez ela diz:

– Vai dar tudo certo.

Há um giro da câmara e a imagem que surge é a da mesma casa do primeiro e segundo episódios. O foco da câmara vai se aproximando da casa até enquadrar a janela do quarto que está fechada e onde aparecem cortinas brancas.

Num movimento inverso a câmara começa a se afastar, o foco continua sobre a casa. Mudando o cenário, aparecem agora a entrada da casa, os degraus. Uma bicicleta encostada na parede e uma motocicleta completam a cena. A imagem vai se ampliando, surge um jardim descuidado e feio. Nessa cena, a inscrição 1996. A cena se apaga.

3.2.1. Mulheres presas no dilema da maternidade e da autonomia

> *as palavras escorrem como líquidos lubrificando passagens ressentidas* (1998, p.87).

No segundo episódio, optar pelo não-aborto pode significar um *aborto* e a possibilidade de enterrar a liberdade, mas não significa a morte. Esse entendimento pode ser visto sob dois aspectos: primeiro, se se insiste na questão da autonomia/heteronomia aqui também essa história não permite uma separação taxativa entre essas duas categorias, elas estão imbricadas. Neste sentido, elas são encontradas em atitudes que podem ser denominadas como busca de autonomia e em outras se poderia qualificar de heteronomia. Com relação ao segundo aspecto, este pode ser visualizado a partir da transgressão.

No que se refere ao movimento desse binômio, poder-se-ia dizer que as condições são propícias para exercer a autonomia, enquanto capacidade de autodeterminação para pensar, querer, sentir e agir. Porém, em muitos casos, no decorrer do episódio, prevalece o contrário dessa possibilidade.

unesp

A protagonista Barbara conversa com a amiga, busca e lê as informações sobre o aborto. Fala com o marido e com a filha que lhe assegura que ela tem todo direito de fazer um aborto, mas a situação familiar e a relação com o marido dão indício de que a Sra Barrows transita entre essas duas possibilidades, ou seja, da autonomia/heteronomia. Depois de uma conversa com o esposo, ela decide interromper os estudos e ter o bebê. A escolha não é fácil. A dificuldade se expressa numa conversa entre mãe e filha nos seguintes termos:

> – Você vai para a faculdade. Quero que saiba disso.
> – E você?
> – O que tem eu?
> – Não quer ter esse bebê. Acha que ele terá uma boa vida se a mãe não o quer?
> Barrows responde olhando para a filha:
> – Está exagerando o que sinto.
> – Você nem sabe o que sente – Contesta a adolescente. Sabemos o que papai sente, sabe o que eu sinto... mas nem se dá o direito de ter opiniões!
> – Como é? Tenho opiniões. Só não preciso gritar pra todo mundo!
> Linda faz um gesto de impotência e a mãe caminha pelo quarto, tira uma peça de roupa que está pendurada e entra em outro cômodo dizendo:
> – É um assunto perigoso.

A *heteronomia* aqui é entendida no mesmo sentido em que foi utilizada no primeiro episódio, como a condição de alguém que não usa a capacidade de autodeterminação para pensar, querer, sentir e agir.

Nessa medida, a condição de heterônoma pode ser observada na situação narrada. Opta-se pelo que se dá conta de fazer. Tomando-se como objeto de investigação a problemática do aborto, é possível perceber, pelos exemplos apresentados, o quanto o mesmo é polêmico e difícil em qualquer perspectiva de análise.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Na primeira história, o aborto era considerado crime e, portanto, ilegal. Não havia nenhuma possibilidade para a realização segura dessa prática. No entanto, a protagonista Claire, em uma situação totalmente desfavorável, decide realizá-lo, consumando uma transgressão. Já na segunda história, existem condições seguras e o aborto pode ser realizado. É um direito legal porque, nessa data de 1974, esse procedimento estava legalizado nos EUA. Barrows é uma senhora, dona de casa, de classe média, com todas as condições para cuidar de mais um filho, já que tem a experiência de quatro filhos criados. Mas, ao mesmo tempo, vive o dilema de querer estudar, querer sair da rotina da família e desse cuidar dos filhos. A condição vivenciada por ela é um misto de autonomia e heteronomia que se manifesta nos mínimos detalhes. Essa ambigüidade reflete na forma em que ela cuida da casa e faz tudo sozinha sem dividir as tarefas com os filhos e o marido.

Mas em contraposição a esse padrão doméstico, é surpreendente que ela volte a estudar e queira entender como as mulheres conseguem conciliar trabalho e família. Ou, então, família e uma produção literária de arte como a poesia. Ela tinha desejos de continuar a estudar e pesquisar mas, ao ficar grávida, vive o dilema de não querer essa gravidez já que tinha os filhos que queria, e que havia desejado.

Retomando essa questão, é interessante perceber que Barbara esbarra nos valores ligados à maternidade que são impostos às mulheres, estas querendo-os ou não. Isso é reforçado na fala do marido, quando lhe diz que "ter filhos faz parte da vida de casal". E ela está presa a essa condição de ser mãe ao assumir o papel imposto pela cultura. O modelo designado pela maternidade é aceito sem questionamentos. É a partir dessa tensão que se instala o conflito e a própria heteronomia que acaba sendo um produto social. Então como produto social conforma homens e mulheres e auxilia a sustentar um dado ordenamento social. O

unesp

aborto funcionaria para as mulheres como a busca da autonomia ou a transcendência. Esta zona conflituosa é melhor entendida se se assentam as bases da reflexão a partir dos argumentos de Simone de Beauvoir quando analisa, na obra *Segundo Sexo*, a maternidade e a transcendência do ponto de vista do materialismo histórico. Como exemplo significativo, registram-se as experiências de maternidade nas hordas primitivas no que se refere às gestações sucessivas.

> A maior maldição que pesa sobre a mulher é estar excluída das expedições guerreiras. Não é dando a vida, é arriscando-a que o homem se ergue acima do animal; eis por que, na humanidade, a superioridade é outorgada não ao sexo que engendra e sim ao que mata (1980, p.84).

Prosseguindo no exame das relações entre a transcendência e a maternidade, a autora ainda argumenta:

> A fêmea, mais do que o macho, é presa da espécie; a humanidade sempre procurou evadir-se de seu destino específico; pela invenção da ferramenta, a manutenção da vida tornou-se para o homem atividade e projeto, ao passo que na maternidade a mulher continua amarrada a seu corpo, como o animal (1980, p.85-86).

Todavia, não só nas hordas primitivas as sucessivas gestações deixavam as mulheres impedidas de participarem das expedições guerreiras. Guardando as devidas proporções, na sociedade atual e, mais precisamente na segunda história do filme, sucessivas gravidezes são impedimento para a autonomia de Barbara que, mesmo desejando estudar, ter conversas adultas, vivencia a tensão de ter que decidir entre a busca da autonomia e não transgredir. Ela não consegue transpor esse limiar entre cultura e transgressão. Portanto, decide continuar com a gravidez e, nesse sentido, ao decidir pelo não-aborto ela *aborta* seus desejos, suas possibilidades, em função da maternidade. Essa atitude, de um ponto de vista

unesp

conectado com o que já foi dito antes, reflete uma atitude que não configura transgressão. Ela opta pela escolha mais difícil de sua vida naquele momento. Só uma mulher pode viver a experiência de um não-aborto e só ela sabe o que isso significa. Nesse caso, ela tenta conciliar o que sente com os valores desse *ser* para os outros e em função dos outros. Esse é um aspecto relevante na argumentação de que as mulheres não fazem o aborto porque querem, elas o fazem por uma extrema necessidade e pela busca de autonomia. Em suma, a atitude de Barbara demonstra que, embora ela faça uma escolha, não está transgredindo. Ela está tomando uma decisão de acordo com as normas e valores de sua família. O não-aborto é a única coisa que ela consegue fazer e isso é revelado através de sua fala:

> – Só queria te contar o que decidi – Linda olha para a mãe que continua – Vou ter o bebê.
> – Não sei se é a decisão certa... mas é a única que aceito.
> – Legal mesmo.
> – Eu sei. Tudo parece tão simples quando somos jovens.
> – Não se preocupe, querida.
> Levanta-se de onde estava sentada e senta-se mais próximo, abraçando a filha num gesto consolador, ao mesmo tempo em que lhe reafirma:
> – É o que eu quero.
> A filha a abraça também em silêncio, consolam-se mutuamente. Mais uma vez ela diz:
> – Vai dar tudo certo.

Colocando a questão nestes termos, existe ainda uma possibilidade de releitura do binômio autonomia/heteronomia que pode ser tecida a partir do diálogo mãe/filha colocado anteriormente. À primeira vista chama a atenção o conflito de geração que se estabelece quando Barbara diz:

> – Eu sei. Tudo parece tão simples quando somos jovens.
> A filha reage balançando negativamente a cabeça. A mãe fala:
> – Não se preocupe, querida.



Ao que tudo indica, com essa frase a mãe tenta minimizar a força do discurso de Linda afirmando a diferença entre as duas gerações. É evidente que se constitui uma tensão entre as duas personagens, as quais vivenciam a ambigüidade da autonomia/heteronomia no enfrentamento da questão do aborto. Por um lado, a filha convive com uma lei que permite a liberação e, por outro, a mãe que conviveu com a proibição. Essa situação fica clara na fala de Barbara e nos gestos de descontentamento da adolescente.

Nessa linha de raciocínio, o discurso da mãe e da filha permite ainda uma nova consideração, a partir do que já foi exposto sobre a autonomia e heteronomia e que pode ser traduzido em duas questões: primeiro, o que significa abortar? Não ter um bebê? E segundo, o que significa não abortar? Ter um bebê? A questão está posta. Abortar significa romper limites, enfrentá-los. Começar outra vida. Não abortar e ter um bebê significa o rompimento com a busca de autonomia, significa, no caso de Barbara que ela não vai poder fazer o que planejou. Olhar essa problemática a partir da questão de gênero é entender que a heteronomia condiz com essa face da mulher. Que face é essa? É a face da mãe, da esposa acostumada com a vida doméstica e que, de repente, alimentou desejos de estudar.

Contudo, essa invenção pode colocar em *xeque* a vida dela. Ser outra pessoa. Ter o bebê é uma desculpa heterônoma. É um motivo para a mulher não romper com a sua vida. Se ela faz o aborto, teria que, logicamente, dar seqüência ao projeto que tem na vida, e que parece querer tanto, mas ela resolve, podendo fazer o aborto, não fazê-lo. No caso do episódio aqui relatado significa que Barbara continuará com a mesma vida de antes. Isso condiz perfeitamente com a heteronomia, diga-se de passagem: é o jeito *feminino* de as mulheres heterônomas tomarem decisões. Essa solução é a outra face da heteronomia. Todavia, ainda é possível pensar que a

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

heteronomia pode ser vista como sujeição à rotina, ao não-novo. Mas também, ter um bebê provavelmente para algumas mulheres pode suprir um pouco essa frustração de não-rompimento. Ele seria um novo ser na vida de uma mulher. O filho representaria uma espécie de recompensa para a opção de não-mudança.

Do ponto vista da transgressão, e recorrendo ao mito de Antígona para analisar a decisão de Barbara, uma possível leitura reside no fato de que ela não fez o aborto por considerá-lo transgressão. Sua atitude é bastante semelhante à da personagem Ismene, irmã de Antígona, que não consegue acompanhá-la na transgressão, ao realizar os serviços fúnebres do irmão.

> – É preciso não esquecer, Antígona, que somos mulheres e que, portanto, não podemos lutar contra os homens. Por isso, já que somos governadas pelos que são mais fortes do que nós, cumpre-nos acatar não só as ordens recém-ditadas, mas também outras ainda mais duras do que essas. Eu, portanto, pedirei aos mortos que me perdoem, pois é sob coação que me omito, e obedecerei, forçada, aos governantes. Querer realizar coisas acima do nosso alcance é insensatez, é loucura (Sófocles, 2001: 16-17).

O ponto convergente entre a história de Ismene e de Barbara pode ser localizado quando esta última diz para a filha:

> – Não sei se é a decisão certa... mas é a única que aceito.

Barbara não desconhece a lei, a legalização do aborto. Ela não emite nenhuma resposta quando a filha assegura que o aborto é legal e que ela tem todo direito de realizá-lo. Simplesmente permanece calada.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Esse comportamento está de acordo com o papel designado às mulheres pela cultura. De modo inverso, o feminismo procura justamente desconstruir esses papéis construídos social e culturalmente. Da mesma forma que no primeiro episódio, não se fala em nome do feminismo, no segundo, as questões caras ao feminismo são tratadas através da narrativa que privilegia um dos mais relevantes eixos das conquistas do sexo feminino nos EUA, o aborto como um direito legal.

As conquistas das mulheres aparecem destacadas na história do filme em uma passagem especial que faz alusão ao *sutiã*. A mãe pergunta para sua filha Linda se ela está usando sutiã, ela responde que não. Barbara ordena que a filha vá colocá-lo. A adolescente não se intimida e nem obedece as ordens da mãe. O irmão adolescente também critica Linda por não estar usando o sutiã. Ela o enfrenta dizendo que ele não sabe a diferença entre *estar com e estar sem*. Além da passagem já comentada sobre o conflito geracional, aqui ele se repete quando mãe e filha discutem sobre o *sutiã* e a adolescente não concorda em colocá-lo. O destaque dessa passagem fica por conta da forma simbólica que a roteirista do filme encontra para homenagear a histórica queima de *sutiãs* feita pelas feministas nos EUA.

Outro momento de referência implícita ao feminismo é quando a filha pequena contesta a mãe, perguntando porque ela lhe dá uma tarefa que o irmão menor poderia fazer. Linda intervém explicando para a irmãzinha que a discriminação sexual começa cedo. É uma ironia explícita sobre a educação de gênero. Por último a vinculação com o feminismo se dá com o aparecimento em cena do livro *Nossos Corpos, Nós mesmas* do Coletivo de Mulheres de Boston (1984). Esta obra é pioneira no fornecimento de informações a respeito da anatomia e da fisiologia da mulher. Entre os assuntos abordados pelo livro estão: o controle da natalidade, o aborto, a gravidez, o parto, pós-parto, a menopausa e doenças

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

venéreas. O livro aparece como referência para as duas gerações de mulheres do episódio.

Com relação à educação, ela surge localizada na margem dos conflitos familiares. A mãe ensina, aprende com os filhos e quer aprender a aprender. Porém sua condição de pessoa atada à maternidade restringe os limites do seu processo de aprendizagem.

A partir dessas considerações que argumentam sobre o aborto, o feminismo e a sua relação com a educação, abre-se uma brecha para o exercício da liberdade e da esperança como instrumento indispensável para pensar o andamento do movimento, bem como suas contribuições para o universo feminino.

É necessário enfatizar ainda que nesse período, nos EUA, as ações pró-aborto tomaram outra configuração depois da legalização do mesmo em 1971, e provocaram um grande impacto na sociedade. E não só isso: outro aspecto a ser considerado é que o movimento feminista tem refluxo. Diminuem as grandes manifestações e o aborto passa a ser tratado como uma questão de saúde pública. As atividades vão se concentrar em dois pontos fundamentais. Primeiro as organizações feministas norteamericanas vão lutar para garantir que esse direito das mulheres seja respeitado, que o abortamento seja realizado de forma segura, nas clínicas e hospitais. Segundo, as organizações vão lutar para que este direito seja internacionalizado. As ações dar-se-ão no sentido de estender a todas as mulheres, de todos os países, a legalização do aborto. As estratégias para atingir essa meta vão desde conferência, reuniões, grupos de estudos, pesquisas, congressos, encontros e financiamentos específicos para a realização de atividades relacionadas com os direitos reprodutivos.

unesp

Com vistas a subsidiar ainda essa reflexão, recorre-se a mesma dinâmica utilizada no primeiro episódio com relação ao fio condutor denominado: o amor como relação de vida e como relação pedagógica. Antes de entrar propriamente no desenvolvimento desse aspecto é necessário deixar claro que no primeiro episódio ou, de outra forma, na primeira casa, o amor como relação de vida e como relação pedagógica se deu dentro dos limites da educação familiar não escolar. Colocando a questão nestes termos, reafirma-se que nesse episódio é possível observar a influência do processo educativo em ambas direções: escolar e não-escolar.

Enxergar a segunda casa, a família e a história a partir dessa perspectiva é fundamental para compreender porque os relacionamentos vividos dentro das paredes dessa segunda casa são relações de amor e, ao mesmo tempo, constituem-se em relações pedagógicas.

Nesse caso a contenda entre Barbara e Linda é uma discussão de amor que pode ser entendida da seguinte forma: ter mais um filho significa mexer no orçamento, mais trabalho e mais sacrifícios e, se se reporta às relações já construídas, optar por ter mais um filho é não optar por outro. Quando Linda defende sua posição de ir para a universidade e acusa os pais de haverem cometido um erro, ela está questionando: qual é o amor que vocês têm por mim? Vocês, com essa opção, não estão demonstrando amor por mim. Nesse contexto, a reinvindicação de Linda faz sentido porque o nascimento de outro bebê irá reduzir as oportunidades da adolescente de estudar e as chances de trabalho.

A relação de Barbara com o marido é outra situação que pode ser considerada como um ato de amor e também um ato pedagógico percebido no diálogo que os dois travam dentro do quarto. Assim como a troca de carinho e acolhimento na busca para se tomar a decisão sobre ter ou não mais um filho.



Merecem destaque alguns comportamentos que se revelam nessa segunda casa sobre a estrutura familiar que exemplifica a prática desse amor e ensino-aprendizagem refletida na atitude de Barbara, nas seguintes situações: a discussão que enfrenta com Linda no seu quarto, por duas vezes, e nessas prevalecem o respeito e o diálogo. Com o filho menor, quando este interrompe a conversa dos pais exigindo carinho e atenção.

Outro momento especial de exercício pedagógico é o que acontece na cena em que a mãe, Linda e a filha menor fazem referência à discriminação. A menção de Linda, explicando para a irmãzinha que a discriminação sexual começa cedo, pode ser considerada critica, mas também revela uma ironia explícita sobre o processo ensino-aprendizagem que marca as diferenças de gênero. Subentende-se que essa brecha aponta as marcas de gênero dentro da família, questiona, alerta para a situação vivida. É um ato de amor e conseqüentemente um ato pedagógico.

É bastante relevante e educativa a conversa de Barrows com a amiga quando faz confidências sobre o comportamento de Linda que a chamou de mártir. A conversa evolui para as descobertas pessoais de ambas, no relacionamento com as filhas, na tomada de consciência de que não há um amor incondicional e que o amor implica despir-se da auto-piedade, e implica tomar medidas que estabeleçam os limites renovando as possibilidades de exercício do amor como ato educativo.

Em conexão com todos esses exemplos, é preciso ainda registrar mais um comportamento que está fora da casa. Por duas vezes Barbara dialoga com seu professor e manifesta o desejo de estudar e pesquisar a vida de uma poeta. Ela se coloca e recebe orientações para realizar seu trabalho e igualmente recebe conselhos sobre as futuras aulas que irá ministrar. Estuda, pesquisa e, na segunda

unesp

oportunidade em que conversa com o professor, ela desiste do seu projeto. Ele lamenta e a incentiva a continuar, apesar de tudo.

Contudo, considerando, a mesma abordagem feita no primeiro episódio sobre a implicação do simbólico, retoma-se também aqui a preocupação centrada nos pressupostos de Rorty (1991) quanto à redescrição. O enfoque dessa segunda lente exibe a casa, que como já foi mencionado anteriormente, é o retrato simbólico da evolução familiar americana. A casa em reforma, e que abre cada episódio, representa e estrutura esse valor forte que é a família.

Dentro desse muro, que é a casa, são expostos ainda os seguintes símbolos que compõem esse drama familiar: o marido como autoridade policial que encarna o chefe de família; as cartas do baralho que Linda manuseia e compara de forma irônica com a figura da mãe (rainha de copas); a referência ao sutiã que, para Linda, pode significar desobediência e resistência. Na analogia com o feminismo, o sutiã simbolicamente representou tirar ou despojar-se de uma peça de roupa que era modelo de feminilidade e que as feministas americanas recusaram. O livro, *Nossos corpos, nós mesmas,* tem um significado simbólico tanto para Barbara como para Linda. Duas gerações de mulheres que utilizaram o livro como uma grande referência feminina. Por último, vale alertar que o feminismo reconstruído e organizado nessa época se tornará o grande símbolo da afirmação das mulheres.

Ao examinar cuidadosamente toda essa trajetória desenvolvida até agora, ainda se faz necessário articular uma última conexão. Ela refere-se à identidade de grupo. Essa segunda lente possibilita evidenciar essa discussão que será melhor aprofundada no terceiro episódio. Porém, antes de passar para outro item, serão introduzidos alguns elementos que permitirão a ampliação da discussão do episódio que se segue.

unesp

Nesse sentido, o quadro teórico exposto no capítulo dois remete ao esforço do feminismo ou dos feminismos em construir uma identidade de grupo. A luta dispendida nesse percurso e consolidação do movimento favoreceu a ampliação de direitos em muitas áreas e em diversos aspectos, como os já apontados anteriormente no referido capítulo.

Em função dessa abordagem, buscam-se subsídios na reflexão de Rorty sobre a filosofia e o feminismo, no tocante a sua recomendação de que o movimento feminista não deve constituir-se enquanto grupos de identidade. Quanto a essa questão ele propõe:

> Tudo que propus foi a possibilidade de que uma linha de pensamento associada com o pragmatismo, historicismo deweyiano, pode servir para dar aos feministas um pouco de munição retórica extra. O historicismo deweyiano pode, eu penso, ser útil ao ajudar-nos a ver os pontos freqüentes de frustração e raiva dos feministas quanto à qualidade do senso comum dos costumes patriarcais. Ao sintetizar Hegel e Darwin, Dewey ajudou-nos a dar um sentido ao como o progresso moral é feito não apelando às "eternas verdades" mas ao criar novos modos de falar – novos vocabulários que permitem as coisas que previamente soava tão fora do comum como sendo simplesmente um golpe sonoro, soarem plausíveis (1991, p.84-85).

Com base nessa sugestão de Rorty, é viável construir uma nova redescrição sobre o feminismo e outros oprimidos, a partir desse olhar tão fora de propósito que permita enxergar comportamentos inseridos nesse contexto do amor como relação de vida e relação pedagógica.

Nessa linha de raciocínio o autor insiste:

> Ainda, há uma outra sugestão útil que, os pragmatistas podem dar aos feministas; que eles deixem cair a noção quase-kantiana de "experiência de mulheres" ou "perspectiva de mulheres" ou "ponto de vista das mulheres". Tem havido muitas

> críticas recentemente, na literatura da filosofia feminista nos EUA, do "essencialismo feminista" – dos esforços de especificar o que é distintamente feminino, o que é a "alteridade" distintiva do feminino. Como um pragmatista, eu sou simpático ao criticismo, como sou a todas as formas de anti-essencialismo. Eu também sou simpático ao que Sellars chama de "nominalismo psicológico" – a doutrina que diz que toda a consciência é um caso *lingüístico*. Neste ponto de vista, não há tal coisa como a "experiência inarticulada" que é então expressada na linguagem. Para tais filósofos da linguagem como Davidson e Sellars, a linguagem não é um meio de expressão de algo anterior chamado "experiência". Assim, a fortiori, não há um estado pré-lingüístico da "experiência feminista" que precisa ser articulada através da linguagem (p.85).

Na sugestão de Rorty pode-se encontrar um elo de ligação com a crítica de Haack (1998) examinada no capítulo dois no que se refere às linhas de pensamento da epistemologia feminista com as quais ela discorda. Ao refutar a configuração dessa epistemologia, ela sinaliza que é necessário rever o processo em que essas noções de "experiências das mulheres", "perspectivas das mulheres" e o "ponto de vista das mulheres" se desenvolvem, bem como o método utilizado, a metodologia empregada e a utilização do termo. Refletindo-se sobre essa sugestão do autor, é compreensível que a alternativa apontada por ele amplia os olhares, quando este afirma que a linguagem não é um meio de expressão de algo anterior chamado "experiência". Assim, a fortiori, não há um estado pré-lingüístico da "experiência feminista" que precisa ser articulada através da linguagem. Na seqüência dessa idéia ainda propõe que:

> A partir desta perspectiva, a tarefa dos intelectuais feministas não é expressar o que as mulheres têm sido atemporalmente e ahistoricamente– a expressar sua essência interior previamente desconhecida – mas encontrar caminhos de descrever sua situação pública, sua constante opressão, o que torna cada vez mais fácil para as mulheres ver essa opressão como inevitável, como parte da natureza das coisas. A questão não é tornar audível ou visível o que estava escondido – trazer à tona a

> realidade e substituir a mera aparência, ou tornar a experiência inarticulada, articulada, mas ao invés de dar existência a alguma coisa que não existia previamente. O que deve ser criado é um tipo de mulher forte, autônoma, vociferante, uma mulher que não preste atenção a qualquer que seja distinção de gênero erigida/construída na linguagem e costumes de sua época. Tal mulher pode ou não achar algum tipo de uso da filosofia, mas os filósofos devem dar algumas pequenas contribuições à sua emergência ao substituir o modelo filosófico tradicional do progresso social da aparência – pela – realidade por um modelo evolucionário, pragmatista (p.86).

Não há dúvidas que a sugestão provoca muita discussão, muitas perguntas acerca dessa nova possibilidade de criar novos modos de falar, abordar, novos vocabulários que permitirão ampliar as opções de redescrição. Mas não só. Essa perspectiva permitirá o trânsito por espaços e caminhos impensados. É com esse registro que se retoma a seqüência para a introdução do terceiro episódio.

3.3. Terceiro episódio

Direção Cher. Roteiro Nancy Savoca. Elenco Cher (Beth Thompson, Anne Heche (Christine Cullen) e Jada Pinkett (Patti)

Sobre a tela escura surge uma cruz branca que vai se abrindo e dá lugar a uma nova imagem. Uma mulher com um uniforme na cor azul-marinho empurra uma espécie de carrinho em direção a casa. Ela aproxima-se mais e passa na frente da casa, algumas crianças brincam. Também na frente da residência estão mais algumas pessoas e bicicletas. Alguém caminhando com sua bicicleta se despede:

– Até mais.

Outro fala:

– Alguém pode pedir que abaixe o som do ex-Prince?

A resposta é imediata:

– Vá se foder, babaca!

– Cuidado, Jack imita Arnold.

unesp

Uma pessoa entra na casa e bate a porta. Ouve-se:

– Você é débil, Jack.

– Até mais, cara!

Um jovem surge em frente da casa, caminhando sobre patins. Aparece um homem com uma caneca, sai de dentro da casa grande e caminha por um jardim onde algumas pessoas estão sentadas em mesas espalhadas pelo mesmo. Uma pessoa se aproxima de outra que está arrumando umas caixas amarelas e lhe interpela:

– Angie? Aqui está.

Ela diz:

– Deus te abençõe!

Há um retorno para a casa da cena inicial. A mulher uniformizada e com o carrinho começa a caminhar novamente. Vai passando. Uma voz adverte:

– Meninos, não brinquem entre roupas! Brinquem na calçada.

Nesse lugar aparecem muitas roupas penduradas em cabides e uma mulher organizando-as. Algumas crianças brincam no meio dos suportes nos quais estão colocadas as roupas. Ela fala:

– Seus monstrinhos.

Na rua, vários carros e um jovem de patins, com uma mochila, deslizam. Ele cumprimenta uma moça que está conversando com um senhor que está dentro de um carro.

– Oi, Chris!

Ela não responde.

O homem:

– Chris, você foi embora tão rápido...eu nem pude... Deixou as cópias e... quero dizer que seu trabalho é maravilhoso. Tem muito talento.

A câmara focaliza o rosto bonito e embevecido da mocinha, ela encosta o rosto na janela do carro. Faz um meio sorriso. O homem desvia o olhar, pega algo e diz:

– Quero que fique com isso. Pegue, por favor. Sei que não pode pagar...

– É dinheiro!

Ela o encara e pergunta:

– Está me dando dinheiro?

Desconcertada, movimenta-se inquieta. Ele lhe diz:

– Não sei o que dizer. Eu... o que esperava? O que pensou?

– Que se importasse. Esperava que gostasse de mim.

– Eu gosto. Estou atrasado. Preciso ir.

Ela pergunta:

– O quê?

– Estou atrasado, preciso ir.

Ela:

– Estou te atrasando? Eu não faria isso. Não quero te atrasar...



Depois, enraivecida, bate no carro com o canudo que tem nas mãos dizendo:

– Professor.

Ele a observa em silêncio. Ela dirige-se a casa. Na entrada dois jovens estão sentados. Um nos degraus e outra em uma cadeira. O rapaz fala:

– Hoje é aniversário de Jack.

– Tem festa? Nunca perco uma festa.

Entra na casa. Uma jovem está falando na TV:

– Ela me chama de puta e de... porque não posso chamá-la de...

O som do microfone é desligado. A cena se desloca, aparecendo uma jovem negra que está segurando um liquidificador, ao mesmo tempo em que fala:

– Como pode falar assim com sua mãe?– A jovem Chris chega ao aposento e a outra continua:

– Sei que ela não pode reclamar.

O foco da câmara passeia mostrando que o cômodo está organizado como um espaço que é cozinha, sala e quarto. Chris aproxima-se. Novamente o foco centra-se na TV, em que algumas mulheres estão discutindo. Ouve-se:

– Eu não falaria assim com minha mãe.

Chris pega o copo e a jovem negra que assiste ao programa se empolga com o debate na TV, bate palmas e se manifesta:

– Obrigada! Obrigada! Mostra pra ela– A moça negra continua: – Vadia!

Chris olha para ela, e aí joga a bolsa ruidosamente no chão– Patti: Expulsa! O que ela ainda faz lá?

Logo se dá conta da presença da outra, bate a mão na cabeça dizendo:

– Chris, sua mãe ligou ontem.

Chris se joga no sofá falando:

– Lamento. Quanto tempo ela te segurou ao telefone?

A outra desliga a TV dizendo:

– Apenas desligamos. Sua mãe é tão 'especial'– Senta numa poltrona comentando – Estava me contando...

A câmara passeia pelo ambiente repleto de objetos. Vasos coloridos (verdes e vermelhos). Cadeiras torneadas, várias fotos coladas na porta da geladeira, gravuras na parede, sofá vermelho, poltronas redondas e abajur no formato de um chapéu chinês. Completando a decoração cortinas brancas nas janelas. A luz do ambiente torna-o melancólico na sua cor pastel.

Voltando ao diálogo das duas, Patti continua:

– ...Que, nos anos sessenta, as mulheres pintavam a boca pra cima...para parecer que estavam sorrindo– Ela faz um gesto com as mãos mostrando como era feita a pintura. Depois diz:

– Que piração!

Ao falar isso levanta a mão direita num gesto significativo e emite um som:

unesp

– Ihue, ihue. Também queria saber se vai à festa do seu irmão.

Abre e fecha uma caixinha. Chris, que está calada, leva as duas mãos à cabeça, de forma impaciente. A outra continua falando:

– Fui à Barnes & Noble hoje. Achei os melhores livros... sobre cuidados no pré-natal, dieta, tudo.

A câmara desloca-se para o rosto de Chris que sorri. A outra interrompe:

– O que há com você?

Chris retira um papel do bolso do seu macacão dizendo:

– Eu estava com John

– É?

Num gesto impotente ela fala:

– Basicamente ele disse: Até mais.

Patti retruca:

– Não queria ser você.

Chris remexe o papel que tem em suas mãos dizendo:

– E me deu dinheiro.

A outra replica:

– Queria saber o que ele acha que vai fazer com isso.

Chris cruza as mãos colocando-as sobre o queixo:

– O que acha que ele espera?

A amiga balança a cabeça negativamente e Chris permanece um momento em silêncio, depois fala:

– Não sei. Talvez esteja certo.

Levanta com o copo de suco que está em uma das mãos, vai até a pia. A amiga também se levanta e questiona:

– O que está dizendo? Você nem é a favor do aborto!

Chris, retira o casaco falando:

– Certo, sou hipócrita e covarde, mas não dá pra segurar essa!

A outra com o rosto irritado, levanta os braços dizendo:

– Me deixa entender. Você resolveu matar seu bebê?

A câmara enfoca o rosto de Chris que passa a mão nos cabelos respondendo:

– Por que acha isso tão importante?

A amiga retruca:

– Isso não é... Você é... Meu Deus! Somos amigas desde... 1988.

– Estamos em 1996, e aí?

– São oito anos e meio.

Chris começa a andar pelo aposento e a amiga diz:

– E continua péssima em matemática.

Chris senta em uma almofada. A outra continua:

– Pode ser, mas te conheço, Chris. Ouça.

Puxa uma cadeira e senta em frente a Chris.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

– Chris, eu te conheço. Sei que, se você... fizer esse aborto, não vai se perdoar.

Chris calada balança negativamente a cabeça. A amiga continua:

– Só peço que, por favor, pense no que vai fazer.

Chris retruca:

– Pensar? Estou de dez semanas. Já são dez semanas! Quanto tempo quer que eu pense? – Fala com ênfase.

A amiga frisa entre dentes:

– Se fizer esse aborto, não vou te dar força.

Novamente o rosto de Chris aparece angustiado. A outra observa, depois se levanta fazendo um gesto quase imperceptível de impotência.

Na tela, uma rua com carros estacionados e outros em movimento. Um homem passeia de bicicleta. Uma pessoa passa na frente da câmara carregada de pacotes. Ouve-se uma reza: "Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós, pecadores...". Aparece um *outdoor* com uma ilustração de uma figura de mulher e a seguinte frase: *Westside Women's Health Services*. A oração continua no fundo: "agora e na hora de nossa morte. Amém. Ave Maria, cheia de graça..."

A câmara vai deslocando do *outdoor* para focalizar uma casa, uma rua, carros estacionados e um grupo de mulheres que estão sentadas rezando.

Descendo a mesma rua um ciclista e um garoto de patins. A imagem congela-se e logo é focalizado o grupo de mulheres que está rezando com terços na mão. Uma delas se levanta. Caminha. Chris aparece descendo da bicicleta. A mulher a aborda:

– Com licença, querida.

Com o terço entre os dedos, ela pergunta em tom simpático:

– Como se chama?

– Christine

Lança-lhe um olhar e a impede de prosseguir, perguntando:

– Não vai fazer esse aborto vai?

Depois vira e chama:

– Doreen, querida, venha cá.

Uma jovem com um bebê nos braços se aproxima.

– Esta é minha filha, Doreen.

Elas se cumprimentam. A senhora idosa fala:

– Christine, pode ouvir o que ela tem a dizer? É jovem como você.

A outra sorrindo lhe diz:

– Oi Christine, só quero que me ouça um minuto. Tenho quatro filhos. Não sou rica. Não sou super mãe, mas sou grata pelos dons que Deus me deu... e meus filhos são esses dons. Se seu namorado não quer se casar, o bebê não pode pagar.

Elas tentam segurar Christine, mas esta se desvencilha e começa a caminhar.

– Espere.

Chris estaciona a bicicleta e a moça continua falando:

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

– Quando tiver seu bebê, quando segurar seu filho ou filha... o amor, o instinto maternal é mais forte. É tão forte que vai surpreendê-la.

Uma mulher vestida de azul aparece em cena:

– O que acontece com as mães que espancam, abandonam ou matam...porque não queriam os bebês?

Chris observa em silêncio o diálogo. A outra continua:

– O instinto maternal delas não é igual ao seu.

As mulheres ficam caladas. A mulher de azul se dirige, então, a Chris:

– Oi, eu sou Frances. Vou te acompanhar à clínica.

A moça que está com o bebê replica:

– Estão tentando te distrair. Podemos ajudá-la a manter o bebê! Financeiramente! Várias mulheres acompanham as duas na tentativa de impedi-la de entrar na clínica.

Frances vira e barra as mulheres dizendo:

– Senhoras, com licença! Vão embora.

Chris que está de costas para esta cena, parece amedrontada. A moça do bebê retruca:

– Você já é uma mãe como eu! Carrego meu bebê nos braços, você carrega dentro de você!

Vão se afastando lentamente. Frances pergunta:

– Tudo bem?

Chris sinaliza que sim. Frances lhe diz:

– Vamos – abrindo a porta, entram.

A moça com o bebê e as outras observam por um instante, depois desistem começando a se retirar.

Dentro da clínica três mulheres vestidas com jalecos brancos. Uma mulher negra fala ao telefone, uma ruiva com um papel na mão e outra loira com um bloco na mão conversam. A ruiva coloca uma caneta no bolso do jaleco dizendo:

– Ela vai voltar.

– Período integral nas sextas?

– Espero que não – Responde a outra.

A ruiva se dirige à mulher negra:

– Liga pro cara do alarme e diz que não está funcionando.

A outra replica:

– Precisamos acertar o horário antes de sair.

Frances entra com Chris na sala dizendo:

– Shameeka, esta é Christine.

– Oi, Christine. Preencha este. O outro explica o procedimento.

Ela entrega uma prancheta com formulários. Abre uma gaveta branca onde se encontram uma prancheta com um folheto branco e outro rosa, estão um sobre o outro. Junto estão uma caneta e um clips. Continua falando:

– Não consigo montar um horário.



– Não quero integral na sexta.

Chris pega o material para o preenchimento do formulário, caminha até um sofá onde se encontram outras mulheres. Ouve-se uma voz:

– Vamos tirar a sua temperatura. Abra a boca. Pronto.

Uma mão coberta por uma luva branca coloca um termômetro na boca de Chris. Em seguida aparece uma sala com uma pia em um canto. Chris está sentada em um banquinho, uma enfermeira toma-lhe a pressão. No mesmo espaço, uma mulher vestida com um avental branco apóia uma outra mulher dizendo:

– Vai ficar bem. Agora descanse.

A cena seguinte é a do aparelho de pressão, duas mãos seguram-no e o mostrador aparece em *close*. Depois o rosto de Chris é focalizado, ela vira o rosto. O braço dela é mostrado e duas mãos com luvas brancas retiram o sangue que vai sendo sugado pela seringa.

Uma voz diz:

– Não sei se está aqui por que quer ou por que alguém a pressionou.

Na esteira dessas imagens e vozes torna-se visível o rosto de uma mulher loira que está usando um jaleco branco.

A câmara vai se abrindo e enfoca Chris que responde:

– Não estão me pressionando. Eu quero...não queria estar aqui. Estou meio confusa.

A outra diz:

– Tudo bem, vamos analisar as opções de novo. Ok!

Chris fala:

– A mulher lá fora falou algo sobre ajudarem com as despesas.

– OK! – Diz a outra. Elas conseguiram dar a algumas mulheres... algumas coisas e acomodação temporária.

– Temporária?– Pergunta. Foi o que imaginei.

A mulher pergunta:

– Tentou falar com os seus pais?

– Não. Eles são... católicos irlandeses radicais. Tenho... cinco irmãos. Sou a boazinha. É o que dizem.

A mulher em tom compreensivo:

– É muita pressão, não é?

– É... muita.

– Bem... e a relação que levou à gravidez? – Questiona.

Chris lhe diz:

– Ele é casado. Tem medo de que a mulher descubra, e é só. Não é justo... não parece justo. Ele continua com sua vida, e eu tomo a decisão. E...eu só. Acho difícil pensar no bebê sendo arrancado de mim. Dizem que ele pode sentir. Sentir a dor... É verdade? Pode?

– Ouça, Christine... sei que é o que dizem, mas médicos confiáveis negaram. Disseram que não há dor num aborto até o 3º mês. Nenhuma.

– É difícil. Argumenta Chris.

– Eu sei. É muito difícil... e é meu trabalho ajudá-la na decisão.

Frances e uma outra colega conversam em frente à clínica.

– Merda! Não acredito que caímos na história da passeata. Estávamos preparadas. Havia 150 pessoas a postos.

Abatida Frances comenta:

– É o que chamam de boatos.

– Devem ter planejado isso. Continua.

– Eu sei. Diz a outra.

Quase no mesmo espaço, um pouco mais distante, o grupo de mulheres está sentado, rezando em frente à clínica. Frances diz:

– Aquela é um bebê. O marido a trouxe, com três crianças.

A senhora idosa se levanta com um livro nas mãos. Frances continua:

– A outra diretora disse que levaram a Dra. Thompson para almoçar.

– É mesmo?

– Essa é boa. O que houve? Questiona a mulher.

– Nada. Ninguém convenceu ninguém. É tão estranho! Cumprimentam todo dia, se despedem.

– Como conseguem coexistir? Pergunta a mulher.

– É estranho.

Uma porta se abre. Frances diz:

– Eu vou.

E se levanta deixando o copo no lugar que estava sentada.

Chris e Frances caminham em direção à saída.

– Não consegui – Diz Chris.

– Tudo bem. Não tenha pressa. Pense bem. Chegam até o grupo de mulheres que está rezando. Chris se aproxima da bicicleta. Francis a ajuda. A senhora idosa se levanta em direção às duas informando:

– Christine. Rezaremos por você.

– Por mim? Eu não fiz. – Responde Chris de forma simpática.

A senhora se alegra e as outras também.

– Ela não fez!

Todas se levantam festejando. A jovem mãe sorrindo com um terço nas mãos e um caderninho lhe diz:

– Ligue pra nós. Podemos te dar roupinha... e um berço. Tome. Graças a Deus!

Chris sai com a bicicleta, pega o papel com o número do telefone da outra.

A Dra. Thompson arruma o cabelo, enquanto caminha para a saída da clínica. Passa por Frances que lhe dirige a palavra.

unesp

– Ainda não é sexta.

– Até manhã. Responde a doutora dirigindo-se agora à senhora idosa que está próxima à saída da clínica.

– E o bebê?

– Está ótima, doutora.

A Drª passa e a senhora lhe diz sorrindo:

– Boa tarde, doutora.

O enquadramento da câmara se dirige a um espaço, uma lâmpada, uma porta e sobre esta uma luz azulada intensa. Ouve-se uma voz:

– No próximo fim de semana? Não sei se a casa estará pronta até julho, mãe.

O foco vai descendo até surgir, através do espelho, a imagem de Chris dentro de uma banheira falando ao telefone. Os objetos ao redor são mostrados num passeio da câmara pelo aposento: a escova de dentes, a toalha, a porta e uma roupa pendurada.

– Ok. Diz Chris e continua: É mesmo? Comprou cinco ventiladores de teto?– Chris continua falando– OK. Que ótimo. Deve ter ficado contente com isso.

A imagem vai se ampliando na tela. Ela aparece nua dentro da banheira, com o fone no ouvido e o rosto banhado de lágrimas. Fala:

– Mãe. Não, atenda à porta. Tudo bem. Eu... ligo pra você depois. Só queria saber se estava bem... e você está. Que bom. Eu também.

Desliga o telefone.

Ela chega à festa vestida de calça comprida e casaco de couro preto. Um rapaz esbarra nela e ela protesta. Passeia pelo local cheio de jovens. Alguém a chama. Ela aproxima. Um rapaz com um copo na mão lhe diz:

– Vi as cópias. Ficaram incríveis!

Ela observa uma moça que está próxima, é sua amiga de quarto que finge não conhecê-la. Dirige sua atenção novamente para o rapaz dizendo:

– Obrigada.

Afasta-se e outro rapaz a aborda:

– Chris, você veio! Legal. E aí?

Abraça-a e os dois seguem caminhando. Ele pergunta:

– Quer ir jogar lá atrás?

Uma visão do salão com muita luz e balões coloridos e muitos jovens dançando é mostrada. Através de uma janela vêem-se os dois que descem as escadas de outro aposento. Chris tropeça e grita.

– Pronto – Diz o rapaz entregando-lhe uma garrafa que ela bebe no gargalo mesmo. Ela parece sentir uma vertigem e é apoiada pelo rapaz e uma moça que está próxima.

O lugar está mal iluminado. Numa superposição de imagens, eles aparecem caindo numa cama. O rapaz indaga:

– Já experimentou essa cama? É cheia de caroços.

Ela se levanta desvencilhando dele. Este lhe diz:

– Sério. Deita só...

– Acha que vai se dar bem? Ela afirma enquanto sai do quarto. Ele também se levanta e diz:

– Espere, quer jogar sinuca? Vamos jogar?

– Ganho de você na sinuca.

Entram na sala onde vários rapazes jogam. Ele põe a mão na boca imitando um microfone:

– Chamando Chris, na mesa de sinuca.

Ela dá um adeus dizendo:

– Boa noite.

– Aonde vai?

Ela vai saindo da sala e ele segue atrás.

– É muito cedo. Volte aqui.

–Você está provocando.

Sobe as escadas que dá acesso à sala principal. Na escada há uma luz vermelha, uma escultura de uma vênus dourada e alguns jovens conversam e bebem. Continua subindo e ele pergunta:

– Tem certeza? Posso ir junto?

Ela responde:

– Sem chance. Fica pra próxima.

– Tem certeza?

Ele continua insistindo. Ela faz um gesto de adeus e diz:

– Não.

O rapaz ao pé da escada balança a cabeça no sentido de não estar entendendo e diz:

– Falou.

Desce novamente as escadas.

A câmara focaliza pernas que descem os degraus, em seguida, Chris cambaleante cai no chão da sala que está às escuras. Balança a cabeça dizendo:

– Estou acabada.

Na penumbra dá para perceber sua amiga sentada com uma almofada no colo. Ela liga o *abajour* e Chris olha na sua direção assustada. Depois devagar diz:

– Oi amiga. Oi amiguinha. Puxa vida! Sabe... esta noite, estava na banheira...

Ela passa a mão pelos cabelos num gesto de impotência.

– Olhei para a minha barriga. Pareço grávida.

A outra que está calada pergunta:

– Do que está falando?

– Pareço grávida quando estou nua. Mas pareço grávida porque tive medo. Tive medo mas...amanhã. Vou voltar amanhã, vou voltar.

– Por que está me dizendo isso? – Indaga a amiga de forma impaciente e num tom alterado. Chris abre a mão na frente do rosto, movimenta os dedos e torna a fechá-la.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

– Me perdoe por estar confusa. Só estou meio confusa. Nem sempre tenho a resposta certa!

A outra replica raivosamente:

– Bobagem! Bobagem! Sabe o que fazer, mas não aceita. Por isso fica tão confusa o tempo todo! Aos gritos Chris revida:

– Está certo! Está certo, amiga! Estou confusa!

Levanta cambaleante, movimenta o corpo para um lado e para o outro, dizendo:

– Confusa por ter trepado com o Professor Aloprado, certo?

Senta no sofá chorando.

– Patti, eu cometi um erro! Cometi um tremendo erro!

A outra fica em silêncio, com a mão no queixo e numa atitude de indiferença. Chris continua:

– Pode me perdoar, amiga, por isso? Minha melhor amiga pode me perdoar por isso?

Chris tem um choro convulsivo. Patti com cara feia observa. Depois levanta-se e caminha até a outra, oferecendo-lhe um lenço:

– Toma.

Chris ainda, chora:

– Não quero seu pano sujo.

– Não está sujo, acabei de pegar.

Patti olha para ela ainda com o lenço nas mãos, depois sentada ao seu lado tenta enxugar-lhe o rosto:

– Seu nariz está sujo.

Limpa-lhe o nariz. Com força, Chris segura lhe o braço. Procura apoio. Patti deixa cair o lenço, toma-a em seus braços. Chris pergunta:

– Pode me ajudar? Pode esquecer sua moral uma vez e me ajudar?

Patti trata-a com carinho. Beija-lhe a cabeça dizendo:

– Tudo bem.

Chris questiona:

– Tudo bem?

– Vou te dar uma força.

Um carro trafega por uma rua quase deserta. A seta ligada indica que vai estacionar junto à calçada. Ouvem-se vozes. Chris e Patti estão no carro. Patti é a motorista. Chris traz no rosto óculos de sol. O foco da câmara mostra uma pequena passeata. As duas ainda estão dentro do carro e Patti pergunta:

– O que está havendo?

Meu Deus!

Patti observa:

– A situação está tensa. Vamos voltar amanhã.

O rosto de Patti é focalizado e Chris observa assustada. Depois retira os óculos respondendo:

– Não posso, não posso. Vamos acabar logo como isso.

Saem do carro.

As vozes têm como cenário a presença de algumas pessoas com cartazes contra o aborto. Junto às manifestantes se encontram alguns homens.

Ouve-se:

– Nosso trabalho é proteger os pacientes, funcionários.

Passam pela câmara, caminhando entre as pessoas, um padre e um policial. As duas se aproximam. A mesma senhora idosa da outra vez, que havia interpelado Christine, agora está vestida com um casaco creme e panfletos na mão, caminha em direção a Chris. Muitos cartazes na cor vermelha e também azul com a seguinte frase: *Stop abortion now*.

– Christine, o que faz aqui, querida?

Algumas mulheres cercam as duas. A senhora repete:

– O que faz aqui? Falamos com você ontem.

No meio da confusão o rosto de Frances é focalizado. As mulheres formam um verdadeiro cerco. A senhora lhe diz:

– Por favor, vamos conversar. Vá embora!

As funcionárias da clínica intervêm:

– Ajudem! Deixem que ela passe!

Duas mulheres com camisetas azuis protegem Chris e Patti. A pressão da multidão é grande e seguem atrás das duas. Dois homens que estão discutindo dizem:

– Ela já sofreu demais.

Elas caminham pelo corredor e chegam à porta da clínica. Alguém pergunta quem é. E de fora respondem:

– Frances, preciso de ajuda aqui!

O homem novamente fala aos gritos:

– Se fizer um aborto, será a mãe de um bebê morto!

A porta se abre. A mulher loira fala para Shameeka:

– Vá ajudá-la.

– Pode deixar.

Uma mulher que está no meio dos manifestantes indaga:

– Esse é um meio cristão de ganhar a vida? Já pensou nisso?

A loira coloca a cabeça para fora e fala com ironia:

– Não pensei. Sou judia.

Depois fecha a porta.

Patti e Chris estão dentro da clínica. A mulher loira fala:

– Elas são dose!

Depois se aproxima e pergunta:

– Você está bem?

Chris responde que sim. Então ela fala:

– Vamos lá para trás.

A cena volta aos manifestantes que estão sentados no chão e com os braços dados, balançam e cantam. Um espantalho surge no meio da multidão com a cara pintada de branco e coberto por uma bata imensa na qual está escrito em letras grandes a palavra: *abortion*.

Um casal jovem tenta entrar na clínica. Eles são ajudados por Frances e Shameeka. Ouve-se:

– Pronto, pronto. Está tudo bem.

Uma mulher grita histérica:

– Vocês vão direto pro inferno.

Entram rápido e Frances fecha a porta.

A voz continua:

– Esta é a casa da morte. Estão matando neste lugar!

Frances olha os manifestantes assustada. Um homem mostra uma caixinha marrom onde está um boneco simbolizando um feto. Fecha a caixinha e diz:

– Em nome de Deus. Não vou...

A câmara focaliza o rosto de Frances que observa.

Dentro da clínica, a garota chora abraçada ao namorado. A moça fala-lhe:

– Não se preocupe. Não vamos deixá-los entrar. Temos a lei do nosso lado. Venha comigo. Você pode deitar lá atrás e relaxar.

A moça pára de chorar e decide acompanhá-la. Depois indecisa a jovem fala:

– Espere, ele pode ir comigo? Não posso ir sem ele.

O grupo dos manifestantes está exaltado. Rapidamente a cena retorna e Shameeka responde:

– Claro que pode. Fique com ela até se sentir melhor.

A moça, abraçada ao rapaz, continua chorando, caminham juntos. Shameeka fala:

– Você está bem? Está tudo bem.

Surge o corredor. Uma mulher vestida de vermelho fala para outra que também está junto a ela:

– Dorothy não conseguiu entrar. Foi para casa.

A outra comenta:

– Ao menos ligou.

Os três chegam ao corredor e as duas entram na sala. O rapaz olha para uma das salas. Shameeka continua falando com a moça que chora sem parar:

– Não vai te acontecer nada. Está com medo? É ridículo.

Uma das mulheres que ficou na porta pergunta quando eles passam:

– Tudo bem?

– Pode deixar.



Do lado de fora da clínica a câmara mostra alguns pés e pernas vestidos de jeans que caminham. Ouve-se: Beth mata bebês! Beth mata bebê!

A cena se amplia mostrando os manifestantes com cartazes, e um sacerdote com uma cruz branca.

Um carro dirigido por uma mulher tenta atravessar e estacionar próximo à clínica. A multidão grita:

– Queime no inferno, assassina!

Mostram e levantam os cartazes. Ela dirige devagar, buzina para afastar os manifestantes. Esta cena é observada por Chris da janela. Os manifestantes cercam o carro. A motorista buzina novamente. O foco se desloca mostrando o rosto da doutora que diz:

– Pessoal! Meu Deus!

Os manifestantes continuam:

– Assassina!

– Afastem-se do carro. Ela grita.

Policiais e seguranças aproximam tentando proteger a saída da médica de dentro do carro. Ela diz:

– A situação está fora do controle.

Os homens tentam agredi-la. Tenta caminhar entre safanões e empurrões. E o policial fala:

– Eles têm direito.

– E os meus direitos? Pergunta a doutora.

Figuras de espantalhos vestidos de negro, pessoas com cartazes tentam agredi-la. Ela continua falando:

– Vão à minha casa. Seguem meus filhos. Droga!

Frances chega e é empurrada. Chris observa tudo da janela. A moça loira aproxima. Põe a mão no ombro dela dizendo:

– É a dra. Thompson.

A cena se amplia. A mulher aproxima-se de uma cama. O lugar é um quarto decorado com alguns cartazes na parede. A mulher continua:

– É durona. Trabalha em outra clínica. Sempre há piquetes. Ela coloca uma toalha pequena sobre a cama.

Em outro espaço um colete à prova de bala está sendo retirado. O foco amplia-se e a doutora Thompson termina de retirá-lo. Joga-o e depois senta abatida. Leva as duas mãos entrelaçadas a altura da boca. Retira e coloca a mão esquerda sobre o rosto.

A cena retorna para os manifestantes que estão inquietos. Um cartaz azul com letras brancas escrito *Keep abortion legal* circula entre a multidão, assim como um policial a cavalo. O clima está tenso. Novamente aparece a doutora que chora e cobre o rosto com as mãos. Em seguida mostram umas cenas da manifestação na TV. Alguém diz:

– Ótimo, agora é o noticiário das 18h.. Que todos liguem para casa e digam que estão bem.

A câmara se desloca da TV mostrando Shameeka e uma loira que está vestida com casaco preto:

– Minha mãe vai ter um enfarto se vir isso. A outra fala:

– Vai piorar agora que as câmaras chegaram.

A ajudante da drª bate em uma porta.

– Drª Thompson.

Do outro lado, a drª enxuga com um pano branco as lágrimas. A moça loira pergunta:

– Você está bem?

– Sim, já vou sair.

A doutora arruma os cabelos. Sobre esta imagem, e de forma sobreposta, aparece a máscara de uma caveira. É um espantalho com uma bata preta na qual está escrita a seguinte palavra: *ABORTION*. A cena se amplia mostrando a multidão que se agita. Alguém diz:

– Vão me acompanhar nessa luta?

A imagem da televisão mostra os manifestantes que gritam e movimentam os cartazes e faixas. A voz continua:

– Nossa causa é justa. Nossa consciência está limpa.

Shameeka assiste ao noticiário e escandalizada fala:

– Essa gente é louca!

Patti entra em cena dizendo:

– Não são loucos. Eles podem ser radicais, mas o conceito é certo.

Ainda falando, aponta para TV.

Shameeka vira a cadeira em direção a Patti e questiona:

– Como é? Então o que está fazendo aqui?

A cena retorna aos manifestantes. Um homem de terno segura pelo braço uma jovem e pronuncia:

– Ouçam a mensagem urgente que esta jovem traz.

Ela mostra-se um pouco assustada quando fala:

– Estou representando as jovens deste país. Deus nos perdoe por representar papéis que não são nossos. Que a praga da independência desapareça dos corações femininos.

No quarto da clínica estão a moça loira e Chris. A dra entra dizendo:

– A respiração pode ajudar. Christine, sou a Dra. Thompson. Farei a cirurgia hoje. Toma.

Entrega uma pasta amarela para sua assistente. Bete Thompson já vestida com o avental azul, fala:

– Vamos sentir o seu coração.

Coloca o estetoscópio no ouvido, pega a ponta circular dizendo:

– Vou aquecer isto.

Depois coloca-o no peito de Chris. Observa durante alguns segundos.

– Está batendo. Muda-o de posição. OK!

unesp

E o recoloca nas costas, logo ordena:

– Respire fundo. Muda-o de posição novamente ordenando:

– De novo. Escuta e em seguida retira o aparelho:

– Ótimo. Deite-se.

Chris ao deitar-se, fala:

– É quando fico nervosa.

Tudo bem, é tão normal! – Diz a doutora arrumando a cama – É perfeitamente normal. Ela comenta.

– E é melhor que seja você.

A loira se aproxima, coloca a mão sobre a de Chris que ri nervosa. A loira fala:

– Ela é engraçada.

A paciente indaga:

– Posso... fazer uma pergunta?

A loira consente. Chris levanta um pouquinho a cabeça:

– Com tudo o que tem de lidar, por que ainda faz isso?

A câmara mostra em close a doutora colocando uns óculos grandes e transparentes. Ela replica:

– Lembro-me de quando era ilegal tomar essa decisão. Não quero rever aqueles dias. As mulheres me diziam que não sabiam o que fariam sem mim. Estou fazendo o que é certo.

A cena mostra a drª aos pés da cama, colocando as luvas. Ela ainda diz:

– Escorregue.

O foco está sobre o rosto de Chris que escorrega com o olhar perdido. A doutora continua:

– Dizem que todas são iguais quando estão nessa mesa.

Chris acha graça e sorri. A doutora de onde está lhe diz:

– Vou explicar tudo para não haver surpresas.

A loira carrega o suporte com o soro e o coloca próximo à cama. Com a câmara fixa no rosto de Chris, a voz da doutora prossegue:

– Vou introduzir o espéculo. É meio frio, vou tentar aquecer.

Shameeka fala para Patti:

Acha que uma menina de 12 anos devia ter o bebê?

O foco da câmara centra – se em Patti que fala:

– Podia dá-lo para adoção.

A outra diz:

– Claro, amiga. Sabe, você está vivendo num mundo de fantasias. Afinal a demanda por bebês negros é tão grande!

Patti fica em silêncio e não contesta.

Na sala de cirurgia projeta-se o rosto de Chris ainda deitada, a assistente está ao seu lado. E a voz da doutora continua:

– Vou mergulhar o algodão no desinfetantee limpar a área– Fala a drª.

A loira pega a mão de Chris e diz:

– Tudo bem.

O foco agora centra-se nos manifestantes. Um homem fala:

– Quem controlará as mentes... dos nossos filhos no próximo século?

Eles se agitam, levantando suas cruzes e cartazes. Ele:

– Essa é a nossa luta, pessoal!-A câmara focaliza seu rosto irritado – e não podemos deixar que exercícios da morte triunfem! Temos de ganhar esta guerra!

A cena retorna focalizando a drª que testa uma seringa com medicamento. Depois ela se dirige a Chris:

– Muito bem... vai sentir uma picada.

O rosto de Chris é destacado, junto está a assistente. Novamente a drª e logo em seguida mostra-se o rosto tranqüilo e sorridente da assistente. Há um deslocamento para o rosto de Chris que fecha os olhos.

Shameeka e Patti continuam discutindo. Ela:

– Vejo isso o tempo todo. Vocês vêm fazem aborto... e voltam para lá.

– Shameeka! – Uma pessoa da clínica lhe diz: – essa conversa é totalmente inadequada. Ao dizer isso tromba com um rapaz e este diz:

– Desculpe, não quis assustar. Onde é o banheiro?

A moça responde:

– Ao fim do corredor.

Claro. Desculpe.

Tudo bem.

Sobressai neste momento um pano azul e sobre ele vários instrumentos cirúrgicos. A mão enluvada da drª, coloca um e retira outro. A câmara passeia, mostrando o rosto de Chris e depois a assistente que toma a sua mão. O foco se amplia e ela conforta a paciente tocando de leve o seu ombro.

Na próxima cena os manifestantes estão mais alterados, um homem se agita e o policial tenta contê-lo, enquanto outro diz:

– Se prendesse os veados e sapatões, acaba tudo!

Em seguida outro tenta revidar dizendo:

– Foda-se, babaca! – Enquanto isso, na sala de cirurgia, o foco está sobre Chris e a assistente. Esta pergunta em tom simpático.

– O que você estuda?

– Arquitetura.

– Mesmo? Meu tio é arquiteto. Ajudou a reformar meu chalé. Pôs uma clarabóia no quarto.

Enquanto fala, a câmara mostra as pernas de Chris e a drª retira um instrumento.

Os manifestantes estão sentados e a polícia começa a retirá-los. Ouve-se:

– Vamos. Uma policial arrasta um jovem. Dois outros carregam uma jovem que protesta:

– Não tem esse direito.

A sala de cirurgia volta a ser o foco de atenção. A drª continua seu trabalho e diz:

– Respire fundo agora.

A paciente e a assistente são enfocadas. Chris respira. A outra conforta-a:

– Está indo muito bem.

A drª diz algo e balança a cabeça. A assistente, assente e diz:

– Vai ouvir o ruído do aparelho de sucção. Não tenha medo.

Chris olha fixamente para o teto. Mais uma vez a imagem relâmpago dos manifestantes enfurecidos que se degladiam.

A cena retorna para a drª que realiza seu trabalho. Aparecem somente as pernas de Chris erguidas na posição ginecológica cobertas por um lençol branco e uma mão enluvada fazendo sucção. O rosto da paciente é focalizado e ela chora. A drª continua. Os manifestantes voltam à cena. Alguns estão deitados e outros sentados, tentando assim impedir que a polícia os carregue.

De novo há um retorno à sala de cirurgia. Chris respira e espera. O aparelho de sucção é retirado. Ela tenta controlar o choro. Os manifestantes entram em choque com a polícia.

– Parem.

Outra vez Chris aparece com uma expressão assustada. A drª lhe diz:

– Você está indo bem. Estamos acabando.

Retira um algodão ensangüentado. A câmara circula mostrando a drª de costas e logo ela anuncia:

– Acabamos e você se portou como um soldado.

Chris sorri e diz:

– Acabou.

Todas riem.

A porta se abre violentamente e surge um rapaz branco com uma arma em punho. A assistente olha-o e Chris vira a cabeça assustada. Ele aponta e dispara a arma dizendo:

– ASSASSINA!

Os tiros acertam o peito da drª que rodopia, cambaleante se choca contra o armário. O rapaz grita, mas continua disparando com fúria.

Chris se movimenta na cama tentando se esconder. A assistente coloca as mãos na cabeça desnorteada. A paciente consegue com esforço se erguer um pouco na cama e vê a drª com o corpo ensangüentado cair ao solo. Grita e remexe na cama. Alguém diz:

– Meu Deus!

O rapaz, ao terminar sua *façanha*, passa a mão pelo rosto e limpa os resíduos. Simultaneamente a doutora cai, em câmara lenta. Ouve-se o barulho dos óculos saindo do seu rosto e caindo à frente, todo enxovalhado de sangue.

A assistente grita. O rapaz leva a mão à cabeça e totalmente fora de si aponta a arma perguntando:

– Atirei em você?

Assustada Chris encolhe-se sem responder. Ele continua:

– Não queria atirar em você.

A moça loira, ainda em estado de choque, chora e grita. Arrasta-se tentando se esconder. Ele aproxima-se da cama com a arma em punho e diz:

– DESCULPE.

Depois coloca a arma no chão. Em seguida levanta um pouquinho o lençol, olha e diz:

– Merda, não queria te machucar. Você está bem? Desculpe.

A outra está atemorizada e encolhida no canto. Ele tenta ver por baixo do lençol, ela esperneia em sinal de protesto. Ele leva as mão à cabeça.

O foco da câmara centra-se na assistente; chocada e trêmula, tenta se levantar agarrada aos móveis, caminha devagar e de lado até chegar ao alarme, dispara-o e depois descontroladamente vai chegando à porta e diz:

– Ela levou um tiro!

Sai da sala gritando e arrastando um fio. Chris tenta se levantar, o lençol está todo ensangüentado. Ela se esforça para sentar e descer da cama. Com grande dificuldade vai se agachando e arrastando até chegar perto da dr[a]. Mergulha a mão no sangue da outra. Depois se aproxima e, com dificuldade, vira a cabeça da médica que está banhada em sangue.

A câmara centraliza essa imagem de muito sangue. A médica dá um leve sinal de vida. Chris apóia a cabeça dela no colo. Segura o corpo dizendo:

– Meu Deus!

Num gesto de carinho e acolhimento toma a mão da doutora e a aconchega nos braços. Em seguida grita:

– Alguém me ajuda! Meu Deus!

A câmara continua focalizando as duas no meio do banho de sangue. Chris grita:

– Socorro!

Ouve-se uma música suave. Ela ainda levanta o braço. O foco vai se fechando até ficar totalmente escuro. Logo aparecem os créditos dos três episódios.



3.3.1. O aborto legal como conquista e como transgressão.

> *O que é uma mulher? Eu lhes asseguro, eu não sei. Não acredito que vocês saibam. Não acredito que alguém possa saber até que ela tenha se expressado em todas as artes e profissões abertas à habilidade humana (Woolf, 1997, p.46).*

Ao iniciar este tópico, é importante frisar que o argumento foi desenvolvido à luz do filme, ou seja, do ano de 1996. A história do feminismo, o aborto e o conjunto de considerações teóricas que entram na discussão estão colocados de acordo com a periodização de *If These Walls Could Talk*. No entanto, essa periodização é um instrumento meramente didático, porque os períodos do feminismo e da organização feminista não são estanques, eles estão interligados e têm implicações metodológicas que perpassam as fases do feminismo: *sufragismo, segunda onda, a atual* e, possivelmente, até outras não citadas aqui. Através dessa linha do tempo dada pelo filme pontuou-se a história do movimento feminista, de organizações, lutas e a constituição do mesmo como campo teórico e como exercício pedagógico.

Ao chegar na terceira história, pensou-se nos episódios anteriores, nos aspectos da autonomia/heteronomia, da transgressão, do amor como relação de vida e como relação pedagógica, da identidade de grupo e do aspecto simbólico bem como na preocupação acerca do que fazer. Como continuar, já que a última parte do filme apresenta um novo contexto, abarcando a década de 1990, e outros problemas envolvendo a questão do aborto?

O questionamento que perpassa é em especial, o seguinte: Que percurso deve-se empreender para contar essa história que traz alguns elementos desafiadores? Como alinhavar o roteiro com o feminismo, a educação e o

unesp

pragmatismo? A solução veio de uma passagem de Ghiraldelli Jr. (1999, p.49) na qual ele cita um exemplo de Rorty em que esse autor argumenta: 'Todas as descrições que nós temos das ações são descrições adequadas aos nossos propósitos'. Essa era a motivação que faltava para redescrever este episódio nas suas múltiplas conexões.

Retomando os principais eixos (autonomia/heteronomia, transgressão, amor-educação, identidade e o simbólico), que foram abordados nos episódios anteriores, poder-se-ia dizer que esses serão usados de forma similar para continuar a redescrição do filme.

No terceiro episódio, escolher e optar pelo aborto legal pode levar à possibilidade de enterrar a liberdade, mas não mata a liberdade e a esperança.

Na ilação com a história, os personagens, suas crenças e desejos, toma-se a liberdade de fazer uma leitura considerada possível a partir da autonomia/heteronomia, amor-educação, identidade e o simbólico e da transgressão que também se manifestaram nos argumentos apresentados nas histórias anteriores. Se na primeira parte as situações indicam uma ambigüidade da personagem principal no exercício da autonomia/heteronomia que se relaciona com a escolha do aborto ilegal, sua opção configurou uma transgressão seguida de uma tragédia.

Na segunda história, a trajetória é feita no sentido de entender a situação da protagonista, a partir do aborto legal como conquista e do dilema que ela vivencia no conflito familiar e em seu projeto pessoal de vida. O exercício da autonomia/heteronomia e a transgressão manifestaram-se nas possíveis leituras do significado do aborto e do não-aborto.

A grande diferença entre o primeiro episódio e o segundo dá-se de acordo com a iniciativa tomada no sentido de exercer o binômio autonomia/heteronomia, que passa pela decisão pessoal de cada uma das protagonistas, quando optam pelo

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

aborto e pelo não-aborto, na surdina do espaço privado. Com relação ao terceiro, a iniciativa passa pela decisão pessoal, porém, é vivenciada na zona de conflito público entre a jovem universitária, a médica, o pessoal da clínica que exerce seus direitos como uma conquista e os grupos do movimento Pró-vida que combatem o aborto legal, não aceitando a lei.

Voltando a essa parte que ocorre em 1996 e conta a história da estudante universitária Christine Cullen, que tem um relacionamento com seu professor e fica grávida, observa-se que o conflito se dá entre as normas e os costumes da família católica irlandesa radical e a possibilidade de fazer um aborto legal, embora não seja favorável a este. Ao ser abandonada e receber grana para praticar o abortamento, ela vivencia a sua difícil escolha. Discute com sua única amiga que é contra e não a apóia na tomada de decisão.

A jovem universitária vai até à clínica e lá encontra a oposição do movimento Pró-vida acampado nas imediações da clínica. As mulheres desse grupo tentam interferir na decisão de Christine, oferecendo-lhe ajuda. Ela entra nas dependências da clínica, preenche formulários, faz exames de rotina e conversa com a assistente sobre o aborto. E no final desiste e vai embora.

Essas primeiras cenas indicam que o binômio autonomia/heteronomia se expressa também nesse último caso, de forma ambígua. A ambigüidade de Chris é desvelada no momento que ela é levada pelas circunstâncias de uma gravidez não desejada e o confronto com a prática do aborto, com qual ela não está de acordo, em função de seus valores familiares. São também levadas em conta: a pressão da amiga, do movimento Pró-vida e a solidão de tomar uma decisão que vai contra os valores acima mencionados e os seus próprios valores pessoais. Essa situação é colocada em um diálogo de Chris com a assistente:



Uma voz diz:

– Não sei se está aqui por que quer ou por que alguém a pressionou.

– Não estão me pressionando. Eu quero... não queria estar aqui. Estou meio confusa. A outra diz:

– Tudo bem, vamos analisar as opções de novo. Ok!

Chris fala:

– A mulher lá fora falou algo sobre ajudarem com as despesas.

– OK! – Diz a outra. Elas conseguiram dar a algumas mulheres... algumas coisas e acomodação temporária.

– Temporária? Foi o que imaginei.

A mulher pergunta:

– Tentou falar com os seus pais?

– Não. Eles são... católicos irlandeses radicais. Tenho... cinco irmãos. Sou a boazinha. É o que dizem.

A mulher em tom compreensivo:

– É muita pressão, não é?

– É...muita.

– Bem... e a relação que levou à gravidez?

Chris lhe diz:

– Ele é casado. Tem medo de que a mulher descubra, e é só. Não é justo...não parece justo. Ele continua com sua vida, e eu tomo a decisão. E... eu só.

Essa passagem é especial porque retrata, de forma clara, as situações em que a autonomia como capacidade de autodeterminação para pensar, querer, sentir, e agir é evidenciada na postura da assistente da clínica que examina com Chris, mais de uma vez, todas as circunstâncias para se optar ou não pelo aborto. Isso é feito de uma maneira extremamente educativa. Ela informa sobre o aborto, repassando as possibilidades que Chris pode levar em conta. Faz perguntas no sentido de esclarecer e ajudar na tomada de decisão. Em nenhum momento interfere pressionando a paciente. Demonstra respeito pela atitude confusa de Chris que não se sente segura e desiste. Quanto à heteronomia, ela é revelada nas palavras da própria Chris que informa à assistente que não contou aos pais, porque isso macularia a imagem que eles têm dela:

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

– Tentou falar com os seus pais?

– Não. Eles são... católicos irlandeses radicais. Tenho... cinco irmãos. Sou a boazinha. É o que dizem.

Prosseguindo no exame da coexistência dos aspectos da autonomia/heteronomia, nesse episódio é possível ainda fazer uma re-leitura de situações em que aparecem, nessa última história. Um exemplo que se pode destacar é expresso no enfrentamento entre as mulheres que trabalham, referendadas na lei, defendem, ao praticarem o aborto na clínica, e o movimento Pró-vida que é contra e tem respaldadas suas ações numa ala conservadora da igreja.

Outro momento em que o binômio se faz presente é o que se relaciona com o encontro de Shameeka e Patti.

Shameeka assiste ao noticiário e escandalizada retruca:

– Essa gente é louca!

Patti entra em cena dizendo:

– Não são loucos. Eles podem ser radicais, mas o conceito é certo.

Ainda falando, aponta para TV.

Shameeka vira a cadeira em direção a Patti e questiona:

– Como é? Então o que está fazendo aqui? Acha que uma menina de 12 anos devia ter o bebê?

O foco da câmara centra – se em Patti que fala:

– Podia dá-lo para adoção.

A outra diz:

– Claro, amiga. Sabe, você está vivendo num mundo de fantasias. Afinal a demanda por bebês negros é tão grande!

Patti fica em silêncio e não contesta.

O fundamental dessa passagem é que a roteirista privilegia o exercício de autonomia e heteronomia, a partir da questão racial. Essa é uma zona de conflito para o movimento feminista, bem como para o movimento das mulheres negras que reivindicam sua inclusão no movimento, acusado de ser branco e ocidental.

unesp

É necessário enfatizar que a autonomia e a transgressão se consumam quando Chris decide voltar e fazer o aborto, acompanhada da amiga negra, e na postura da médica que vivenciou a prática do aborto ilegal e agora, que este é permitido, continua a realizá-lo, apesar dos piquetes, das manifestações e perseguições a sua família. Tudo é feito porque ela considera que é certo e é um direito conquistado.

Evocar o mito de Antígona para compreender essas situações desafiadoras de autonomia/heteronomia e transgressão, como leituras possíveis, é uma opção para exercitar a redescrição nos moldes argumentados por Ghiraldelli:

> A redescrição é uma tarefa da imaginação. É com imaginação que redescrevemos a nós, aos outros e ao mundo de modo a podermos nos ver incluídos, junto com indivíduos com quem até então pensávamos não ter qualquer coisa em comum, em um número crescente de grupos significativos para nós podendo então, exatamente por esta razão, estender a tais indivíduos sentimentos reservados para aqueles que consideramos 'um de nós' (1999, p.62).

Recriar os nexos entre Antígona, Chris e dr[a] Thompson é a realização de uma tarefa da imaginação, no sentido proposto por Ghiraldelli Jr. Antígona, com seu delito fraterno, reflete no espelho do mito a desobediência transformada em transgressão que implicará em tragédia. Inversamente, Chris e Thompson não ferem a lei. O aborto legal é uma conquista. Elas, no exercício da sua autonomia, são coagidas a não fazerem o aborto. Entretanto transgridem normas e valores culturais que são punidos com a morte.

Em consonância com essas argumentações, buscou-se a ilação com os principais eixos abordados até o momento. Falta, todavia, explorar a relação com o feminismo no que se refere ao episódio em questão. Este também não fala em nome do movimento feminista, porém a ligação sutil é feita em passagens, como:

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

A cena retorna aos manifestantes. Um homem de terno segura pelo braço uma jovem e pronuncia:

– Ouçam a mensagem urgente que esta jovem traz.

Ela mostra-se um pouco assustada quando fala:

– Estou representando as jovens deste país. Deus nos perdoe por representar papéis que não são nossos. Que a praga da independência desapareça dos corações femininos.

Os resultados das conquistas de ampliação de direitos feministas são vistos como praga que deve ser eliminada. Esse embate entre o feminismo materializado nas ações da clínica e da médica dão o indicativo de um recuo do movimento em âmbito massivo revelando um feminismo que está sendo forjado com outros parâmetros e que se configura a partir de suas atuações diversificadas, tais como: organizações não governamentais, atuações no parlamento e nas universidades, em contraste com os movimentos Pró-vida que surgem manifestando o seu crescimento e recrudescimento nas ações anti-aborto e anti-feminismo.

Outro aspecto a ser salientado é a presença da mulher negra no primeiro e terceiro episódios, legitimando outra face da expressão plural dos *feminimos*, no conjunto das organizações feministas, no que se refere à ampliação de mais direitos. Em decorrência, as mulheres negras imprimem um novo significado para o movimento de mulheres como um todo, no sentido de que este interroga e aponta as contradições do movimento feminista branco ocidental, na construção dos "sujeitos mulheres", e tendo como resultado a desconstrução desse legado. Essa experiência tão cara ao movimento refletirá, portanto, o andamento do feminismo nas décadas posteriores. É, pois, no bojo dessa trajetória de redescrição do terceiro episódio que se retoma, como uma tarefa da imaginação, outra possibilidade de nexo para conectar todos pontos com a educação. Ao retomar a seqüência elaborada até agora, no que tange às questões do aborto e feminismo, é possível reafirmar que

unesp

as conquistas obtidas pelo movimento não foram suficientes para garantir a sua implementação e realização segura e muito menos a sua ampliação diante dessa realidade. Qual é, então, o desafio da educação frente as essas situações diversificadas sobre o aborto e sua vinculação com o feminismo?

Uma saída possível seria investir na noção de sujeito encontrada na reflexão de Ghiraldelli (1999, p.25) que o aponta como:

> Uma rede de crenças e desejos os quais postulamos como causas internas de sua conduta, é certamente uma subjetividade homogênea. Suas crenças e desejos – todos –, diferindo-se uns dos outros, assim o fazem por graus e não por espécie. Nenhum sujeito individual, portanto, detém crenças e desejos especialíssimos, capazes de formar as outras crenças e desejos sem ser por estes formado ou mesmo tocado. O lugar dessas crenças especialíssimas, o eu nobre platônico ou o *focus* central pós-kantiano, desaparece. A educação ganha uma força incrível: ela é, então, um processo *sem limites* – o processo pelo qual nós podemos, infinitamente, nos redescrever e, assim, nos construir e reconstruir indefinidamente (1997, p.25).

Nestes termos, o autor alerta:

> Cai por terra a nossa tarefa de recordar os bons tempos que estivemos juntos às Idéias (como no caso da educação platônica), nem temos por que fazer emergir, por auto-reflexão crítica ou qualquer coisa semelhante, o nosso íntimo bondoso e correto que estava abalado por mecanismos sociais ou psicossociais (na pedagogia que vai de Rousseau a Adorno, especialmente). A educação deixa de ser um processo de eficácia duvidosa e que, por isso mesmo, sempre vinha com o chapéu na mão pedir à filosofia "fundamentos" (metafísicos, e epistemológicos etc.) A educação pode assumir, então, o sentido que Dewey lhe conferiu: o processo de crescimento contínuo. Desaparece a noção de subjetividade que deu lugar à idéia de *natureza humana*. Desaparece o Homem, o que Foucault anunciou. E também, como Foucault disse, se não há o Homem, então a filosofia crítica pode ser tomada não como tendo a tarefa de circunscrever os limites do conhecimento do objeto, mas pode ser tomada como a busca das condições para transformarmos o sujeito, para transformarmos a nós próprios (1997, p.25).



Um exemplo condizente com esse sujeito rortiano pode ser situado na redescrição dessas três histórias do aborto e a educação. Essa possibilidade é confirmada novamente através de uma passagem especialíssima de Ghiraldelli Jr. (1999, p.65) que destaca e comenta uma importante proposição de Rorty:

> Teria soado louco, diz ele, 'Descrever a relação homossexual como uma tocante expressão de devoção, mas tal descrição está agora, em certos meios, adquirindo popularidade'(pode-se pensar, entre tantas imagens, as do filme de Jonathan Demme, *Philadelphia* – 1993).O que ocorre é que algo que tradicionalmente é considerado como objeto de certeira abominação moral pode vir a ser objeto de aprovação geral, e isto por obra de uma maior popularidade alcançada por uma descrição alternativa. Essa popularidade amplia o espaço lógico de possibilidades, pois faz descrições de situações que, usadas para parecer loucas, terminam por parecer sãs. O abuso da linguagem, o que inicialmente se apresenta como absurdo, pode ganhar popularidade, ganhar então sentido e candidatar-se a valor de verdade, ampliando assim o espaço lógico de possibilidades– no caso do exemplo, ampliando o espaço lógico de possibilidades dos homossexuais terem os sentimentos dos outros para com eles e deles para com eles mesmos completamente alterados, além de poder contribuir para a criação de direitos até então impensados, como, por exemplo, a possibilidade de vermos o casamento legal entre pessoas do mesmo sexo como algo completamente plausível e justo (cf.Rorty, 1995d; Ghiraldelli Jr., 1997, p.29)[18].

Essa proposição de Rorty exemplifica o que já foi mencionado sobre a não-identidade. Contudo, antes de fazer a articulação desse último ponto, é sumamente importante resgatar o fio condutor que vem atravessando as análises das três histórias nas quais o aborto está girando em torno do amor e do desamor.

Nesse sentido, a terceira lente amplia um pouco mais o campo de visão em torno desse assunto tão complexo que envolve muitos desafios. Se no primeiro episódio a tônica centrou-se mais no aspecto da educação, como processo

---

[18] GHIRALDELLI Jr., Paulo. RICHARD RORTY. A Filosofia do novo mundo em busca de mundos novos. Petrópolis: ed. Vozes, 1999.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

educativo não escolar restringido ao que acontecia dentro do muro familiar, o segundo episódio permitiu avançar um pouco com as situações que contemplavam tanto a educação escolarizada como a não-escolar vivenciada dentro da estrutura familiar.

A terceira história, a terceira casa aqui apresentada enfoca o relacionamento direto entre professor e aluna, expondo um contraste. O ato de amor e o ato pedagógico revelados como uma pseudo-relação de vida que acontece entre um professor mais velho, casado, e uma jovem universitária. O relacionamento dos dois é uma pseudo-relação porque não se concretizou o que Rorty chama de relação erótica entre professor-estudante, não houve uma capacidade geral de se dispor para o outro, na troca de olhares e 'cortejamento' entre educador e educando. Houve sim uma relação sexual e uma gravidez indesejada sem compromisso. Porém, o episódio não focaliza só essa desconcertante relação de desamor entre educador-educando. Nas relações intermediárias concomitantes, pode-se identificar o amor como relação de vida e como relação pedagógica em cenas contundentes. A primeira delas situa-se nos diálogos entre a jovem negra que se coloca frontalmente contra o aborto e a protagonista que também não tem uma posição favorável ao aborto, mas contraditoriamente precisa realizá-lo para poupar e não provocar nenhum desgosto a seus familiares.

A segunda cena revela o deslocamento da prática do aborto que sai do âmbito da casa, tanto no primeiro como segundo episódios e vai para a rua, para o espaço público. Essa situação aparece no encontro e diálogo do pessoal da clínica com os manifestantes e com Chris. A terceira diz respeito à discussão de Chris com a assistente que explica e dá informações sobre as possibilidades de fazer ou não o aborto.

unesp

A quarta cena é importante porque permite um duplo movimento: a briga e a reconciliação entre as duas amigas. A cena é poderosa porque, ao mesmo tempo que exibe a briga que envolve discordância de pensamento e atitudes em relação à prática do abortamento, expõe também a possibilidade do exercício de respeito amoroso às diferenças que implica na aceitação do outro como ele é.

Na próxima cena, o destaque é para a postura da médica que contrasta radicalmente com a do médico da primeira história. A dra. Thompson tem uma postura educativa humanizada e exemplar. O ato de amor e o ato pedagógico se confundem quando ela explica para Chris o que vai acontecer, quando se preocupa em aquecer os instrumentos que vão ser utilizados. Como desdobramento dessas atitudes, registra-se também a postura da assistente que acompanha dando carinho e conforto à paciente. Por fim, o diálogo de Shameeka e Patti marca as diferenças de raça, alertando para uma questão importantíssima que já foi ventilada: a face plural dos *feminismos* no conjunto das reflexões sobre o movimento. As mulheres negras exigem sua inclusão e dessa forma arrebentam com a identidade de um feminismo único branco ocidental. Esse é um exemplo que se aproxima da sugestão de Rorty que aconselha o feminismo a não constituir-se enquanto identidade de grupo. Para o autor o investimento a ser feito diz respeito a discussão e ampliação de direitos.

Com base na reflexão já apontada pelo Rorty e discutida nos episódios anteriores, o que ele propõe pode ser traduzido da seguinte forma: se eu tenho uma identidade de grupo feminista estou trabalhando, estou investindo de novo em uma perspectiva que leva a uma situação de um encalacramento. O enfoque sobre o feminismo examinou os pontos divergentes mostrando a diversidade do movimento que se via conformado por uma identidade única e universal.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Descobre-se que existem muitos feminismos e muitos sujeitos mulheres. Se se define o que é homem e o que é mulher, reduzem-se as possibilidades de um e de outro quando, com isso definem-se os direitos. E quando houver necessidade de outros direitos não será possível ampliá-los porque já foi definido o que é homem e o que é mulher.

Nesse sentido, quando os grupos se organizam para criar uma identidade, eles estão caindo numa armadilha. Isso porque a identidade criada para qualquer grupo, num primeiro momento, pode servir para ampliar direitos, mas, num segundo pode-se ter direitos não coadunáveis com aquela identidade do grupo constituída. Assim sendo, terá que mudar a identidade do grupo. Provavelmente isso resultará em problemas para a ampliação de direitos. Dessa forma Rorty sugere que é melhor descolar essa discussão, pois a identidade de grupo não tem nada a ver com direitos. A identidade vista sob a ótica rortiana pode levar ao encalacramento da luta por direitos e não necessariamente uma ampliação.

Na tentativa de concluir este capítulo, expõe-se o aspecto simbólico já amplamente examinado ao longo das outras duas histórias. Ressalta-se que a casa e a família mais uma vez são a referência simbólica que costura o último episódio. E o aborto será o elemento principal da discussão coletiva que envolve essa experiência de amor e desamor. A caixinha com um pequeno boneco que surge na mão de um manifestante, simbolizando o feto é exibida para chocar os manifestantes. E na mesma medida, outra imagem simbólica que representa a interferência da igreja nas questões da autonomia do corpo da mulher é representada pela figura do padre e sua cruz branca no meio da manifestação. De forma chocante, a caveira associada à palavra aborto, que alguns manifestantes ostentam reflete a intolerância à prática do abortamento enquanto conquista. Com a



apresentação dessas imagens simbólicas, espera-se que os objetivos propostos tenham cumprido a função de despertar muito mais possibilidades de leituras desse tema do que as aqui indicadas. Com isso não se quer dizer que houve uma exaustão. Assim que, nesse caminho, há muitas possibilidades a serem exploradas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"A única confiança necessária é saber que, quando ocorre um final, vai surgir um novo começo" (Estés, 1996, p.195)

Três lentes para o feminismo é o resultado de um longo percurso traçado para chegar-se a uma meta na qual o ponto de encontro se estabeleceu entre feminismo, pragmatismo e educação. Com essas três lentes, pode-se constatar como esses pontos guardam entre si a possibilidade de novas abordagens que culminem em outras estratégias e reflexões que poderão inovar a produção do conhecimento.

A utilização do filme *If These Walls Could Talk,* como instrumento de análise, é uma opção corajosa e, ao mesmo tempo, audaciosa porque impôs múltiplos desafios. Estes tomaram forma no primeiro contato. Diga-se de passagem que as primeiras cenas dos episódios e seu desenvolvimento podem causar profundo impacto aos desavisados. Após o final da terceira história o choque é inevitável. Então, com a emoção à flor da pele, iniciou-se a primeira etapa de voltar a assistir ao filme, ir descrevendo cena por cena, conferindo e destacando detalhes que passaram a conformar uma nova história: *Três lentes para o feminismo.*

Essa etapa foi repleta de sofrimentos. Foram muitos momentos angustiantes e de doloroso contato com os conflitos e desfechos de cada história. Ao realizar tal exercício, esta autora reconheceu-se na força de um escultor que deseja talhar sua

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

obra, de golpe a golpe. Ele corta, pule, limpa o pó, refaz, dá contornos, tira os excessos para finalmente tornar o sonho imaginado, possível.

Descrever, recontar uma história, buscar argumentos convincentes obedecem à mesma dinâmica. O processo de redescrição que compôs *Três lentes para o feminismo,* ocorreu assim. Pensa-se que elaboração semelhante aconteceu com a análise e reflexão motivados pelo olhar dessas três lentes. Todo processo constituiu uma verdadeira construção, desconstrução e reconstrução de idéias. Continuamente foram desenhadas, apagadas para novamente serem refeitas.

Em consonância com essas afirmações, o sentido mais espetacular encontrado na análise realizada é com relação à redescrição do filme, sob a ótica do aborto dentro de situações familiares à luz de leituras que remontaram à história do feminismo, ao feminismo como campo teórico e para a epistemologia feminista. Neste sentido, contemplou-se a abertura para as conexões com o pragmatismo que, sem sombra de dúvidas, acena com a possibilidade de reconstruir-se e de redefinir-se indefinidamente. O que parecia impossível, foi reforçado pelo percurso realizado. A escolha das três lentes, dos pressupostos de Rorty e de Haack tornaram viáveis o agir, pensar, sentir e querer realizar uma redescrição nesses moldes.

A opção pelo tema configurou mais uma transgressão dentro das formas usuais de se pensar a questão do aborto no contexto de três famílias diferentes, em três momentos históricos significativo do feminismo, nos EUA. Em síntese o primeiro momento localiza-se dentro de um espaço de transição que compreende as primeiras mobilizações organizativas do movimento feminista que culminaram na *Segunda onda* que explode no final da década de 1960. O segundo momento pode ser considerado o àpice do feminismo com relação às conquistas e seu processo de consolidação. No terceiro tem-se uma diversificação, enquanto atuação e novas

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

configurações que desembocam na crítica e crise de paradigma de explicação do conhecimento. Ou seja surge, a categoria de gênero. Amplia-se, desde então, o universo da reflexão proporcionando novas construções teóricas que sinalizam com a possibilidade de existência de uma epistemologia feminista. Essa modalidade provoca críticas. Uma delas refere-se ao pensamento de Haack que proporcionou um olhar diferente sobre as questões e os problemas colocados sobre a possível pretensão de existência de uma epistemologia feminista. Valendo-se de sua crítica, foi possível desmitificar toda uma estrutura de reflexão feminista considerada sólida e enfrentar os desafios de um conhecimento mutável que não está pronto e acabado. Sua crítica chama a atenção para a possibilidade de se pensarem as fragilidades e a consistência da proposta que engloba as teorias feministas.

Por exemplo: para Haack é necessário definir o que é ser feminista na epistemologia feminista. Porque não basta ser mulher para fazer epistemologia feminista. Exposto de outra forma, não é o fato de termos mulheres trabalhando sobre essa denominação que configura a atividade com o selo da disciplina nessa área de conhecimento.

As fragilidades da teoria feminista são apontadas pela autora ao se referir aos dois caminhos que ligam feminismo e epistemologia: *O ponto de vista da mulher: o modo como as mulheres vêem as coisas e servindo aos interesses das mulheres.* Sobre esses caminhos Haack afirma que não há um modo distintamente feminino de 'conhecer'. Com base nessa afirmação, ela justifica sua discordância para com a epistemologia feminista insistindo que há uma variedade de temas incompatíveis propostos como epistemologia feminista e que a expressão "os modos de conhecer das mulheres" é tendencioso. Para exemplificar o que considera tendencioso ela destaca uma grave distorção das reivindicações das epistemólogas

unesp

feministas quando estas *vendo que o privilégio da tese de desvantagem sugere maior privilégio para o mais prejudicado, reivindicam especial privilégio para as lésbicas* (p.127). Como sugestão para resolver as fragilidades apontadas, Haack propõe uma adequação, uma volta ao modelo tradicional de epistemologia.

Por sua vez, as sugestões de Rorty apontam perspectivas para o feminismo assim como também para a educação. O "modelo revolucionário pragmatista" pode contribuir, segundo o autor, para criar um tipo de mulher forte, autônoma, vociferante, uma mulher que não preste atenção a qualquer que seja distinção de gênero construída na linguagem e costumes de sua época.

Essa preocupação de Rorty está relacionada com o seu entendimento da questão da identidade de grupo que pode, num primeiro momento, proporcionar a ampliação de direitos e, posteriormente, levar a um encalacramento e não necessariamente à ampliação de direitos. Isso ocorre porque, quando se cria uma identidade de grupo seja ela qual for, o que se está fazendo é determinando limites e reduzindo possibilidades de acordo com os parâmetros da identidade criada.

Neste sentido, ao definir-se o que é homem e o que é mulher reduzem-se as chances de um e do outro. É, pois, com base nessas definições que se concebem as reivindicações de direitos. Caso haja necessidade de outros direitos, a identidade criada será empecilho para a ampliação de novos direitos, porque já se definiu o que é homem e o que é mulher e, dentro dessa lógica, haverá necessidade de novas definições ou redefinições de identidade para se alcançar objetivos.

O olhar teórico pragmatista de Rorty, para a educação, revela que o processo de ensino-aprendizagem ocorre num ato de amor e num ato pedagógico, o quer dizer que a aprendizagem está contaminada e até submetida a uma espécie de sedução que atrai e amarra educador-educando ou autor e estudante. Isso significa

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

atualizar todos os nossos desejos de vivenciar uma educação que seja exercício de liberdade e esperança jamais sonhadas.

Ao considerar toda a trajetória desenvolvida até aqui, pergunta-se: O que isso tem a ver com o aborto? O desenvolvimento desses temas é o que esta tese traz de novo. Se se pensa nos temas do aborto, do feminismo e da educação, sabe-se que esses não são novos. O que constitui o novo são a abordagem e a ponte realizada para a reflexão. A tese traz de novo a possibilidade de revisitar o mito de Antígona, nesse conflito estabelecido entre autonomia/heteronomia e transgressão. Isso é novo no sentido de que o mito elucida e proporciona releituras do aborto e da educação, sob uma visão diferente das atuais análises. Dessa forma ela não é panfletária, ao contrário, é percebida nas situações em que o amor é uma mola para o ato pedagógico. Nessa perspectiva, a abordagem traz elementos que permitem enxergar o aborto de forma corajosa, dentro do contexto das interdições. E, ao destacar esse contorno, não faz nem a defesa e nem a condenação dessa prática.

Por fim, as três lentes permitem a esta autora, enquanto educadora, pesquisadora e feminista, avaliar não só o conteúdo do filme e o quadro teórico. Elas proporcionam a avaliação da própria vida, das relações mãe e filha, das relações pedagógicas que envolvam qualquer assunto, amigos, alunos e a relação com a militância feminista. É na esteira dessas constatações que se acredita que esta investigação cumpre um papel importantíssimo no campo da reflexão, à medida que suscitará outras perguntas, outras problematizações sobre temas ainda não abordados: violência, medo, campo simbólico, preconceito, maternidade, interferência da igreja na autonomia do corpo da mulher, campanhas de legalização do aborto, influência do cinema na denúncia de questões complexas como as discutidas aqui. Todos esses temas representam instigantes possibilidades de estudo e pesquisa.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 11 12 13 14 15 16 17 18

Para finalizar, considera-se que o outro grande êxito da realização desta investigação é que esta inaugura um novo formato de pesquisa e reflexão: a redescrição como recurso metodológico que permitiu construir esta história-pesquisa exercendo, continuamente a transgressão e a liberdade.

E como diz Clarissa Pinkola Estés: *(...) se precisarem (...) as mulheres desenharão portas onde não houver nenhuma (p.239).* Insistir na transgressão é talvez abrir portas e janelas onde elas não existam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGRAN, Maria Xose; ADAN, Carme. *Feminist epistemology without knowing subject?* Santiago de Compostela-Galícia: http://www.womwn.it/cyberarchive/files/adan.htm, 22/02/2002.

ALAMBERT, Zuleika. *Resistência e luta das mulheres por transformar sua condição de vida: Papel do movimento Feminista*. S/d. mimeo.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. 8ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

ANDERSON, Jeanine. *De los estudios de la mujer al estudio de género: hacia la renovación de la antropología peruana*. S /d. mimeo, p.7-15.

ANDRADE, Ana Lúcia. *O filme dentro do filme. A metalinguagem no cinema*. Belo Horizonte: ed. UFMG, 1999.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BALSLEV, Anindita Niyogi. *Cultural otherness. Correspondence with Richard Rorty*. New Delhi: Indian Institute of Avanced Study Shimla in Collaboration with Munshiram Manoharlal, 1991.

BARTRA, Eli. Reflexiones metodológicas. In: *Debates en torno a una metodologia feminista*. (comp. Eli Bartra). México, D.F.: UAM-Unidad Xochomilco, 1998. P.145.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo. 1. Fatos e mitos*. Rio de janeiro: ed. Nova Fronteira, 1980.

_____. *O segundo sexo. 2. A experiência vivida.* Rio de janeiro: ed. Nova Fronteira, 1980.

BERNARDET, Jean-Claude. *O que é cinema.* Coleção Primeiros Passos. São Paulo: ed. Brasiliense, 1980.

BLACKBURN, *Simon. Dicionário Oxford de Filosofia.* Rio de Janeiro: ed. Jorge Zahar Editora, 1997.

CATÓLICAS PELO DIREITO A DECIDIR. *Uma história não contada.* Montívideo, 1992.

CATÓLICAS POR EL DERECHO A DECIDIR. *Conciencia Latinoamericana.* Montívideo: Editora, v. 10, n. 2, jul/dez, 1998.

CESAR, Ana Cristina. *Inéditos e Dispersos.* São Paulo: Ed. Atica, 1998.

CHAUÍ, Marilena. Participando do debate sobre mulher e violência. In: *Perspectivas Antropológicas da mulher.* Nº4. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.

COLECTIVO DEL LIBRO DE SALUD E LAS MUJERES DE BOSTON. *Nuestros Cuerpos, Nuestras Vidas.* Barcelona: Icaria Totum Revolutum, 1984.

CONNELLY, Mary Goldsmith. Feminismo e investigación social. Nadando en aguas revueltas. In: BARTRA, Eli. *Debates en a una metodología feminista.* México, D. F.: UAM-Unidad Xochimilco, 1998.

COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Orgs.). *Uma questão de gênero.* Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

COSTA, Ana Alice Alcântara: SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Teoria e práxis feministas na academia. Os núcleos de estudos sobre a nas universidades brasileiras. In: *Estudos feministas.* Número Especial/2º SEM. Rio de Janeiro: CIEC/ECO/UFRJ, 1994.

COSTA, Jurandir Freire. A habilidade natural. In: *Caderno Mais!* Folha de São de Paulo, 12 de Outubro de 1997.

_____. O interesse de Richard Rorty. In: *Caderno Mais*!, Folha de São Paulo, 21 de maio de 1995, p.5-15.

COUTINHO, Evaldo. *A imagem autôma*. São Paulo: ed. Perspectiva, 1996.

DUBY, Georges, PERROT, Michelle. *Histórias das mulheres. O século XX*. Porto/São Paulo: edições Afrontamento - Ebradil, 1991.

FERREIRA, Luzilá Gonçalves. *Humana, demasiado humana*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

GHIRALDELLI JR., Paulo. Para ler Richard Rorty e sua filosofia da educação. In: GHIRALDELLI JR., Paulo; PRESTES, Nadja H. (Ed.) *Filosofia, Sociedade e Educação*, Nº 1 Marília: MG Editora, 1997.

_____. *Filosofia Sociedade e Educação*. Nº 2 Marília: MG Editora, 1998.

GHIRALDELLI JR., Paulo *Richard Rorty. A filosofia do novo mundo em busca de mundos novos*. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. Filosofia da educação. {*o que você precisa saber sobre...*} Rio de Janeiro: ed. DP&A, 2000.

_____. Didática e teorias educacionais. {*o que você precisa saber sobre...*} Rio de Janeiro: ed. DP&A, 2000.

GOLDENBERG, Mirian. *Toda mulher é meio Leila Diniz*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

GOMÁRIZ, Enrique. Los estudios de género y sus fuentes epistemologicas: periodización y perspectivas. *Isis Internacional*. Ediciones de las mujeres. N. 17, 1992.

GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL, São Paulo: Ed. Nova cultural, 1998.

HAACK, Susan. *Manifesto of a passionate moderate*. Chigago: The University of Chigago Press, 1998



HARDING, Sandra. *The science question in feminism.* Ithaca and London: Cornell University Press, 1993.

_____. Existe um método feminista? In: BARTRA, Eli. (comp.) *Debates en torno a una metodologia feminista.* México, D.F.: UAM. Xochimilco., 1995

HEILBORN, Maria Luíza. Fazendo gênero? A antropologia da mulher no Brasil. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (orgs). *Uma questão de gênero.* Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

HENRIQUES, *Fernanda. Igualdades e diferenças. Propostas pedagógicas*. Portugal,: Porto Editora LDA, 1994.

http://www.utc.edu/~kswitala/feminism/spanishintro.htm/

KAPLAN, E. Ann. *A mulher e o cinema. Os dois lados da câmera.* Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

KATCHADORIAN, H.A. (Comp.) La terminologia del género y del sexo. En: *La sexualidade humana um estudio comparativo de su evolución.* México: FCE, 1983.

KOFES, Suely. "Categorias analítica e empírica: gênero e mulher: disjunções, conjunções e mediações". In: *Cadernos Pagu* vol. 1. p.19-30. 1993.

KURY, Mário Gama. *Dicionário de mitologia grega e romana.* 6ª.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LAMAS, Marta. La antropologia feminista y la categoria género. En: *Nueva Antropologia,* vol. VIII, n.30 México, 1986.

_____. Gênero: os conflitos e desafios do novo paradigma. In: *Proposta* n. 84/85. Março/Agosto de 2000.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação Uma perspectiva pós-estruturalista.* Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

MEAD, Margaret. *Sexo e temperamento.* São Paulo: Perspectiva, 1988.

MONTECINO, Sonia De la mujer al género: Implicancias académicas y teóricas–. In: *Excerpta*. nº 2, abr. Chile 1996.

MUJER/FEMPRESS ESPECIAL. *Debate del aborto* – Santiago – Chile, s/d.

NICHOLSON, Carol. Pós-modernismo, feminismo e educação: a necessidade de solidariedade. In: *Filosofia, Sociedade e Educação*. Nº 1 Marília: MG Editora, 1997.

NYE, Andrea. *Teorias feministas e as filosofias do homem*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1995.

O PREÇO de uma escolha (filme-vídeo). Direção Nancy Savoca e Cher. São Paulo: Videoteca Folha, Coleção Verão, 1998. 90min. Colo, son., VHS, v. o. inglês, leg. Português.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy. *Elogio da diferença. O feminino emergente*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

OURIEL, Ochy; ESPINOSA, Yuderkys. *Los encuentros feministas de América Latina y el Caribe*. Santo Domingo,1998.

RELATÓRIO SOBRE O DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL –PNUD/IPEA, 1996. Referência obtida através da Internet, (htt://www. Undp.org.br/rd.hb3-1htm).

ROCHA, Maria José Pereira. La problemática de la mujer: Tendencias y divergências analíticas.In: *La sexualidad feminina: su configuración, el género, las esferas públicas y privadas en la Colonia Hornos*. Tese de mestrado. México, DF., 1990.

_____. BICALHO, Elizabete. *Cadernos de Pesquisa*: *Luta e resistência de mulheres em Goiás (1930-1993)* Goiânia: Editora UCG, Nº 18, 1999.

_____. *Festa íntima*. Goiânia: Editora UCG, 2001.

RODRIGUES, Almira. *Mulheres: movimentos sociais e partidos políticos*. Brasília, 2001, mimeo.

RORTY, Richard. *Contingencia, ironía y solidarid*. 1ª reimpresión, Barcelona: Paidós Básica, 1996.

_____. *Esperanza o conocimiento? Una introducción al pragmatismo*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 1997.

_____. Feminism and Pragmatism. In: *Radical Philosophy 59,* Autumn 1991 p.3.

_____. *Objetivismo, relativismo e verdade*. Escritos Filosóficos I. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 1997.

SAU, Victoria.*Un diccionario ideológico feminista*. Barcelona: Icaria, 1981.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação & Realidade*. Porto Alegre.V.20 p.9-255 jul./dez.1995.

SOARES, Luiz Eduardo. A revolução americana. In: *Caderno Mais!* Folha de São de Paulo, 12 de Outubro de 1997.

SÓFOCLES. *Antígona*. Trad. CEGALLA, Domingos Paschoal. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

URL - http://www.utc.edu/~kswitala/feminism/spanishintro.htm/

WOOLF, Virginia. Profissões para mulheres. Trad. Patrícia de Freitas Camargo; José Arlindo E. de Castro. In: *Coleção Leitura*. São Paulo: Paz e Terra, 1997p.46.

